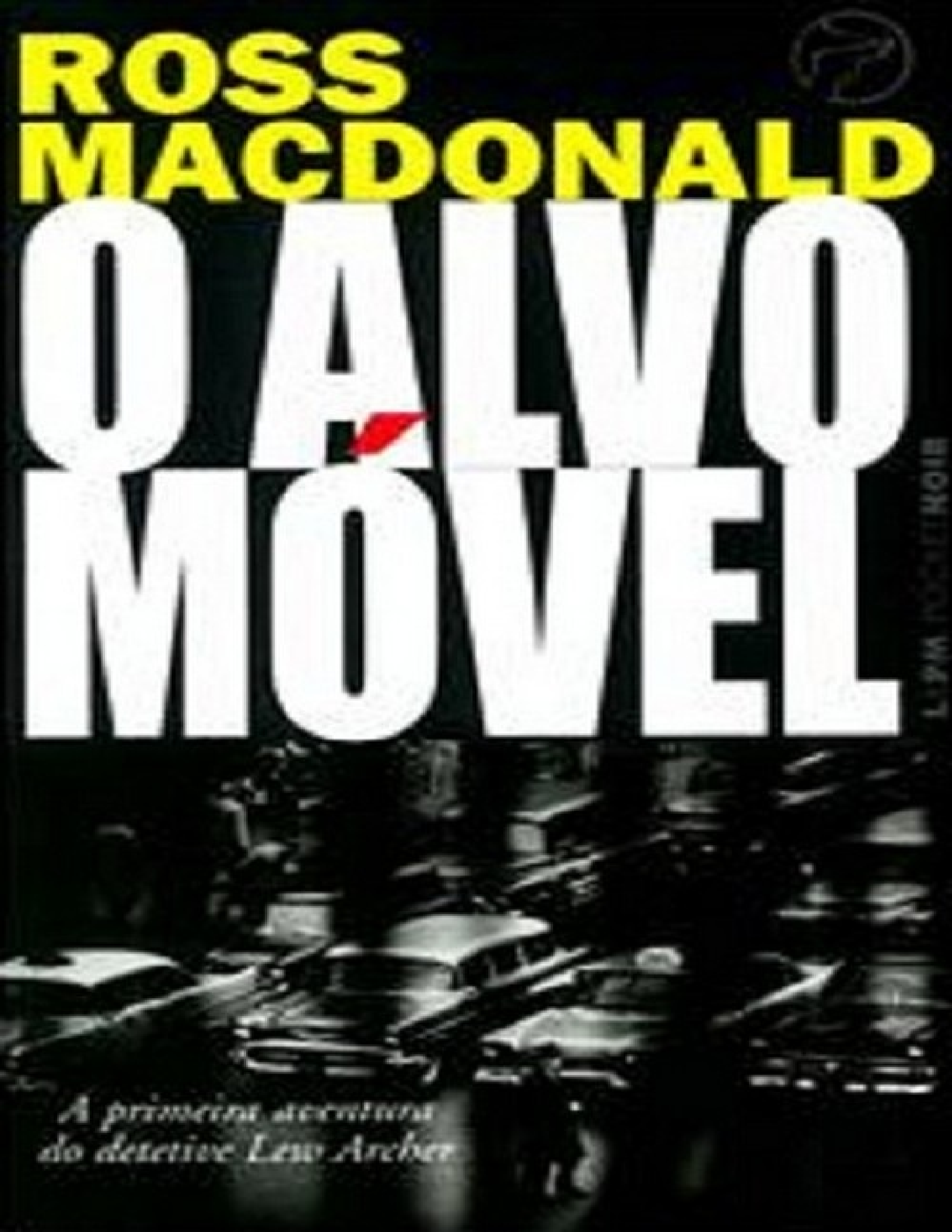
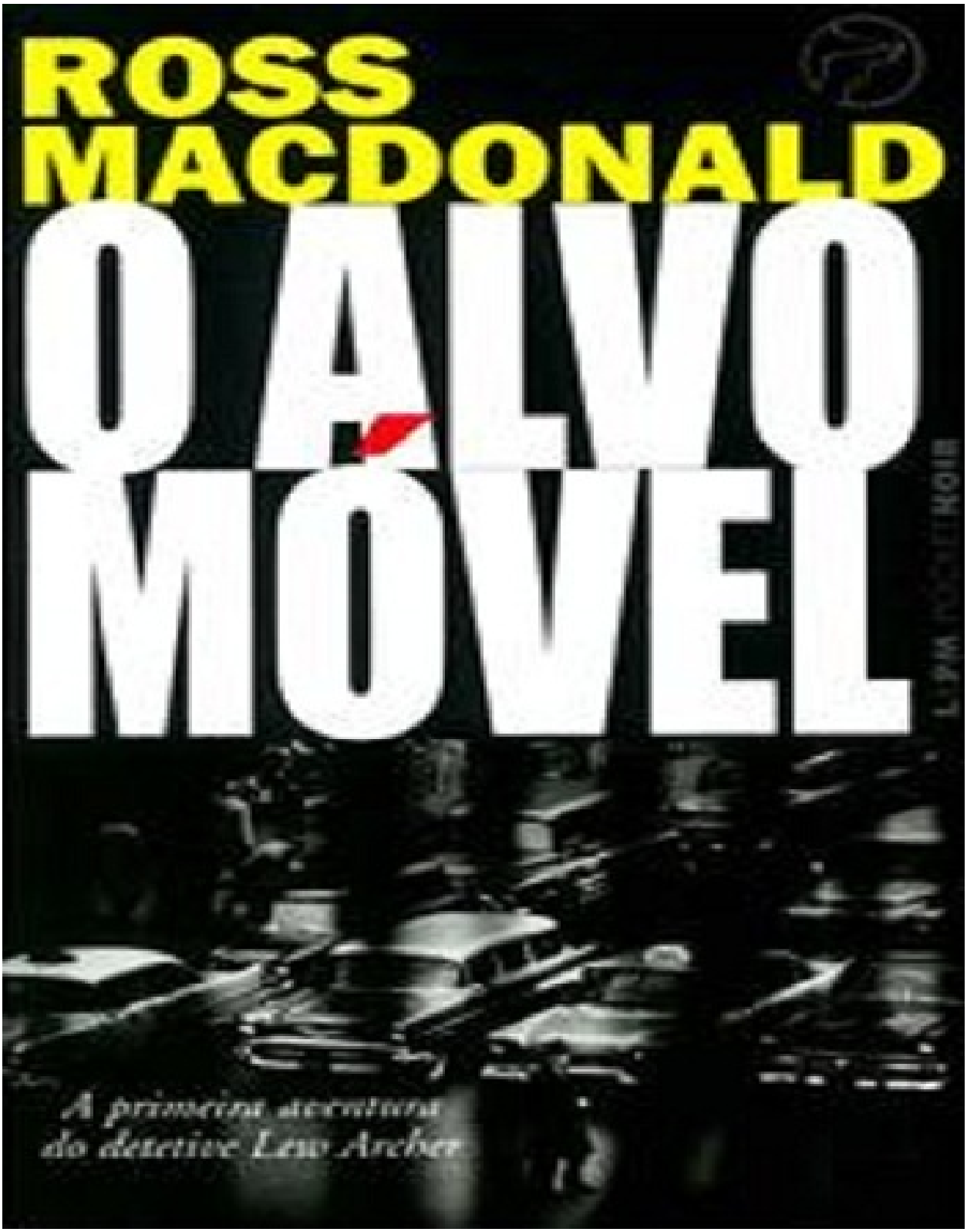
ROSS MACDONALD

O ALVO MÓVEL



A primeira aventura do detetive Lew Archer


ROSS
MACDONALD
O ALVO
MÓVEL
A primeira aventura
do detetive Lew Archer

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

TÍTULO

ROSS MACDONALD

O ALVO MÓVEL

(The Moving Target - 1949)

Detetive Lew Archer #01

* * *

ÍNDICE

Capa
Título
Índice
O Autor
Série
Resumo
Capítulos
- *Um*
- *Dois*
- *Três*
- *Quatro*
- *Cinco*
- *Seis*
- *Sete*
- *Oito*
- *Nove*
- *Dez*
- *Onze*
- *Doze*
- *Treze*
- *Quatorze*
- *Quinze*
- *Dezesseis*
- *Dezessete*
- *Dezoito*
- *Dezenove*
- *Vinte*
- *Vinte e Um*

Vinte e Dois
Vinte e Três
Vinte e Quatro
Vinte e Cinco
Vinte e Seis
Vinte e Sete
Vinte e Oito
Vinte e Nove
Trinta
Trinta e Um

* * *

O AUTOR

ROSS MACDONALD foi pseudônimo de Kenneth Millar, (Los Gatos, Califórnia, 13 de dezembro de 1915 - Santa Barbara, Califórnia, 11 de julho de 1983) um escritor americano-canadense de novelas policiais, famoso por criar o personagem do detetive Lew Archer. Kenneth Millar estudou em Kitchener, Ontário. No colégio, ele conheceu a também escritora Margaret Sturm, com quem se casou em 1938. Eles tiveram uma filha, Linda, que morreu em 1970.

Começou sua carreira literária em revistas, enquanto estudava na Universidade de Michigan, onde concluiu o seu primeiro romance, **TÚNEL ESCURO**, 1944. Em seguida, escreveu sob o pseudônimo de John Macdonald, para evitar confusão com sua esposa, que escrevia com sucesso sob o nome de Margaret Millar. Assim, seu nome se tornou John Ross Macdonald e mais tarde em Ross Macdonald, por causa da homonímia com John D. MacDonald. De 1944 a 1946, foi oficial de transmissão de um navio e, em seguida, voltou para a faculdade, onde fez o seu doutorado em 1951. Durante os anos cinquenta Ross voltou para a Califórnia e passou seus últimos anos em Santa Barbara, onde a maioria de seus livros estão aclimatados.

Macdonald foi o primeiro herdeiro do legado literário de Dashiell Hammett e Raymond Chandler como escritores de novelas policiais. No estilo de seus antecessores acrescenta alguma densidade psicológica e personagens de maior design. Além disso, os quadros de Macdonald são mais complexos e sempre com segredos de família lamentáveis; filhos pródigos são tema recorrente. Inspirado por Francis Scott Fitzgerald, Macdonald escreveu para os fãs do gênero e para críticos literários. William Goldman chamou seus romances "a melhor série de romances policiais escritos por um autor

americano".

* * *

LIVROS DA SÉRIE DETETIVE LEW ARCHER

1. *1949; The Moving Target;*
2. *1950; The Drowning Pool;*
3. *1951; The Way Some People Die;*
4. *1952; The Ivory Grin;*
5. *1954; Find a Victim;*
6. *1956; The Barbarous Coast;*
7. *1958; The Doomsters;*
8. *1959; The Galton Case;*
9. *1961; The Wycherly Woman;*
10. *1962; The Zebra-Striped Hearse;*
11. *1964; The Chill;*
12. *1965; The Far Side of the Dollar;*
13. *1966; Black Money;*
14. *1968; The Instant Enemy;*
15. *1969; The Goodbye Look;*
16. *1971; The Underground Man;*
17. *1973; Sleeping Beauty;*
18. *1976; The Blue Hammer.*

* * *

RESUMO

UM HOMEM só talvez não possa frear a maldade, mas pode sim investigá-la. Lew Archer é esse homem disposto a descobrir a maldade que se camufla na vida cotidiana. Um velho conhecido, advogado, pede a Archer que investigue o desaparecimento de um magnata do petróleo, que imediatamente se configura como um sequestro em troca de cem mil dólares. Era o que, de certa maneira, esperava Archer em uma América possuída pela avareza e pela violência, um tempo em que milharem de homens voltavam da II Guerra Mundial e ainda não conseguiram nem esquecer nem encontrar o seu lugar no mundo. As vidas haviam perdido o valor e o dinheiro substituía qualquer crença. Mas, como Archer sabe, às vezes é preciso olhar mais de perto para se dar conta de que a ambição não reconhece nem pais nem maridos.

A primeira novela de Lew Archer, publicada em 1949, já desenha esse detetive emblemático, duro e profundo que cativou milhões de leitores em todo o mundo.

* * *

Um

O CARRO saiu da autoestrada 101 em direção ao mar. O caminho contornava o pé de uma colina parda e penetrava em um desfiladeiro bordeado por enormes carvalhos.

— Este é o Desfiladeiro do Cabrillo, disse o motorista. Não se via construção alguma.

— As pessoas moram em cavernas?

— Não por Deus! As casas se encontram lá em baixo, junto ao mar.

Um minuto depois comecei a sentir o olor do mar. Uma curva mais e penetramos numa área mais fresca. Um cartaz junto ao caminho dizia: "Propriedade particular: A permissão para transitar pode ser cancelada a qualquer momento.". Os mirrados carvalhos deram passagem a fileiras de ordenadas palmeiras e ciprestes de Monterrey. Captei visões de jardins e belas piscinas, de brancos e profundos pórticos, de telhados com telhas vermelhas. Um Rolls com uma boneca no volante passou junto a nós como um vendaval, e eu me senti irreal. Uma bruma ligeiramente azul embaixo, no desfiladeiro, parecia a fumaça sutil de uma lenta fogueira de dinheiro. Ainda assim o mar esverdeado parecia uma sólida cunha enfiada nas faces do desfiladeiro, azul profundo e polido como uma pedra. Nunca pensara que o Pacífico fosse tão pequeno.

Subimos uma encosta entre guaritas de sentinelas, demos voltas durante um tempo por um labirinto particular e desembocamos em cima do mar, que se dilatava, profundo e amplo, até o Havaí. A casa se levantava, em parte, ao amparo do risco, de costas ao desfiladeiro. Era longa e baixa. Suas alas convergiam em um ângulo obtuso que apontava ao mar como uma branca e maciça ponta de flecha. Através de biombos de arbustos vislumbrei quadras

de tênis e o brilho verde azulado de uma piscina de natação. O motorista deixou para trás o belo caminho e parou junto a uma garagem.

— Aqui moram os homens das cavernas. Prefere a entrada de serviço?

— Não sou vaidoso.

— Quer que espere?

— Me parece melhor. Uma mulher corpulenta que usava uma blusa azul saiu pela entrada de serviço e me observou descer do carro.

— Mr. Archer?

— Sim. Mrs. Sampson?

— Mrs. Kromberg. Sou a governanta. Um sorriso atravessou seu rosto enrugado como um raio de sol sobre um campo arado. — Pode dizer ao seu táxi que se vá. Félix o levará de regresso à cidade quando quiser.

Paguei ao motorista e retirei a minha mala do porta-malas. Sentia-me um pouco perturbado com a mala na mão. Não sabia se o trabalho duraria uma hora ou um mês.

— Guardarei sua mala, disse a governanta. — Não acho que vá precisar dela agora.

Levou-me através de uma cozinha de cromo e porcelana, descemos um vestíbulo que era fresco e abobadado como um claustro e em um pequeno elevador subimos para o segundo andar quando ela apertou o botão correspondente.

— Todos os avanços modernos, disse às suas costas. — Foi necessário instalá-lo quando Mrs. Sampson lesionou as pernas. Custou sete mil e quinhentos dólares.

Se com isso ela tentava me silenciar, teve êxito. Bateu numa porta, depois de atravessar o vestíbulo onde desembocava o elevador. Ninguém respondeu. Em vez de bater outra vez, abriu a porta de acesso a um aposento alto e branco, muito amplo e nu para ser feminino. Em cima da sólida cama havia um relógio, um mapa e também reparei num chapéu de mulher colocado sobre uma cômoda. Tempo, espaço e sexo. Parecia um Kuniyoshi. A cama estava revirada mas vazia.

— Mrs. Sampson! Chamou a governanta. Uma voz gelada lhe respondeu.

— Estou no solarium. O quê quer?

— Mr. Archer chegou... A pessoa a quem telegrafou.

— Diga-lhe que entre. E me traga mais café.

— Saia pelos janelões franceses, disse a governanta, e desapareceu.

Mrs. Sampson levantou os olhos de seu livro quando apareci. Estava recostada em uma espreguiçadeira de costas para o último sol da manhã, com uma toalha ao redor do corpo. Havia uma cadeira de rodas junto a ela; porém, não parecia uma inválida. Era muito magra e estava muito bronzeada; tão escura era a pele, que sua carne parecia impenetravelmente dura. Seu cabelo esbranquiçado se enrolava, apertado, contra a estreita cabeça como flocos de creme batido. Sua idade era tão difícil de calcular como a de uma figura esculpida em rocha. Deixou cair o livro sobre o estômago e me estendeu a mão.

— Tenho ouvido falar de você. Quando Millicent Drew brigou com Clyde, disse que você foi muito útil. Mais não disse exatamente como.

— É uma longa história, disse. — E além disso, muito sórdida.

— Millicent e Clyde são horrorosamente sórdidos, não acha? Estes estetas! Sempre tive a suspeita de que sua amada não fosse uma mulher.

— Nunca penso coisas sobre meus clientes. Junto com a frase esbocei meu sarcástico sorriso, na medida certa, o pior que podia dispensar.

— Nunca fala sobre eles?

— Nunca. Nem sequer com meus clientes. Sua voz era clara e fresca, mas havia algo mórbido em sua risada, uma ligeira sombra de amargura sob a emoção. Olhei dentro de seus olhos, os olhos de alguém assustado e doente que se ocultava no bonito corpo escuro. Baixou as pálpebras.

— Sente-se, Mr. Archer. Deve estar se perguntando por que o chamei. Ou também não se pergunta? Sentei-me em uma cadeira junto à espreguiçadeira.

— Me pergunto, até faço conjeturas. A maior parte de meu trabalho consiste em divórcios. Sou um chacal, como vê.

— Você mesmo está se difamando, Mr. Archer. E não fala como um detetive, não é? Alegro-me de que tenha mencionado o divórcio. Quero

deixar bem claro desde o começo que não é divórcio o que pretendo. Quero que o meu casamento dure. Tentarei sobreviver ao meu esposo.

Nada disse, à espera de algo mais. Vista mais de perto, a sua pele tostada parecia ligeiramente áspera, ligeiramente murcha. O sol batia em suas pernas de cobre, e também em minha cabeça. As unhas de seus pés e mãos estavam pintadas com a mesma cor vermelho sangue.

— Pode ser que não se trate da sobrevivência mais conveniente. Provavelmente, já saiba que não posso mais utilizar as minhas pernas. Eu tenho vinte anos a menos que ele e o sobreviverei. A amargura aparecia em sua voz, sibilante como uma vespa — Isto aqui parece um forno, não é verdade? Não é justo que os homens tenham que usar paletó. Por favor, retire o seu.

— Não, obrigado.

— Você é muito formal.

— O que acontece é que uso uma cartucheira com um revólver. Você mencionou Albert Graves em seu telegrama.

— Foi quem o recomendou. É um dos amigos de Ralph. Poderá falar com ele depois do almoço em relação aos seus honorários.

— Ainda é Promotor do Distrito?

— Não desde o fim da guerra.

— Fiz alguns trabalhos para ele em 40 e em 41. Não o tenho visto desde então.

— Ele me falou. Disse-me que você era bom para encontrar pessoas, Sorriu com um sorriso branco, franco e irresistível em seu rosto escuro. — Você é realmente bom, para encontrar pessoas, Mr. Archer?

— A Seção de Pessoas Desaparecidas é melhor. Seu esposo desapareceu?

— Não desapareceu, exatamente. Só que alguém o acompanhou. Ficaria frenético se eu me dirigisse à Seção de Pessoas Desaparecidas.

— Entendi. Você quer que eu o encontre, se for possível, e que identifique a companhia. E depois?

— Só tem que me dizer onde se encontra e com quem. Eu farei o resto por meus próprios meios. Mesmo doente como estou, falou em tom pungente, — Ainda sem pernas eu o farei.

— Quando desapareceu?

— Ontem à tarde.

— Para onde foi?

— Para Los Angeles. Estava em Las Vegas. Temos um lugar desértico nas proximidades, mas voou para Los Angeles ontem à tarde, com Alan. Alan é o piloto. Ralph tirou o corpo no aeroporto e deixou-o sozinho.

— Por quê?

— Imagino porque estava bêbado. Sua boca vermelha se curvou desdenhosamente. — Alan disse que andara bebendo.

— Você imagina que foi uma farra. Faz isso constantemente?

— Não constantemente, mas faz. Perde suas inibições quando bebe.

— Em relação ao sexo?

— Todos os homens fazem isso, não é verdade? Mas não é isso o que me preocupa. Perde suas inibições em relação ao dinheiro. Ligou-se com alguém há alguns meses e lhe presenteou com uma montanha.

— Uma montanha?

— Completa, com pavilhão de caça e tudo.

— Presenteou a uma mulher?

— Quase desejaria que o tivesse feito. Deu a um homem, mas não se trata do que você está pensando. Um santo homem de Los Angeles com longa barba grisalha.

— Parece algo estranho.

— Ralph? Ficaria maluco se você lhe dissesse isso na cara. Com certeza você deve conhecer o estilo, metade homem, metade jacaré, miserável, com um banco no lugar onde deveria ficar o coração. Isso quando está sóbrio. Mas o álcool o abranda, pelo menos nestes últimos anos. Uns poucos copos e já quer ser novamente um garotinho. Então começa a procurar uma mãe ou um pai que lhe limpe os mucos, seque as lágrimas e lhe dê uma surra quando se comportar mal. Pareço cruel? Simplesmente sou objetiva.

— Sim, disse. — Você quer que o encontre antes que se desfaça de outra montanha. "Vivo ou morto", pensei; mas eu não era seu analista.

— E se estiver com uma mulher, naturalmente, me interessa. Quero saber tudo sobre ela, porque não posso me arriscar a perder um benefício como esse. Perguntei-me quem seria o seu analista.

— Pensa em alguma mulher em particular?

— Ralph não confia em mim... Está muito mais próximo de Miranda que de mim... E não estou capacitada para espioná-lo. Por essa razão é que contrato você.

— Dizendo diretamente.

— Sempre digo as coisas diretamente.

* * *

Dois

UM JOVEM pfilipino, vestido com casaco branco, apareceu pela porta aberta.

— Seu café, Mrs. Sampson. Colocou o serviço de café de prata sobre uma mesa, junto à espreguiçadeira. Era pequeno e rápido. Seu cabelo, sobre a pequena e redonda cabeça, era lustroso e negro como uma capa de graxa.

— Obrigado, Félix. Era amável com seus empregados ou queria me dar essa impressão. — Quer café, Mr. Archer?

— Não, obrigado.

— Talvez prefira alguma bebida.

— Não antes do almoço. Pertenço ao novo tipo de detetives. Ela sorriu e bebeu seu café.

Levantei-me e caminhei até o final do solário aberto ao mar. Por baixo do mesmo as varandas desciam em longos e verdes degraus até a borda, que caía a pico sobre a praia. Escutei um barulho e me inclinei por sobre a grade. A piscina se encontrava na parte mais alta, um ovo de água verde dentro de azulejos azuis. Uma garota e um jovem brincavam e fendiam a água como focas. A garota perseguia o jovem. Que se deixou pegar. Em seguida se converteram em um homem e uma mulher, e a cena em movimento se congelou ao sol. Ela estava de pé detrás dele, com os braços ao redor de sua cintura. Seus dedos se moviam sobre as costelas dele, suaves como os de uma harpista, e se enredavam nos cabelos do peito. O rosto dela se escondia contra as costas dele. O rosto dele se mantinha orgulhoso e colérico. Retirou as mãos dela e escapou. Então o rosto dela ficou terrivelmente vulnerável. Seus braços descaíram como se tivessem perdido sua função. Sentou-se na borda da piscina e colocou os pés sobre a água. O bronzeado jovem saltou para água do trampolim. Ela não olhou. As gotas caiam do seu cabelo como lágrimas e

corriam por seu peito. Mrs. Sampson me chamou.

— Já almoçou?

— Não.

— Almoço para três no pátio, então, Félix. Eu comerei aqui, como sempre. Félix se inclinou levemente e saiu. Ela voltou a chamá-lo. — Traga a fotografia de Mr. Sampson do meu quarto de vestir. Você precisa saber como é ele, não é, Mr. Archer?

O rosto no marco de couro era gordo, de cabelo ralo e grisalho e uma boca atormentada. O nariz largo queria ser franco e só conseguia ser obstinado. O sorriso que enrugava as inchadas pálpebras e enchia as flácidas bochechas era fixo e forçado. Havia visto sorrisos como aquele em muitos velórios: era a outro rosto da morte. Recordava-me que iria envelhecer e morrer.

— Pouca coisa mudou, disse Mrs. Sampson. Félix deixou escapar um pequeno som que poderia ter sido uma risada, um grunhido ou um suspiro. Não me ocorreu nada que pudesse agregar ao seu comentário.

* * *

O almoço foi servido no pátio, um triângulo de lajotas vermelhas entre a casa e o costado da colina. Por cima da parede de contenção, que era de alvenaria, o talude havia sido coberto com plantas, ageratum e lobélia trepadora, uma onda verde-azulada de botões. O jovem se encontrava ali quando Félix me conduziu ao lugar. Perdera a cólera e o orgulho, havia colocado um traje leve e fresco, e parecia descansado. Era o suficientemente alto para que, ao se levantar, eu me sentisse ligeiramente diminuído: seis pés e três ou quatro polegadas. Seu aperto de mão era forte.

— Me chamo Alan Taggert. Piloto o avião de Sampson.

— Lew Archer. Sacudiu ligeiramente um copo com a mão esquerda.

— O que você quer beber?

— Leite.

— Está brincando? Pensei que você era um detetive. Eu prefiro gin. Contraí o hábito em Port Moresby.

— Voou muito?

— Cinquenta e cinco missões. Umas duas mil horas.

— Onde?

— A maior parte do tempo nas Carolinas. Voava um P-38.

Disse isso com uma nostalgia amorosa, como o nome de uma mulher. A garota apareceu nesse momento, vestida com listras negras, estreita donde convinha, larga em outras partes. Sua cabeleira ruiva, penteada e seca, flutuava ao redor da cabeça. Seus grandes olhos verdes eram assombrosos e estranhos em seu rosto bronzeado, como o seriam olhos claros em um índio. Taggert a apresentou. Era Miranda, a filha de Sampson. Acomodou-nos ao redor de uma mesa de metal sob um guarda-chuva de lona que saía do centro da mesa, preso por uma ripa. Observei-a por cima da minha maionese de salmão; uma jovem alta, cujos movimentos tinham certo encanto desajeitado, do tipo das que se desenvolvem lentamente e que vale a pena esperar. Puberdade. Ao redor dos quinze, primeiro casamento ou noivado aos vinte ou vinte e um. Uns poucos anos para o romance e a mudança de garota para mulher; em seguida a formosa e completa mulher de vinte e oito ou trinta. Teria agora ao redor de vinte e um, um pouco velha para ser a filha de Mrs. Sampson.

— Minha madrasta, disse, como se eu tivesse estado pensando em voz alta, — Minha madrasta sempre cai em extremos.

— Se se refere você a mim, senhorita Sampson, sou um individuo muito moderado.

— Não especificamente a você. Tudo o que faz é exagerado. Outros caem do cavalo sem ficar paralisados da cintura para baixo. Mas não Elaine. Acho que é psicológico. Já não é a delirante beleza que era, portanto, se retirou das competições. Cair do cavalo lhe proporcionou a oportunidade de fazê-lo. Pelo que sei, caiu deliberadamente. Taggert riu brevemente.

— Vamos, Miranda. Esteve lendo alguma novela. Ela o olhou com arrogância.

— Você nunca será acusado do mesmo.

— Existe alguma razão psicológica para a minha presença aqui? Perguntei.

— Não estou muito certa do por quê você está aqui. É para seguir a pista de Ralph ou algo pelo estilo?

— Algo pelo estilo.

— Suponho que ela pensa conseguir algo dele. Precisa admitir que é muito exagerado chamar um detetive porque um homem passou uma noite fora.

— Sou discreto, se é isso o que a preocupa.

— Nada me preocupa, disse com suavidade.

— Só fiz uma observação psicológica.

O filipino se movimentava através do pátio. O perpétuo sorriso de Félix era uma máscara atrás da qual sua personalidade esperava, de repente aparecendo furtiva, vinda das profundezes de seus fundos olhos negros. Tinha a sensação de que suas pontiagudas orelhas ouviam todo o que eu dizia, inclusive a minha respiração, e que podiam captar as batidas do meu coração nesse dia luminoso. Taggert parecia incomodado e mudou abruptamente de tema.

— Não acho que tive antes a oportunidade de conhecer um detetive de carne e osso. Eu daria um autógrafo, só que assinaria com um "X". — Seriamente, porém, os detetives me interessam. Alguma vez pensei que me gostaria de ser um... Antes de subir num avião. Imagino que a maioria das pessoas sonha com isso.

— A maioria das pessoas não tem esse sonho.

— Por quê? Não gosta de seu trabalho?

— Me mantêm longe das confusões. Vejamos, você se encontrava com Mr. Sampson quando ele desapareceu de vista?

— Sim.

— Como estava vestido?

— Roupa esportiva. Casaco de lã, camisa marrom, calças, sandálias. Não usava chapéu.

— E quando foi isso, exatamente?

— Ao redor das três e meia, quando aterrissamos em Burbank, ontem à tarde. Eu precisava descer outro pacote antes que estacionasse o avião. Faço sempre isso; se tratava de alguns instrumentos especiais e não queríamos que os roubassem. Mr. Sampson foi ligar para o hotel para que enviassem um carro.

— Que hotel?

— O Valério.

— Na cidade de Wilshire?

— Ralph tem uma casa lá, disse Miranda. — Gosta dali porque é um lugar tranquilo.

— Quando me dirigi à entrada principal, continuou Taggert, — Mr. Sampson já saíra. Não pensei muito a respeito do assunto. Estivera bebendo, mas isso não era algo fora do comum, e ainda podia se controlar. Porém, isso me atrapalhou muito. Lá estava eu, encalhado em Burbank, simplesmente porque ele não pôde esperar cinco minutos. Custa três dólares ir de táxi até o Valério, e eu não podia ter esse gasto. Deu uma olhada até Miranda para ver se estava falando demasiado. Ela parecia se divertir. — De qualquer maneira, continuou ele, — Fui até o hotel no ônibus. Três ônibus, ao redor de meia hora em cada um. E depois, ele não se encontrava lá. Esperei quase até o escurecer, e então, voei para casa.

— Em algum momento ele esteve no Valério?

— Não. Não esteve lá.

— E sua bagagem?

— Não levava bagagem.

— Então, não planejava passar a noite?

— Não é pertinente a pergunta, interveio Miranda. — Tinha tudo o que podia precisar na casa.

— Talvez se encontre agora lá.

— Não. Elaine esteve telefonando hora após hora. Voltei-me para Taggert.

— Não disse nada acerca de seus planos?

— Ia passar a noite no Valério.

— Quanto tempo esteve só enquanto você estacionava o avião?

— Quinze minutos, mais ou menos. Não mais de vinte.

— O carro despachado do Valério chegou muito rápido. Pode ser que não tenha ligado para o hotel.

— Alguém pode ter se encontrado com ele no aeroporto, disse Miranda.

— Tinha muitos amigos em Los Angeles?

— Em sua maioria relações comerciais. Ralph nunca foi demasiado dado com as pessoas.

— Você pode me dar seus nomes? Ela moveu sus mãos frente a seu rosto como se os nomes fossem insetos.

— Seria melhor que perguntasse a Albert Graves. Ligarei para o seu escritório e lhe direi que você vai vê-lo. Félix o levará. E, depois, imagino que

você voltará a Los Angeles.

— Parece ser o lugar lógico por onde começar.

— Alan pode levá-lo de avião. Colocou-se de pé. — Não tem nada especial para fazer esta tarde, não é, Alan?

— Pelo contrário, disse ele. — Não terei a oportunidade de me aborrecer. Ela se dirigiu para o interior da casa, sem conseguir esconder a raiva. Tinha certa presunção, certa arrogância de estudante, e eu sabia.

— Ela precisa de um homem alto. Vocês fazem um lindo par.

— Certo, certo. Balançou a cabeça negativamente de um lado para o outro. — A maioria das pessoas tira conclusões em relação comigo e Miranda.

— Inclusive Miranda?

— Acontece que estou interessado em outra pessoa. Ninguém que a você possa importar. Nem tampouco a esse maldito condenado. Referia-se a Félix, que estava no caminho que levava à cozinha. Subitamente desapareceu. — Esse bastardo me põe nervoso, disse Taggert. — Sempre está me rodeando e escutando o que se fala.

— Talvez tenha algum interesse. Suspirou.

— É uma das coisas que me irritam neste lugar. Almoço com a família, é verdade, mas não acredito que deixo de ser um empregado como os outros. Um maldito chofer do ar. "Não para Miranda", pensei, mas não disse.

— É um trabalho bastante suave, não é? Sampson não pode ficar voando a maior parte do tempo.

— Voar não me irrita. Eu gosto. O que não gosto é cuidar do velho.

— Precisa que cuidem dele?

— É infernal. Não podia contar a você diante de Miranda, mas na semana passada, no deserto, você teria pensado que ele tentava se matar bebendo. Uma garrafa após a outra. Quando bebe desse modo tem delírios de grandeza, e me põe doente com as suas histórias de bêbado. Depois fica sentimental. Quer me adotar e me comprar uma línea aérea. Sua voz ficou áspera e pesada, em uma tentativa de imitação satírica de um velho bêbado: — Eu cuidarei de você, Alan, meu jovem. Terá sua linha aérea.

— Ou uma montanha?

— Não brinque com a linha aérea. Eu também poderia fazê-lo. Mas não dá nada quando está sóbrio. Nem dez miseráveis centavos.

— O que o leva a ser assim?

— Não poderia dizer com certeza. Essa rameira, lá de cima, poderia por

maluco a qualquer um. Além disso perdeu um filho na guerra. Aí é onde eu entro, imagino. Na realidade, ele não precisa de um piloto permanente. Bob Sampson também era aviador. Foi derrubado em Sakashima. Miranda acredita que isso terminou de quebrar o velho.

— Como Miranda se dá com ele?

— Muito bem, mas tiveram umas brigas ultimamente. Sampson tentou levá-la a se casar.

— Com alguém em particular?

— Albert Graves. Disse neutralmente, nem a favor nem contra.

* * *

Três

A AUTOESTRADA entrava em Santa Teresa pelo extremo da cidade, junto ao mar. Atravessamos uma área suburbana, casas miseráveis e buracos que chamavam de lojas, sujo, sem calçadas, garotos negros e pardos brincando por entre o pó. Mais próximo da rua principal se via alguns hotéis com cartazes luminosos, como merengue sobre uma torta; casas pintadas de vermelho berrante, e uma série de sórdidos bares onde se congregavam os bêbados. A metade dos homens que se via na rua tinham corpos de índios e rostos de marroquinos. Depois do Desfiladeiro do Cabrillo me sentia como um homem vindo de outro planeta. O Cadillac era um espaçoso barco que apenas tocava o chão. Félix dobrou à esquerda na rua principal, se afastando do mar. A rua mudava à medida que subíamos. Homens com camisas coloridas e roupas de algodão listrado, mulheres de calças e vestidos soltos, com diferentes graus de barriga, entravam e saíam das lojas espanholas e dos edifícios de escritórios. Ninguém olhava as montanhas que se elevavam por cima da cidade, mas as montanhas estavam lá. Taggert havia ficado em silêncio, sem expressão alguma em seu belo rosto.

— Está gostando? Perguntou-me.

— Não preciso gostar. E você?

— Muito morto, me parece. As pessoas vêm aqui para morrer, como os elefantes. Mas, depois, continuam vivendo... Se podemos chamar isso de vida.

— Você deveria ter visto antes da guerra. É um formigueiro de atividade em relação com o que era. Não havia nada exceto velhas ricas se agarrando aos centavos e diminuindo o salário dos assistentes de jardineiro.

— Não sabia que você conhecia a cidade.

— Trabalhei em um par de casos com Bert Graves... Quando ele era o Procurador do Distrito.

Félix estacionou em frente a uma arcada de estuque amarelo que levava ao pátio de um edifício de escritórios. Abriu a divisória de vidro.

— O escritório de Mr. Graves se encontra no segundo andar. Pode utilizar o elevador.

— Esperarei aqui fora, disse Taggert.

* * *

O escritório de Graves era um contraste em relação ao sujo cubículo do tribunal onde costumava preparar os seus casos. A sala de espera era decorada com papel de parede cor verde frio e em madeira branqueada. Uma recepcionista ruiva com olhos verde frio que complementava a decoração perguntou:

— Tem entrevista marcada, senhor?
— Só diga a Mr. Graves que é Lew Archer.
— Mr. Graves está ocupado neste momento.
— Esperarei.

Sentei-me em uma cadeira superornamentada e pensei em Sampson. Os brancos dedos da ruiva dançavam nas teclas da máquina. Estava inquieto e ainda me sentia irreal, contratado para buscar um homem que nem sequer conseguia imaginar, um magnata do petróleo que bebia muito. Apanhei a sua fotografia do meu bolso e a olhei novamente. Devolveu-me o olhar. A porta interior se abriu e uma velha senhora saiu acenando e rindo. Seu chapéu era algo que parecia ter encontrado na praia, jogado na água. Havia diamantes no relógio que usava preso em seu peito de seda púrpura. Graves seguiu-a. Ela dizia o quanto inteligente ele era, muito inteligente e útil. Ele fingia escutar. Quando ele me viu, piscou um olho por cima do chapéu. O chapéu foi embora e eu me coloquei de pé.

— Estou contente em vê-lo, Lew. Não me bateu nas costas, mas a sua mão continuava tão dura como sempre.

Os anos o haviam mudado, porém. Seu cabelo recuava nas têmporas, os

pequenos olhos cinzentos estavam rodeados de pequenas rugas. A poderosa mandíbula azulada estava menos firme dos lados, no começo das bochechas. Não era agradável lembrar que ele não era nem sequer cinco anos mais velho que eu. Mas Graves havia percorrido o caminho e esse é um processo envelhecedor. Disse que eu também me alegrava de vê-lo. Era verdade.

— Devem ter se passado seis ou sete anos, disse.

— Algo assim. Então já não é mais Promotor. Casou?

— Ainda não. Inflação. Sorriu sarcástico. — Como está Sue?

— Pergunte ao seu advogado. Não gostava das minhas amizades.

— Lamento saber, Lew.

— Não lamente. Mudei de assunto. — Muitos processos?

— Não desde a guerra. Não se paga bem numa cidade como esta.

— Algo devem pagar, porém. Olhei ao redor da sala. A ruiva fria se permitiu um sorriso.

— Isto é só fachada. Ainda sou um advogado que luta com dificuldades. Mas estou aprendendo a falar com as velhinhas. Seu sorriso era brincalhão. — Entre, Lew.

O escritório interior era maior, mais frio, e estava pesadamente mobiliado. Havia lâminas de caça sobre duas das nuas paredes. As outras estavam cobertas por estantes de livros. Parecia menor por trás de sua maciça mesa.

— O que aconteceu com a política? Perguntei. — Ia ser Governador, se lembra?

— O partido se fragmentou na Califórnia. De qualquer maneira, estava farto da política. Dirigi uma cidade na Baviera durante dois anos. Governo Militar.

— Político, hein? Mostrei-me inteligente. — Mas o que aconteceu com Ralph Sampson?

— Você falou com a Sra. Sampson ?

— Sim. Foi uma verdadeira experiência. Mas ainda não vi a ponta deste assunto. Acaso você sim?

— Eu deveria. Convenci-a a respeito.

— Por quê?

— Porque Sampson poderia precisar de proteção. Um homem com

cinco milhões de dólares não deveria correr os riscos que ele corre. É um alcoólatra, Lew. Vem piorando desde que o filho morreu, e, às vezes, temo que esteja perdendo o controle. Ela lhe contou acerca de Claude, a pessoa a quem presenteou o pavilhão de caça?

— Sim.

— Claude parece inofensivo, mas o próximo pode ser que não seja. Não preciso lhe falar de Los Angeles. Não é segura para um bebedor de certa idade.

— Não, confirmei. — Não precisa me falar. Mas Mrs. Sampson parece acreditar que foi fazer uma excursão de prazer.

— Eu a incentivei para que pensasse isso. Ela não gastaria dinheiro para protegê-lo.

— Mas você sim.

— O dinheiro é dela. Eu sou o advogado dele. Eu gosto do velho. "E quer ser seu genro", pensei.

— Quanto ela pagaria?

— O que você cobrar. Cinquenta por dia mais os gastos?

— Que sejam setenta e cinco. Não gosto dos imponderáveis neste caso.

— Sessenta e cinco. Ele riu. — Tenho que proteger o meu cliente.

— Eu não vou discutir. Pode ser que nem sequer se trate de um caso. Sampson poderia estar com amigos.

— Tenho tentado me comunicar com eles. Não tem muitos amigos aqui. Darei uma lista de contatos, mas eu não perderia tempo com ela, exceto como último recurso. Seus verdadeiros amigos se encontram no Texas. Lá é onde fez o dinheiro.

— Está levando tudo isto muito a sério, disse. — Por quê não dá mais um passo e vai à polícia?

— Quer tirar algum trabalho de cima?

— Sim.

— Não é possível, Lew. Se a polícia o encontrar para mim, eu me queimaria em um minuto. E não posso estar certo de que não se encontre com uma mulher. No ano passado encontrei-o em um prostíbulo de cinquenta dólares em San Francisco.

— O que você foi fazer lá?

— Procurá-lo.

— Isto cheira cada vez mais a divórcio, disse. — Mas Mrs. Sampson insiste em que não se trata disso. Não entendi bem... Ou não a entendo.

— Não espere isso. Conheço-a durante anos e não a entendo. Mas consigo manejá-la, até certo ponto. Se algo espinhoso acontece, vem a mim. Tem alguns sentimentos dominantes, como a ganância e a vaidade. Pode contar com isto quando tratar com ela. E não quer o divórcio. Prefere esperar e herdar todo o dinheiro, ou a metade. Miranda herda a outra metade.

— Foram sempre estes os seus sentimentos dominantes?

— Pelo menos desde que a conheci, quando casou com Sampson. Tentou fazer uma carreira antes disto; dança, pintura, desenho de modas. Sem talento. Foi a amada de Sampson durante um tempo, e finalmente o agarrou e casou com ele como último recurso. Há seis anos.

— E o quê aconteceu com as suas pernas?

— Caiu de um cavalo que tentava treinar, e bateu a cabeça contra uma pedra. Não andou mais desde então.

— Miranda acha que ela não quer andar.

— Falou com Miranda? Seu rosto se iluminou. — Não é uma garota maravilhosa?

— Claro que é. Levantei-me. — Parabéns. Ruborizou-se e nada disse. Nunca havia visto antes o Graves ruborizado. Senti-me ligeiramente perturbado.

Ao descer pelo elevador automático me perguntou:

— Ela disse algo acerca de mim?

— Nem uma palavra.

— É uma garota maravilhosa, repetiu. Aos quarenta anos estava apaixonado. De repente ficou sério quando chegamos no carro. Miranda estava no banco de trás com Alan Taggert.

— Decidi voar para Los Angeles com vocês, ela disse. — Alô, Bert.

— Alô, Miranda. Ele lhe deu um olhar machucado. Ela estava olhando para Taggert. Taggert não olhava para ninguém em particular.

Era um triângulo, mas não equilátero.

* * *

Quatro

DECOLAMOS com o vento da costa que varria o aeroporto e ascendemos para o passo mais meridional das montanhas. Santa Teresa era um mapa colorido sobre a encosta das montanhas. Os veleiros no porto pareciam pedacinhos de sabão branco em uma travessa tingida com azul. O ar era muito límpido. Os picos se elevavam com tal nitidez que pareciam de papier-maché e que eu poderia atravessá-los com meu dedo. Em seguida nos elevamos por cima deles dentro de um ar mais gelado e vimos a solidão das montanhas ao longo de um horizonte de cinquenta milhas.

O avião desceu gradualmente e se desviou por sobre o mar. Tinha quatro assentos e era equipado para voos noturnos. Eu estava no assento traseiro. Miranda em frente, à direita de Taggert. Ela observava a mão direita dele, atenta sobre a alavanca. Parecia orgulhoso de manter o avião tranquilo e estável.

Num poço de ar caímos ao redor de cem pés. A mão esquerda dela se agarrou ao joelho dele. Ele a deixou permanecer ali. O que era óbvio para mim deve de ter sido para Albert Graves. Miranda seria de Taggert se ele quisesse, corpo e alma. Graves estava perdendo tempo, construía castelos no ar que se desmoronariam penosamente. Sabia o bastante acerca dele para compreendê-lo. Miranda constituía tudo o que ele havia sonhado: dinheiro, juventude, seios em flor, a beleza total. Havia metido na cabeça que precisava tê-la. Durante toda a vida haviam metido coisas em sua cabeça... E haviam conseguido.

Era filho de um fazendeiro de Ohio. Quando tinha quatorze ou quinze anos o pai perdeu a fazenda e morreu pouco depois. Bert manteve a mãe fazendo pneus em uma fábrica de borracha, durante seis anos. Quando ela

morreu entrou num colégio onde obteve altas notas. Antes dos trinta havia se formado como advogado na Universidade de Michigan. Passou um ano no corpo legal de Detroit e decidiu se dirigir para o oeste. Estabeleceu-se em Santa Teresa porque nunca havia visto montanhas nem havia nadado no mar. Seu pai sempre havia pensado em ir para a Califórnia e Bert herdou o sonho do meio oeste... Que incluía a filha de um milionário do petróleo do Texas. O sonho estava intacto. Havia trabalhado muito para ter tempo de se dedicar as mulheres. Magro, Promotor do Estado... Preparava seus casos como se estivesse montando as bases da sociedade. Eu sabia por que o havia ajudado. Seu trabalho no fórum havia sido citado por um juiz da suprema corte do estado como um modelo de jurisprudência forense. E agora, aos quarenta, Graves havia decidido bater a cabeça contra a parede. Porém talvez escalasse a parede, ou a parede caísse por si só.

Taggert sacudiu a perna como um cavalo espantando as moscas. O avião virou e retomou o curso. Miranda retirou a mão. Com certo rubor de cólera que lhe acendia até as orelhas, Taggert empurrou a alavanca e subiu... Subiu como se pudesse deixá-la para trás a ela e ficasse sozinha no coração do céu. O termômetro no teto desceu um pouco. A oitocentos pés de altura podia divisar Catalina, lá longe, à direita. Depois de alguns minutos viramos à esquerda, para a fumaça branca de Los Angeles. Gritei por cima do ronco do motor:

— Pode descer em Burbank? Quero fazer algumas perguntas.
— Certo.

O calor do verão no vale saiu ao nosso encontro quando descemos em círculos. O calor jazia como uma cinza fina sobre as queimadas de lixo de campos e subúrbios pouco construídos, freando os pequenos carros nas ruas e avenidas, fazendo o ar ficar mais carregado. O impalpável pó branco invadiu meu nariz e secou minha garganta. À secura da garganta acompanhava o sentimento que sempre me invadia, ainda depois de só meia jornada, quando retornava à cidade.

O manobrista do estacionamento no aeroporto usava presilhas de arame sobre as mangas de sua camisa de listas vermelhas. Um gorro amarelo caía quase verticalmente da parte posterior de sua cabeça grisalha. As temporadas

de sol e os abusos haviam lhe dado uma cara colorida, colérica e um ar de grande calma. Lembrou de Sampson quando lhe mostrei a fotografia.

— Sim, esteve aqui ontem. O adverti porque estava um pouco alto. Não muito, ou eu teria que chamar um policial. Só um par de copos a mais.

— Certo, disse. Estava com alguém?

— Eu, pelo menos, não vi ninguém.

Uma mulher que usava algumas peles de raposa que pareciam ter morrido de calor, saiu da fila, ao chegar à curva.

— Preciso me dirigir à cidade imediatamente.

— Sinto muito, senhora. Precisará esperar a sua vez.

— Estou dizendo que é urgente.

— Precisará esperar a sua vez, disse com voz monótona. — Estamos sem pessoal, não está vendo? Voltou-se novamente para mim.

— Algo mais? Esse indivíduo está com problemas?

— Não poderia lhe dizer. Como saiu daqui?

— De carro; uma limusine preta. Adverti-o porquê não usava placa alguma. Poderia ser de algum dos hotéis.

— Havia alguém dentro?

— Só o motorista.

— Você o conhece?

— Não. Conheço alguns dos motoristas dos hotéis, mas sempre estão mudando. Este era um indivíduo pequeno, acho, um tanto pálido.

— Você não lembra da marca ou o do modelo?

— Tenho os olhos abertos, mas não sou um gênio.

— Obrigado. Dei-lhe um dólar. — Eu também não sou.

Subi para o bar, donde Miranda e Taggert estavam sentados como estranhos que se encontraram por acidente.

— Liguei para o Valério, disse Taggert. — A limusine estará aqui num minuto.

A limusine, quando chegou, era conduzida por um pequeno e pálido homenzinho vestido com um terno azul brilhante, como o de um árbitro, e

usava um gorro do gênero. O manobrista disse que não era o homem que havia levado Sampson no dia anterior. Sentei-me na frente, junto a ele. Virou-se com uma rapidez nervosa, cara cinzenta, queixo côncavo, olhos convexos.

— Sim, senhor? A pergunta soou amável e deferente.

— Vamos para o Valério. Você estava de serviço ontem à tarde?

— Sim, senhor. Moveu a alavanca de mudança.

— Alguém mais estava?

— Não, senhor. Há um outro funcionário no turno da noite, mas não chegou antes das seis.

— Você recebeu alguma ligação do aeroporto de Burbank ontem à tarde?

— Não, senhor. Uma expressão preocupada lhe invadia os olhos. — Não creio que tenha havido alguma.

— Porém você não está certo.

— Sim, senhor. Estou certo. Não fiz este caminho.

— Você conhece Ralph Sampson?

— Do Valério? Sim, senhor. Por certo que sim.

— Viu-o ultimamente?

— Não, senhor. Já faz algumas semanas.

— Diga-me, quem anota as ligações que fazem para você?

— A operadora. Espero que não tenha acontecido algo ruim, senhor. O senhor Sampson é seu amigo?

— Não, disse. — Sou um de seus empregados.

O resto do caminho dirigiu em silêncio, lamentando os "senhor" desperdiçados. Quando desci lhe dei uma gorjeta de um dólar para confundi-lo. Miranda pagou a viagem.

— Gostaria de ver o bangalô, lhe disse no vestíbulo do hotel. — Porém em primeiro lugar quero falar com a operadora.

— Apanharei a chave e o esperarei.

A operadora era uma gelada virgem que sonhava com os homens à noite e os odiava durante o dia.

— Sim?

— Ontem à tarde você recebeu uma ligação solicitando uma limusine do aeroporto de Burbank.

— Não respondemos a perguntas desse tipo.

— Não é uma pergunta. É uma afirmação.

— Estou muito ocupada, disse. Seu tom soava irritado; seus olhos eram pequenos, duros e brilhantes como moedas.

Coloquei uma nota de um dólar sobre a mesa debaixo de seu braço. Olhou-a como se estivesse contaminada.

— Terei que chamar o administrador.

— Está bem. Trabalho para Mr. Sampson.

— Mr. Ralph Sampson? Gorjeou, trinou.

— Sim.

— Porém foi ele quem fez a ligação!

— Já sei. O que aconteceu?

— Cancelou-a quase imediatamente, antes que eu tivesse oportunidade de avisar o motorista. Mudou de ideia?

— Aparentemente. Está certa de que era ele nas duas vezes?

— Oh sim, disse. — Conheço Mr. Sampson bem. Há anos que vem.

Apanhou o sujo dólar como para que não contaminasse a mesa e o colocou em uma barata carteira de plástico. Em seguida se virou para o PABX, que tinha três luzes vermelhas acesas.

Miranda se levantou quando retornei o vestíbulo. Era silencioso e rico, belamente atapetado, sofás profundos e funcionários vestidos com paletós de cor malva à espera de ordens. Moveu-se como uma ninfa jovem e viva num museu.

— Ralph não esteve aqui há aproximadamente um mês. Perguntei ao assistente do administrador.

— Deu-lhe a chave?

— Claro. Alan foi abrir o bangalô.

Segui-a por um corredor que terminava em uma porta de ferro forjado.

Os terrenos de trás do edifício principal se dividiam mediante pequenas avenidas, com bangalôs de ambos os lados, construídos entre áreas de grama e canteiros de flores. Constituíam uma espécie de cidadela fechada por paredes altas, como as de uma prisão. Porém os prisioneiros que se encontravam entre estas paredes podiam se dar uma muito boa vida. Havia quadras de tênis, uma piscina de natação, um restaurante, um bar, um night-clube. Tudo o que precisavam era uma carteira cheia ou um talão de cheques em branco.

O bangalô de Sampson era maior que a maioria e tinha mais varanda. A porta do lado estava aberta. Atravessamos um hall com uma desordem de cadeiras espanholas que pareciam incômodas e entramos em uma grande sala com um alto teto de vigas de carvalho. Sobre o divã, em frente o apagado fogão de lenha, Taggert estava inclinado sobre uma guia telefônica.

— Pensei que poderia ligar para uma namoradinha que eu tenho. Olhou Miranda esboçando um sorriso. — Já que preciso me distrair de alguma maneira.

— Achei que ficaria comigo. A voz dela, era alta e incerta.

— Verdade?

Olhei ao redor do quarto, que era de decoração impessoal, como a maioria dos quartos de um hotel.

— Onde seu pai guarda suas coisas?

— Em seu quarto, imagino. Não guarda muito aqui. Algumas mudas de roupa. Levou-me até a porta do quarto, do outro lado do hall, e acendeu a luz.

— Mas, o que ele fez aqui? Disse ela.

O quarto não tinha janelas. As luzes indiretas eram vermelhas. As paredes estavam cobertas com doze painéis vermelhos que caíam em pregas desde o teto até o piso. Um pesado sofá e a cama no centro do quarto tinham forrações do mesmo vermelho escuro. O toque de graça era um espelho circular no teto, que repetia o quarto invertido. Minha memória lutava na escuridão vermelha e encontrou a comparação que procurava: um bordel de estilo napolitano que visitei na cidade do México... Num caso.

— Não me espanta que precisasse beber, se dormia aqui.

— Não era assim antes, disse. — Deve ter mandado reformar. Movi-me ao redor do quarto. Cada um dos doze painéis era bordado a ouro com um dos doze signos do zodíaco: Sagitário, Touro, Gêmeos e os outros nove.

— Seu pai se interessa por astrologia?

— Sim, se interessa. Disse isso envergonhada. — Tentei conversar com ele, mas de nada valeu. Afundou-se num poço muito profundo quando Bob morreu. Não imaginava que havia chegado tão longe, claro.

— Ele vai a um astrólogo particular? A cidade está cheia deles.

— Não saberia lhe dizer.

Encontrei a entrada do closet atrás de um painel móvel. Estava repleto de roupas, camisas e sapatos, desde vestimentas de golfe até roupa de marca. Percorri sistematicamente os bolsos. No bolso do peito de um paletó encontrei uma carteira. A carteira continha um maço de notas e uma só fotografia. Segurei-a sob a luz que iluminava o closet. Era um rosto sibilino, com olhos escuros e tristes e uma boca cheia e deprimida. De cada lado, o cabelo escuro caía direito até o alto decote de um vestido preto do qual emergiam artísticos ombros na borda da fotografia. Uma mão feminina havia escrito com tinta preta, atravessando as sombras: "Para Ralph de Fay, com agradecimentos". Era um rosto que eu devia conhecer. Recordava os melancólicos olhos, mas nada mais. Coloquei novamente a carteira no paletó de Sampson e adicionei a fotografia na minha coleção.

— Olhe, disse Miranda, quando voltei ao quarto. Estava deitada sobre a cama com a saia acima dos joelhos. Seu corpo, à luz rosada, parecia que ardia. Fechou os olhos. — O que lhe recorda este quarto de loucos? "Seu cabelo se incendiava nas pontas. Seu rosto até acima estava hermético e morto. E seu magro corpo ardia, como um sacrifício num altar".

Cruzei o quarto e lhe coloquei uma mão sobre um ombro. A luz avermelhada brilhou através da minha mão e me recordou que tinha um esqueleto.

— Abra os olhos. Ela os abriu, sorrindo.

— Você escutou? O sacrifício no altar pagão...

— Você lê livros demais, eu disse.

Minha mão ainda estava sobre seu ombro, consciente da tostada carne. Ela se voltou até mim e me arrastou para abaixo. Seus lábios ardiam em meu rosto.

— O que está acontecendo? Perguntou Taggert da porta. A luz vermelha sobre seu rosto o fazia parecer encolerizado, mas sorria com seu meio sorriso. O incidente o divertia. Levantei-me. Não era engraçado. Miranda era a coisa mais fresca que havia tocado em muitos dias. Fez com que o sangue corresse por minhas veias como cavalos na pista.

— O que é isso tão duro no bolso de seu paletó? Disse Miranda com clareza.

— Uso um revólver. Apanhei a fotografia da mulher morena e mostrei-a a ambos. — Alguma vez a viram antes? Assina "Fay".

— Nunca a vi, disse Taggert.

— Não, disse Miranda. Sorria pelo rabo do olho e secretamente, como se tivesse ganho um ponto.

Havia me utilizado para enciumá-lo e isso me enojava. O quarto vermelho me encolerizava. Era como o interior de um cérebro doente, sem olhos para olhar para fora e nada para onde olhar, exceto seu próprio reflexo invertido. Saí.

* * *

Cinco

APERTEI o timbre e, em minuto, uma rica voz de mulher perguntou pelo porteiro eletrônico:

— Quem é, por favor?

— Lew Archer. É o Morris?

— Não. Entre. Fez soar a cigarra que abria a porta interior do vestíbulo do edifício de departamentos. Estava me esperando quando cheguei ao alto das escadas; era uma ruiva gorda e descolorida, felizmente casada.

— Há tempo que não nos vemos. Morris dormiu durante toda a manhã. Ainda está tomando o café.

Dei uma olhada no meu relógio. Eram três e meia. Morris Cramm trabalhava de noite como colunista num jornal, das sete da tarde até às cinco da manhã. Sua esposa me conduziu através de um living-quarto combinado, repleto de papéis e de livros, e com a cama por fazer. Morris estava sentado à mesa, na cozinha, vestido com um roupão, observando dois *ovos* fritos que, por sua vez, o olhavam. Era um pequeno e moreno homenzinho com agudos olhos escuros atrás de grossas lentes. E atrás dos olhos havia um cérebro registrador que continha todas as estatísticas de importância de Los Angeles.

— Bom dia, Lew, disse, sem se levantar. Sentei-me em frente a ele. — Já entrou a tarde.

— É de manhã para mim. O tempo é um conceito relativo.

— No verão, quando vou dormir o sol amarelo brilha por cima da minha cabeça... Robert Louis Stevenson. Que lóbulo do meu cérebro quer conectar nesta manhã?

Italianizou a última palavra, e Mrs. Cramm a confirmou ao me servir

uma xícara de café. Quase me convenceram, de que recém me levantara depois de haver sonhado com os Sampson. No que me importasse, teriam me convencido de que os Sampson eram um sonho. Mostrei a fotografia assinada "Fay".

— Conhece esse rosto? Tenho a impressão de tê-la visto antes, e isso pode significar que foi em algum filme. É do tipo histriônico. Ele estudou o pedaço de cartolina.

— Vampiro aposentado. Quarentona, mas a fotografia deve ter uns dez anos. Fay Estabrook.

— Conhece-a? Ele deu uma estocada num ovo e observou a gema amarela em seu prato.

— Já a vi por aí. Foi uma estrela na era de Pearl White.

— O que faz para se manter?

— Não muito. Vive tranquila. Foi casada uma ou duas vezes. Venceu a repugnância e começou a comer os ovos.

— Está casada agora?

— Não poderia lhe dizer. Não acho que o último tenha durado. Ganha algum dinheiro fazendo papéis sem importância. Simeón Kuntz lhe arruma um lugar em seus filmes. Foi seu diretor na época antiga.

— Não poderia ser astróloga, à margem?

— Poderia ser. Furou por vicio o segundo ovo. Ficava humilhado quando não conhecia a resposta a uma pergunta. — Não a tenho registrada, Lew. Já não é mais importante. Porém devo ter alguma entrada. Há uma impressão moderada. Já a vi no Chasen.

— Tudo por si mesma, sem dúvida. Levantou seu pequeno e sério rosto; mastigava as torradas, como um camelo.

— Está inspecionando ambos os lóbulos, filho de um cão. Me pagará por utilizar meus lóbulos?

— Claro, disse. Ocupo-me de um caso caro. Mrs. Cramm revoluteou, interesseira, por sobre mim e me serviu uma xícara de café.

— Já a vi mais de uma vez com um homem de tipo inglês.

— Descrição?

— Cabelo branco prematuro, olhos azuis. Mediana estatura e magro. Bem vestido. Bom moço se gostar de um garoto do coro entrado em anos.

— Sabe que sim. Alguém mais? Não podia lhe mostrar a fotografia de Sampson ou mencionar o nome. Pagavam-lhe para colecionar nomes em

grupos. Muito mal pago.

— Uma vez pelo menos. Jantou tarde com um gordo do tipo turista, vestido com notas de dez dólares. Tiveram que ajudá-lo a chegar à porta. Já faz vários meses. Não já a vi desde então.

— E não sabe onde mora?

— Em algum lugar nas cercanias da cidade. Fora do meu raio. Com certeza, lhe dei informação valiosa.

— Não o nego, mas há algo mais. Simeón Kuntz está trabalhando agora?

— Está fazendo trabalho independente com a gente de Telepictures. Ela poderia se encontrar ali. Ouvi dizer que estão filmando.

Entreguei-lhe uma nota das grandes. Ele a beijou e fingiu utilizá-la para acender um cigarro. Sua esposa a arrebatou da mão dele. Quando saí estavam se caçando um o outro ao redor da cozinha, rindo como um par de amáveis malucos.

Meu táxi me esperava em frente ao edifício de apartamentos. Retornei para casa e comecei a trabalhar nas guias de telefones de Los Angeles e arredores. Não havia Fay Estabrook alguma registrada. Liguei para a Telepictures na Universal City e perguntei por Fay Estabrook. A operadora não sabia se se encontrava no local; teve que fazer averiguações. Se ela se encontrasse no local, isso significava que Fay, definitivamente, era alguém com quem se contava no que concernia à realização de filmes. A operadora voltou o telefone:

— Miss Estabrook está aqui, mas neste momento está trabalhando. Quer deixar algum recado para ela?

— Irei vê-la pessoalmente. Em que cenário se encontra?

— Número três.

— Simeón Kuntz dirige?

— Sim. Você deve mostrar um passe, sabia?

— Eu tenho um. Menti.

Antes de partir cometi o erro de deixar meu revólver e de guardá-lo no armário do hall. O coldre era incômodo num dia quente, e não esperava usá-lo. No armário havia uma bolsa com tacos de golfe. Retirei-os para levá-los

até a garagem e os colocar no porta-malas do carro.

University City usava suas fachadas de estuque como colarinhos de papel amarelo. O edifício da Telepictures era mais novo que os demais, mas não ficava fora de lugar entre os bares ou os miseráveis restaurantes que bordeavam a avenida. Suas paredes de argamassa tinham um aspecto adoentado, como se não esperassem durar muito.

Estacionei na esquina, em uma quadra residencial, e carreguei minha bolsa de tacos até a entrada principal do estúdio. Havia dez ou doce pessoas sentadas em cadeiras com respaldos direitos na antessala do escritório de seleção; tentavam oferecer o aspecto de seres procurados e pacientes. Uma jovem que vestia um belo traje preto muito usado retirava as luvas e as voltava a colocar. Uma mulher de rosto ameaçador estava sentada com uma garotinha de rosto ameaçador sobre seus joelhos, vestida de seda rosa e chorona. A espécie caraterística de atores desalojados, gordos, magros, barbudos, barbeados, vestidos de etiqueta, com chapéus, doentes, alcoólatras e senis, se encontravam sentados ali com grande dignidade, à espera de nada.

Passei por toda esta turba e desci o escuro hall, onde me dirigi até a porta giratória. Um homem de media idade e de queixo grande estava sentado junto à porta com uniforme azul de guarda, boné preto de viseira e coldre no quadril. Parei à entrada, arrastando a bolsa de golfe como se isso significasse um grande esforço para mim. O guarda abriu os olhos e tratou de me parar. Antes que pudesse perguntar qualquer coisa que despertasse suas suspeitas, lhe disse:

— Mr. Kuntz quer isto imediatamente.

Os guardas nas portas principais pedem crachás e fazem de tudo, exceto revistar as cavidades do corpo, em busca de ocultas granadas de mão. Os independentes eram menos exigentes, e eu aproveitei esta caraterística. Empurrou a porta e me introduziu. Emergi num corredor de cálido concreto branco que parecia a entrada de um labirinto e me perdi entre edificações anônimas. Desci por um sujo caminho com um cartaz que dizia "Western Main Street", e me aproximei de um par de funcionários que pintavam a frente de um bar com uma porta giratória e sem interior.

— O cenário três? Perguntei.

— Vire à direita, e depois, no primeiro cruzamento, à esquerda. Verá o cartaz, ao atravessar a rua, do New York Tenement.

Dobrei à direita e cruzei London Street e Pioner Log Cabin, em seguida à esquerda em frente ao Continental Hotel. As falsas frentes pareciam tão reais de longe e tão feias de perto, que me fizeram duvidar da minha própria realidade. Tive vontade de largar a bolsa de golfe e entrar no Continental Hotel para beber um copo de imitação junto com os demais fantasmas. Porém os fantasmas não têm glândulas e eu transpirava um bocado. Deveria haver trazido algo mais leve, talvez uma raquete de badminton.

Quando cheguei ao cenário três, a luz vermelha estava acesa e as portas a prova de sons, fechadas. Deixei a bolsa de golfe apoiada contra a parede e esperei. Depois de alguns momentos, a luz se apagou. Abriu-se a porta e um grupo de garotas com roupas de coelhinho saíram e partiram rua acima. Segurei a porta para que passassem as duas últimas e entrei no lugar.

O interior do amplo cenário era a reprodução de um teatro, com assentos vermelhos de veludo para a orquestra, palcos, e decorações douradas de tipo rococó. O fosso da orquestra se encontrava vazio e o cenário desnudo, mas havia uma reduzida audiência agrupada nas primeiras filas. Um jovem em mangas de camisa ajustava um pequeno foco. Pediu luz e o foco iluminou a cabeça de uma mulher, sentada no centro da primeira fila, de rosto para câmera. Deslizei-me pela ala lateral e reconheci Fay antes que a luz se apagasse. A luz acendeu novamente, se escutou um zumbido e um pesado silêncio caiu no recinto. Foi quebrado pela profunda voz de uma mulher:

— Ele não é maravilhoso? Voltou-se para um homem de bigodes grisalhos que estava junto a ela e suavemente sacudiu seu braço. Ele sorriu e concordou.

— Cortem!

Um pequeno homenzinho de aparência cansada e calvo, muito bem vestido com uma capa azul pálida, se levantou de trás da câmera e se inclinou para Fay Estabrook.

— Olhe, Fay, você é a sua mãe. Ele se encontra aqui acima no cenário. Esta é a sua primeira grande oportunidade; se trata daquilo que você tanto ansiou e pelo qual rezou durante todos estes anos. Sua emotiva voz centro-europeia era tão imperiosa que olhei, involuntariamente, para o cenário. Ainda estava vazio.

— Ele não é maravilhoso? Disse a mulher com energia.

— Melhor. Melhor. Porém lembre que a pergunta não é, na realidade, uma pergunta. É uma pergunta retórica. O acento cai sobre o "maravilhoso".

— Ele não é maravilhoso! Gritou a mulher.

— Mais acento. Mais coração, minha querida Fay. Manifeste seu amor de mãe por seu filho que canta tão gloriosamente, atrás dos focos. Tente novamente.

— Ele não é maravilhoso! Berrou a mulher luxuriosamente.

— Não! A sofisticação não é a onda. Deve você manter sua inteligência à margem disto. Simplicidade. Calor, simplicidade amorosa. Entendeu, minha querida Fay?

Ela parecia enojada e perturbada. Todos no recinto, desde o assistente do diretor até o encarregado da limpeza, olhavam-na expectantes.

— Ele não é maravilhoso? Disse guturalmente.

— Muito, muito melhor, disse o homenzinho. Solicitou luzes e câmera.

— Ele não é maravilhoso? Disse ela novamente. O homem dos bigodes grisalhos sorriu e concordou. Colocou a mão sobre a dela e sorriram, os olhos nos olhos.

— Cortem!

Os sorrisos desfaleceram em fatigada irritação. As luzes se apagaram. O pequeno diretor gritou o número setenta e sete.

— Pode ir, Fay. Amanhã às oito. E trate de dormir bem esta noite, querida. A maneira que disse foi muito desagradável.

Ela não respondeu. Enquanto que um novo grupo de atores se alinhava no cenário do teatro e uma câmera rodava para eles, levantou e se dirigiu pelo caminho central até a saída. Segui-a para fora do escuro edifício com

aparência de depósito, para o sol. Parei na porta enquanto ela se afastava, sem rapidez, com movimentos algo vagos e incertos. Dentro de seu desalinhado traje, chapéu preto com véu de viúva, seu corpo grande e esbelto parecia feio e esquálido. Pode ter sido o sol em meus olhos ou simples romanticismo, mas tive a impressão de que o mal que flutuava no ar do estúdio como um gás inodoro se concentrava nessa negra figura que caminhava pela vazia rua fictícia. Quando se perdeu de vista na esquina do Continental Hotel, apanhei a bolsa de golfe e a segui. Comecei a transpirar novamente, e me senti como um caddy idoso, do tipo dos que nunca constituem, realmente, uma ajuda. Ela havia se unido a um grupo de media dezena de mulheres de todas as idades e formas que se encaminhavam para a entrada principal. Antes de chegar ali, dobraram por um corredor. Trotei atrás delas e as vi desaparecer sob uma arcada de estuque que dizia "Vestiário". Empurrei a porta giratória junto ao guarda e saí. Lembrou de mim e também dos tacos de golfe:

— Não os quis?
— Pensa em jogar badminton agora.

* * *

Seis

EU ESTAVA estacionado, à espera, quando ela saiu, com o motor do carro em marcha, numa curva próxima da entrada. Dobrou na direção contrária. Havia trocado de roupa, usava um conjunto escuro bem cortado e um pequeno chapéu inclinado. O à vontade ou a roupa interior haviam erguido seu corpo. Agora ela parecia dez anos mais jovem. A meia quadra parou junto a um sedã preto, abriu e subiu. Confundi-me no trânsito e a deixei sair para a rua, defronte de mim. O sedã era um Buick novo. Não seria possível que notasse a minha presença, portanto, não me preocupei. Los Angeles era um formigueiro de conversíveis azuis e o trânsito na avenida era um caleidoscópio que se agitava.

Ela dava um toque pessoal ao carro, cortando e atravessando ruas, dirigindo com fúria e bem. Tive que acelerar a mais de cem para não perdê-la de vista. Não pensava que tivesse me notado; fazia isso para se divertir. Percorreu a Sunset sem diminuir de oitenta, na direção do mar. Oitenta e cinco e noventa nas curvas, em Beverly Hills. Seu pesado carro queimava os pneus. No meu carro, mais leve, eu me aventurava até o insólito contra a força centrífuga. Meus pneus chiavam e estremeciam. Na prolongada e última curva que descia a Pacific Palisades deixei-a se afastar e quase a perdi. Divisei-a novamente na reta, um minuto antes que dobrasse à direita da avenida. Segui-a por um caminho chamado Woodlawn Lane, que serpenteava pela colina. Ao redor de cem jardas defronte de mim, ao sair de uma curva, virou numa manobra rápida e estacionou junto à calçada. Parei o meu carro no lugar em que me encontrava e o estacionei debaixo de um eucalipto.

Através do jardim de camélias que bordeava a calçada vi-a subir os degraus de dois em dois até a porta de uma casa branca. Abriu-a e entrou. A

casa era de dois andares, afastada da rua e entre árvores, com a adição de uma garagem construída dentro da ladeira da colina. Era uma bonita casa para uma mulher retirada. Depois de um tempo me cansei de olhar para a porta que não se abria. Retirei o paletó e a gravata, coloquei-os sobre o respaldo do assento e enrolei as mangas da minha camisa. Havia uma lata de óleo com bico no porta-malas, e a levei comigo. Dirigi-me diretamente à calçada onde se encontrava o Buick e entrei pela porta aberta da garagem.

Este era enorme, suficientemente grande para guardar um caminhão de duas toneladas e, ainda tinha espaço de sobra para o Buick. O estranho era que, pelo que parecia, um caminhão muito pesado havia estado ali recentemente. Havia impressões de pneus muito largos sobre o piso de concreto, e grandes pingos de óleo. Uma pequena janela no alto da parede posterior dava para o pátio de trás, bem acima do nível do chão. Um homem de ombros amplos vestido com uma camisa esportiva de seda escarlate estava sentado em uma cadeira de lona, de costas para mim. Seu cabelo curto parecia mais espesso e mais preto que o de Ralph Sampson. Coloquei-me na ponta de pés e apertei meu rosto contra o vidro. Mesmo através de sua superfície suja a cena era tão vivida como um quadro: as largas costas do homem, a parda garrafa de cerveja e o recipiente com amendoins junto a ele, a laranjeira sobre sua cabeça, com laranjas ainda não maduras, como bolas de golfe na cor verde escuro.

Inclinou-se para um lado, os encurvados dedos de sua longa mão tentearam em busca do recipiente de amendoins. Em seguida, se virou e eu pude vê-lo. Não era Ralph Sampson, e não era o rosto que seria previsível no homem da camisa escarlate. Era um rosto de pedra esculpido por um escultor primitivo. Contava uma história muito comum do século vinte: muitas lutas, muitos animais destripados, não muito cérebro. Voltei para as impressões dos pneus e me coloquei de joelhos para examiná-las. Muito tarde para fazer qualquer coisa salvo ficar onde estava, escutei ruído de passos no caminho. O homem da camisa escarlate disse da porta:

— Que diabos você faz aqui? Inverti a lata e deixei uma corrente de óleo na parede.

— Saia da frente, por favor.

— O que é isto? Disse com dificuldade. Seu lábio superior havia se

inflado como se tivesse um protetor.

Não era mais alto que eu e não era tão largo quanto uma porta, mas dava essa impressão. Deixou-me nervoso, como ficaria alguém ao conversar com um buldogue desconhecido na propriedade de seu dono. Levantei-me.

— Sim, disse. Certo que você tem, irmão.

Não gostei do modo como ele se aproximou. O ombro esquerdo para frente e o queixo para dentro, como se cada hora de seu dia fosse dividida em vinte rounds de três minutos.

— Que quer dizer com isso de que "você tem"? Não tenho nada, mas você terá um lindo problema se continuar dando voltas por aqui.

— Cupins, disse com rapidez. Estava suficientemente próximo para me permitir sentir seu alento. Cerveja, amendoins torrados e dentes cariados. — Diga a Mrs. Goldsmith que os tem, estou certo.

— Cupins? Recolheu-se sobre seus calcanhares. Poderia tê-lo nocauteado.

— Os bichinhos que comem madeira. Derramei mais óleo na parede. — Os asquerosos.

— O que você tem nessa lata? Essa lata aí.

— Esta lata aqui?

— Sim. Eu deveria ter estabelecido a relação.

— É mata cupins, disse. Comem e morrem. Diga a Mrs. Goldsmith que ela os tem, que não duvide.

— Não conheço nenhuma Mrs. Goldsmith.

— A dona da casa. Chamou o meu estabelecimento para que fizesse uma inspeção.

— Estabelecimento? Disse com suspicácia. As rendas de suas sobrancelhas desceram como persianas sobre seus pequenos olhos vazios.

— Estabelecimento para o controle dos cupins. Killaburg é o quartel para controle dos cupins na área de Califórnia do Sul.

— Oh! Embaralhava-se com as palavras. — Sim. Porém não temos nenhuma Mrs. Goldsmith aqui.

— Esta não é a Rua Eucalyptus?

— Não, esta é a Rua Woodlawn. Errou de endereço, garotão.

— Lamento muito, disse. Pensei que esta fosse a Rua Eucalyptus.

— Não, Woodlawn. Sorriu amplamente por meu ridículo erro.

— Melhor que me vá, então. Mrs. Goldsmith está me esperando.

— Sim. Mas aguarde um minuto. Sua mão esquerda apareceu de repente e me segurou pelo pescoço. Levantou a direita.

— Não volte a aparecer por aqui nunca mais. Não tem nada a fazer por aqui.

Seu rosto se aproximou, colérico. Seus olhos eram ardentes e selvagens. Havia brilhantes borbulhas de saliva nas comissuras de seus lábios. Um lutador seria menos previsível que um buldogue, e duplamente perigoso.

— Olhe. Levantei a lata. — Esta substância o deixará cego.

Derramei-lhe óleo nos olhos. Deixou escapar um berro de agonia. Pulei de lado. Sua direita passou junto a minha orelha e deixou-a ardendo. O colarinho da minha camisa pendeu solto bamboleando em sua mão crispada. Passou a mão direita sobre seus oleados olhos e gemeu como um bebê. A cegueira era a única coisa que temia.

Uma porta se abriu por trás de mim quando já me encontrava na metade do caminho para a rua, mas mostrei meu rosto ao me virar. Mergulhei no canto da esquina e continuei correndo, para longe do meu automóvel. Dei a volta na quadra a pé. Quando me aproximei novamente do conversível, o caminho estava deserto. As portas da garagem estavam fechadas, mas o Buick ainda continuava na calçada. A casa branca, entre as árvores, parecia muito tranquila e inocente à luz da bela tarde.

Quase escurecia quando a dona da casa saiu vestida com um casaco de onça pintada. Atravessei a calçada da rua antes que o Buick desse marcha-a-ré, e o esperei na Sunset Boulevard. Manobrou com maior furor e menos perícia durante todo o trajeto de retorno a Hollywood, através de Westwood, Bel-Air, Beverly Hills. Não a perdi de vista. Próxima da esquina de Hollywood e Vine, onde tudo termina e muitas coisas importantes começam, dobrou e entrou num estacionamento particular, onde deixou o carro. Parei quando a vi entrar no Swift; sua chamativa figura corria como a de uma dama ligeiramente apaixonada. Em seguida voltei para a minha casa e troquei

a camisa.

O revólver no meu armário me tentava, mas não o apanhei. Solucionei a coisa pela metade ao retirá-lo do coldre e colocá-lo no porta-luvas do carro.

* * *

Sete

O SALÃO de trás do Swift estava coberto com painéis de carvalho escuro que brilhavam suavemente sob a luz das lustrosas arandelas de bronze. Duas fileiras de compartimentos com assentos de couro o flanqueavam. O resto do espaço estava coberto por mesas. Todos os compartimentos e a maior parte das mesas estavam repletos de gente muito bem vestida que comiam ou esperavam que os servissem. A maioria das mulheres estava ajustada como luvas e muito delgadas para seus ossos, à força de dieta. A maioria dos homens tinha o aspecto masculino de Hollywood, mais difícil de descrever. Uma insistente autoconsciência em suas fortes vozes e amplos gestos, como se Deus tivesse assinado um contrato de um milhão de dólares para tê-los sob seu olho. Fay Estabrook se encontrava no compartimento de trás, com um cotovelo de flanela azul na frente dela, sobre a mesa. O resto de seu companheiro estava oculto pelo painel divisório. Dirigi-me ao bar, que ocupava a terceira parede, e pedi uma cerveja.

— Cerveja Bass, Black Horse, Carta Branca ou Guinnes? Não servimos cerveja comum depois das seis.

Pedi Bass, dei ao barman um dólar e disse que guardasse o troco. Não havia troco algum. O barman desapareceu. Inclinei-me para frente e olhei no espelho de trás do bar para captar três quartas partes do rosto de Fay Estabrook. Era grave e intenso. A boca se movia com rapidez. Nesse momento o homem se levantou. Era do tipo dos que, no geral, se encontram na companhia de mulheres mais jovens, o tipo bonito e sem idade que ano após ano troca um dólar por quem se saberá quem. Era o garoto do coro descrito por Cram. Seu paletó azul lhe caía muito bem. Um lenço branco de seda em sua garganta ressaltava seu cabelo prateado.

Nesse momento apertava a mão de um ruivo que se encontrava junto ao compartimento. Reconheci o ruivo quando se voltou e se encaminhou para sua própria mesa no centro do salão. Era um escritor contratado pela Metro, chamado Russell Hunt. O homem do cabelo prateado cumprimentou com a mão Fay Estabrook e se dirigiu para a porta. Observei-o no espelho. Caminhava com desenvoltura, os olhos fixos na frente, como se o lugar estivesse deserto. Na medida em que lhe concernia, estava deserto. Ninguém levantou uma mão ou um lábio por cima dos dentes. Quando saiu, algumas cabeças se voltaram, um par de sobrancelhas se elevou. Fay Estabrook ficou abandonada em seu compartimento como se tivesse sido contagiada pela infecção que fazia com que ele arquejasse e pudesse transmiti-la. Levei meu copo para a mesa de Russell Hunt. Estava sentado junto a um homem gordo que tinha um feio e redondo nariz, arredondado na ponta, e olhos pequenos e brilhantes de representante.

— Como andam os negócios, Russell?
— Olá, Lew.

Não se alegrou de me ver. Eu ganhava trezentos dólares por semana quando trabalhava, e isso me convertia num caipira. Ele fazia quinze mil. Ex-repórter de Chicago que havia vendido sua primeira história à Metro e nunca mais havia escrito outra, Hunt estava se convertendo de garoto promissor em sórdido velho com enxaqueca e uma piscina de natação que não podia usar porque tinha medo de água. Eu o havia ajudado a perder a sua segunda esposa para dar lugar à terceira, o que não constituiu melhoria alguma.

— Sente-se, sente-se, disse, vendo que eu não sairia. — Beba algo. Dissipa as enxaquecas. Não bebo para me dissipar. Dissipo as enxaquecas.

— Aceite, disse os olhos de representante. — Se você for um artista criativo pode sentar. Se não for, dificilmente poderá esperar que perca meu tempo com você.

— Timothy é meu representante, disse Russell. — Sou o ganso que põe seus ovos de ouro. Observei seus dedos nervosos que brincavam com a faca, seus olhos cravados com ansiedade em minha garganta.

— Não seria bom representar a mim, suponho.

— Se pensar assim, disse Timothy. Deslizei-me para uma cadeira.

— Sou um homem de ação. Um cachorro de caça, pelo que sei.

— Lew é um detetive, disse Russell. — Desenterra os segredos das pessoas e os expõe à vista do escandalizado mundo.

— Bem, até que profundidade você pode chegar? Perguntou, alegremente, Timothy.

Não gostei da piada; eu estava ali para conseguir informação, não diversão. Notou o meu olhar e se voltou para o garçom que estava junto a sua cadeira.

— Quem era esse a quem apertou a mão? Perguntei a Russell.

— O elegante tipo do lenço? Fay disse que se chamava Troy. Foram casados numa época, de modo que ela deve saber.

— O que ele faz?

— Não poderia dizer com certeza. Já o vi por aí: Palm Springs, Las Vegas, Tia Juana.

— Las Vegas?

— Me parece. Fay disse que é importador, mas se ele for eu sou o tio de um macaco. Lembrou seu papel. — É curioso, mas sou o tio de um macaco, ainda que devo confessar que ninguém ficou mais surpreso do que eu quando a mais jovem de minhas irmãs deu a luz, no último Pentecostes, ao mais lindo dos pequenos chimpanzés que alguma vez tenha visto. Ela era Lady Greystoke em seu primeiro casamento, sabia?

Seu ruído parou abruptamente. Meu rosto se voltara novamente, ameaçador e miserável.

— Outro copo, disse para o garçom. — Um scotch duplo. O mesmo para todos.

— Um minuto, senhor. O garçom era um velho seco com olhos pretos de inseto. — Estou anotando o pedido deste cavalheiro.

— Não vai me servir, Russell agitou os braços em um gesto engraçado de desespero. O garçom fingiu estar absorto no que lhe dizia Timothy.

— Mas eu não quero sopa fria à francesa. Quero sopa au gratín.

— Não temos au gratín, senhor.

— Podem fazê-las, não é verdade? Disse Timothy, seu arredondado nariz em brasa.

— De trinta e cinco à quarenta minutos, senhor.

— Oh Meu Deus! Disse Timothy. — Que tipo de boliche é este? Vamos ao Chasen, Russell. Preciso comer sopa au gratín.

O garçom permaneceu observando-o como se o separasse uma longa distância. Olhei ao redor dele e vi que Fay Estabrook ainda estava em sua mesa, ocupada com uma garrafa de vinho.

— Já não me permitem ir no Chasen, disse Russell. — Já que sou um agente do Cominform. Escrevi uma novela com um nazista como vilão, de modo que sou agente do Cominform. Daí é de onde provém o meu dinheiro, amigos. Não soa a ouro de Moscou?

— Termine, lhe disse. — Conhece Fay Estabrook?

— Um pouco; Cruzei com ela no caminho para cima há alguns anos. Dentro de uns poucos anos, cruzarei com ela no caminho para baixo.

— Me apresente.

— Por quê?

— Sempre desejei conhecê-la.

— Não acredito, Lew. É muito velha para ser sua esposa. Disse numa linguagem que ele podia entender:

— Tenho uma visão sentimental dela; provém dos belos dias mortos mais além das recordações.

— Apresento-o, se ele quiser, disse Timothy. — Os cachorros perdigueiros me deixam nervoso. Então poderei comer minha sopa au gratín em paz.

Russell se levantou dificultosamente, como se a parte superior de sua vermelha cabeça suportasse o teto.

— Boa noite, disse a Timothy. — Que se divirta com meus contratados antes que se joguem sobre seu gordo pescoço. Apanhei minha bebida e segui Russell através do salão.

— Não fale do meu negócio, disse ao ouvido dele.

— Quem sou eu para lavar sua roupa suja em público? Em particular, é outra coisa. Adoraria lavar sua roupa suja em particular. Sou fetichista.

— Como quando me sujar a tiros.

— Mas que desperdício. Por favor, guarde para mim no futuro. Só precisará me enviar via KraftEbing para a clínica. Mrs. Estabrook elevou para

nós seus olhos como escuros projetores. — Este é Lew Archer, Fay. O agente. Do Comunismo Internacional, é isso. É um velho admirador seu do fundo do coração.

— Que lindo! Disse ela, com uma voz gasta pelos papéis de mãe. — Quer sentar?

— Obrigado. Sentei-me no assento de couro em frente a ela.

— Perdoem, disse Russell. — Preciso cuidar de Timothy. Está começando uma guerra com o garçom. Amanhã a noite é seu turno de cuidar de mim. Oh, Deus! E se foi, perdido em seu particular labirinto de palavras.

— É agradável ser reconhecida ocasionalmente, disse a mulher. — A maioria de meus amigos já se foi, e todos foram esquecidos. Helene, Florence e Mac... Todos se foram e já os esqueceram.

Seu sentimentalismo, meio falso e meio real, constituía uma mudança agradável, de alguma maneira, em relação com a desesperante conversa de Russell.

— Sic transit gloria mundi. Helene Chadwick foi uma grande atriz em seus dias. Porém você ainda é.

— Tentei continuar, Archer. A vida, claro, se afastou da cidade. Apenas nos preocupamos em relação com a rodagem dos filmes... Verdadeira preocupação. Fiz três dos grandes em uma semana, no meu auge, mas não era pelo dinheiro que trabalhávamos.

— A obra é o principal. Citar era menos embaraçoso.

— A obra era o principal. Já não é assim. A cidade perdeu a sinceridade. Não restou vida nela. Não restou vida nem nela nem em mim.

Esvaziou o que restava de sua meia garrafa de xerez e o bebeu em um longo e triste gole. Acariciei meu copo.

— Você está desempenhando muito bem, Deixei que meu olhar deslizasse pelo corpulento corpo meio revelado pelo casaco de pele aberto. Estava bem para a idade, cintura ajustada, peito erguido, quadris como ânforas. E estava viva, com um sutil e persistente poder de fêmea, um orgulho animal, como o de um gato.

— Gostei de você, Archer. É simpático. Diga-me, quando nasceu?

— O ano é o que quer saber?

— A data.

— Dois de junho.

— Realmente? Não esperava que você fosse de Gêmeos. Os de Gêmeos não tem coração. Tem dupla alma, como os gêmeos, e levam uma vida dupla. Você é frio de coração, Archer? Inclinou-se para mim com olhos grandes e fora de foco. Não poderia dizer se se estava brincando comigo ou com ela mesma.

— Sou amigo de todo o mundo, disse, para romper o feitiço. — As crianças e os cachorros me adoram. Corto flores e tenho os polegares verdes.

— Você é um cínico, respondeu com grosseria. — Pensei que teríamos compatibilidade, mas você se encontra na triplicidade do Ar e eu na Água.

— Poderíamos formar uma maravilhosa equipe de resgate aéreo e marítimo. Ela sorriu e disse com tom de repreensão: — Você não acredita nas estrelas?

— E você?

— Claro que sim... De uma maneira puramente cientifica. Quando alguém contempla a evidência, simplesmente não pode negá-la. Sou de Câncer, por exemplo, e todo o mundo pode ver que sou do tipo de Câncer. Sou sensível e imaginativa; não posso viver sem amor. As pessoas de quem gosto podem me fazer girar ao redor de seu dedo mindinho, mas sou inflexível quando preciso ser. Fui desgraçada no casamento, como muitos outros cancerianos. Você é casado, Archer?

— Não neste momento.

— Isso quer dizer que foi. Você se casará novamente. Geminianos sempre o fazem. E, com frequência, se casa com uma mulher mais velha que ele, você sabia isso?

— Não. Sua insistente voz me desequilibrava ligeiramente e ameaçava dominar a conversa e a mim.

— Você é muito convincente, lhe disse.

— O que estou lhe dizendo é verdade.

— Deveria fazê-lo profissionalmente. Há muito dinheiro que se gastaria em uma astróloga com suficiente magnetismo.

Seus olhos cândidos se apertaram até serem duas escuras fendas como aberturas num forte. Estudou-me através delas, tomou uma decisão táctica, e os abriu novamente. Eram escuros poços de inocência, como cisternas envenenadas.

— Oh, não, disse. — Nunca o faria profissionalmente. É um talento que tenho, um dom; Câncer é, com frequência, psíquico, e sinto que meu dever é utilizá-lo. Porém não por dinheiro... Só para os amigos.

— Você tem a sorte de ter uma entrada independente. Se delgado copo deslizou por entre seus dedos e se partiu em dois sobre a mesa.

— Isso é Geminiano, disse. — Sempre atrás dos fatos. Senti um ligeiro sinal de dúvida e o rechacei. Ela disparou ao azar e acertou no alvo por acidente.

— Não quis ser curioso, disse.

— Oh, eu sei. Levantou-se de repente, e senti o peso de seu corpo, de pé, sobre mim. — Saiamos daqui, Archer. Comecei a deixar cair as coisas novamente. Vamos para um lugar onde possamos conversar.

— Por que não?

Deixou uma nota sobre a mesa e saiu com pesada dignidade. Segui-a, encantado com meu assombroso êxito, mas me sentindo como uma aranha macho que está a ponto de ser devorado por uma aranha fêmea.

Russell estava em sua mesa, com a cabeça sobre os braços. Timothy atormentava o mâitre como um terrier que tivesse descoberto algum pequeno e indefeso animal. O mâitre explicava que a sopa au gratín ficaria pronta em quinze minutos.

* * *

Oito

NO BAR Roosevelt, de Hollywood, se queixou do ar e disse que se sentia enrugada e velha. "Bobagem", eu lhe disse, mas ela quis ir para o Zebra Room. Havia pedido whisky irlandês, que bebeu de um gole. No Zebra Room acusou um homem que se encontrava em uma mesa vizinha de olhá-la com desprezo. Sugeri mais ar. Dirigiu até Wilshire como se tentasse se precipitar em outra dimensão. Tive que estacionar, em lugar dela, o Buick em frente ao Ambassador. Havia deixado meu carro no Swift.

Brigou com o barman do Ambassador alegando que ria dela quando virei as costas. Levei-a ao bar subterrâneo em Honton Park, que normalmente não ficava repleto. Aonde íamos, havia gente que a reconhecia, mas ninguém se reuniu a nós nem se levantou. Nem sequer os garçons se mobilizaram por ela. Estava à margem. Com exceção de um casal absorto em si, no outro extremo do bar, o Honton Park estava deserto. O lugar, muito atapetado e suavemente iluminado, era um salão funerário onde jazia a noite que havíamos matado. Mrs. Estabrook estava pálida como um cadáver, mas ainda na vertical, capaz de ver, conversar, beber, e possivelmente, pensar.

Levei-a ao Burbank, à espera de que se acalmasse. Mais alguns copos e poderia correr o risco de insultá-la eu mesmo. Bebia com ela, mas não tanto para que me afetasse. Mantinha uma conversa insubstancial, e ela não notava a diferença. Eu esperava. Queria que chegasse até ao ponto de dizer o que lhe passava pela cabeça. Archer, o bendito gêmeo e parteiro das lembranças. Olhei-me no espelho atrás do bar e não gostei muito. Estava ficando magro e de aspecto ruim. Meu nariz era muito estreito, minhas orelhas muito pegadas a cabeça. Minhas pálpebras são dessas que caem nas comissuras exteriores e fazem com que meus olhos pareçam triangulares, de uma maneira que, em geral, me agrada. Porém nessa noite meus olhos eram como pequenas cunhas

de pedra encaixadas a marteladas entre as pálpebras. Ela se inclinou para frente sobre o balcão do bar com o queixo apoiado nas mãos, o olhar fixo em seu copo meio vazio. O orgulho que mantinha erguido seu corpo e seu rosto em ordem havia desaparecido. Estava ali encurvada, saboreando a amargura no poço de sua vida.

— Ele nunca se preocupou consigo mesmo, tinha o corpo de um lutador e a cabeça de um chefe índio. Era, em parte, índio. Isso não significava nada, claro. Um garoto doce. Calado e tranquilo, ele nunca foi de falar muito. Porém apaixonado, e o verdadeiro homem de uma só mulher, o último que encontrei. Ficou doente e morreu num verão. Quebrou-me. Jamais me recuperei. Foi a única coisa homem que amei alguma vez.

— Como disse que se chamava?

— Bill. Olhou-me lentamente. — Não disse. Era meu representante. Eu tive um dos primeiros e grandes lugares do vale. Ficamos juntos durante um ano, em seguida ele morreu. Há vinte e cinco anos, e desde então me senti como se tivesse morrido também.

Elevou seus grandes olhos sem lágrimas e encontrou meu olhar no espelho. Quis responder a sua melancolia, mas não sabia o que fazer com meu rosto. Tentei sorrir. Eu era um bom tipo, depois de tudo. Companheiro da dureza, mordaz, de casos difíceis e marcas fáceis; olho no olho da fechadura de quartos ilícitos; informante dos ciumentos, rato atrás das paredes, revólver contratado por qualquer um a cinquenta dólares por dia;, mas um bom tipo, depois de tudo. Formaram-se rugas nas comissuras dos olhos, junto à aletas do meu nariz; os lábios se despegaram dos dentes, mas não sorri. Tudo o que consegui foi um olhar enviesado, como o de um coiote. Esta cara havia visto muitos bares, muitos hotéis baratos, muitos ninhos de amor, demasiados julgamentos e cadeias, post-mortem e prontuários policiais, demasiadas terminações nervosas com o aspecto de tortura. Se tivesse encontrado essa cara num estranho, não teria confiado nela. Surpreendi-me me perguntando como pareceria a Miranda Sampson.

— Ao diabo com as festas de três dias, disse Mrs. Estabrook. — Ao diabo com os cavalos, as esmeraldas e os barcos. Um bom amigo é melhor que qualquer uma dessas coisas, e não tive um só bom amigo. Sim Kuntz dizia que era meu amigo, e agora disse que estou fazendo meu último filme.

Vivi minha vida há vinte e cinco anos, e agora já nada resta. Você não pode querer se meter comigo, Archer.

Estava certa. Claro, estava interessado, aparte do meu trabalho. Ela havia feito a longa viagem do alto para baixo, e sabia quanto era penoso. Sua voz havia abandonado a falsa correção e as outras coisas que havia aprendido dos professores do estúdio. Era vulgar e agradavelmente áspera. Situava sua infância em Detroit, Chicago ou Indianápolis, no começo do século, do lado ruim da cidade. Esvaziou seu copo e se levantou.

— Leve-me para casa, Archer. Deslizei-me do tamborete com rapidez de gigolô e a segurei pelo braço.

— Não pode voltar para casa nesse estado. Precisa outro copo para se animar.

— Você é amável. Minha pele era o suficientemente magra para perceber a ironia. — Só que não consigo suportar este lugar. É uma morgue. Por Cristo, berrou para o barman, — Onde se meteram os escandalosos?

— Você não é a escandalosa, senhora?

Afastei-a do começo de outra briga, subimos as escadas e saímos. Havia uma ligeira névoa que esfumava os cartazes luminosos. Por cima dos edifícios, o céu sem estrelas estava triste e baixo. Ela estremeceu e eu senti o tremor em seu braço.

— Há um bom bar a uma quadra daqui, lhe disse.

— O Valério?

— Creio que é esse.

— Bom. Um copo mais, em seguida preciso voltar para casa.

Abri a porta de seu carro e a ajudei a subir. Seu peito se apoiou pesadamente contra meu ombro. Retrocedi. Preferia um tipo de travesseiro menos complicado, cheio de plumas, não de lembranças e frustrações. A garçonete, na cantina do Valério, a chamou por seu nome, nos levou até um compartimento, esvaziou o cinzeiro. O barman, um jovem grego de rosto suave, deu a volta ao balcão para cumprimentá-la e lhe perguntar por Mr. Sampson.

— Ainda se encontra em Nevada, disse ela. Eu observava seu rosto, e ela notou meu olhar. — Um grande amigo. Hospeda-se aqui quando está na cidade. O passeio por duas quadras, ou a recepção, haviam lhe feito bem. Estava quase alegre. Talvez eu tivesse cometido um erro.

— Um grande homem, disse o barman.

— Ralph é um homem maravilhoso, maravilhoso, disse Mrs. Estabrook. — Um doce garoto. O barman anotou o pedido e foi embora.

— Você lhe fez o horóscopo? Disse. — A esse seu amigo.

— Sim, mas como soube? É de Capricórnio. Um garoto doce, mas muito dominador. Teve uma tragédia em sua vida, infelizmente. Seu único filho homem morreu na guerra. O sol de Ralph estava em Urano, se deu conta? Você não pode saber o que isso significa, pois para alguém de Capricórnio...

— Não. Significa muito?

— Sim, claro. Ralph esteve desenvolvendo seu lado espiritual. Urano está contra ele, mas os outros planetas estão com ele. Deu-lhe alento sabê-lo. Inclinou-se até mim confidencialmente. — Desejaria poder lhe mostrar o quarto que redecorei para ele. Encontra-se num dos bangalôs, aqui, mas não nos permitiriam entrar.

— Ele está aqui agora?

— Não, está em Nevada. Tem uma bonita casa no deserto.

— Alguma vez esteve lá?

— Faz muitas perguntas. Sorriu de rabo-de-olho com horrível coqueteria. — Você não estará ficando ciumento?

— Você me disse que não tinha amigos.

— Disse isso? Esqueci-me de Ralph.

O barman trouxe nossas bebidas, e eu bebi a minha. Estava de frente para a parte posterior do salão. Sobre a parede, junto o grande piano silencioso, se abriu uma porta no vestíbulo do Valério, e Alan Taggert e Miranda entraram juntos.

— Perdoe-me, disse a Mrs. Estabrook.

Miranda viu quando me levantei, e se lançou para frente. Coloquei um dedo sobre meus lábios e lhe fiz sinas para que se retirasse, com a outra mão. Moveu-se boquiaberta e com um olhar assustada. Alan foi mais rápido.

Tomou-a pelo braço e a empurrou para fora. Segui-os. O barman estava misturando uma bebida. A garçonete servia um cliente. Mrs. Estabrook não havia levantado a vista. A porta se fechou atrás de mim. Miranda se voltou.

— Não entendo isso. Supõe-se que você estava procurando Ralph.

— Estou trabalhando com um informante. Vá, por favor.

— Andei tentando entrar em contato com você. Estava tensa, quase às lágrimas. Disse a Taggert:

— Leve-a antes que arruíne minha noite de trabalho. Para fora da cidade, se for possível. Três horas com Fay haviam alterado meu carácter.

— Mrs. Sampson esteve ligando. Quer falar com você, disse ele. Um atendente filipino, de pé contra a parede, escutava tudo o que dizíamos. Levei-os para o vestíbulo, parcamente iluminado.

— O que está acontecendo?

— Ela sabe algo de Ralph. Os olhos de âmbar de Miranda brilhavam como os de um cervo. — Uma carta chegou. Quer que Mrs. Sampson envie dinheiro. Não enviá-lo exatamente, mas que o tenha à mão.

— Quanto?

— Cem mil dólares.

— Fale outra vez.

— Quer que ela consiga cem mil dólares em espécie.

— E ela tem esse valor?

— Ela não, mas pode conseguir. Bert Graves é procurador de Ralph.

— O que ela deverá fazer com o dinheiro?

— Ele disse que brevemente teríamos notícias dele ou que enviaria um mensageiro para apanhar o dinheiro.

— Estão certos de que a carta é dele?

— Elaine disse que é sua letra.

— Disse onde se encontra?

— Não, mas a carta foi despachada em Santa Maria. Deve estar lá.

— Não necessariamente. O que Mrs. Sampson quer que eu faça?

— Não disse nada. Suponho que precise de seu conselho.

— Muito bem, então aqui vai. Diga que tenha o dinheiro pronto, mas que não o entregue a alguém sem comprovar que seu pai está vivo.

— Você pensa que está morto? Sua mão se agarrou a gola de seu vestido.

— Não posso me arriscar a adivinhar. Voltei-me para Taggert. — Pode

voar para casa com Miranda nesta mesma noite?

— Acabo de ligar para Santa Teresa. Há nevoeiro no aeroporto. Porém é a primeira coisa que farei amanhã.

— Então a avise por telefone. Tenho uma possível pista e estou seguindo-a. Seria melhor que Graves se pusesse em contato com a polícia. A polícia local, a de Los Angeles. E o FBI.

— O FBI? Sussurrou Miranda.

— Sim, eu disse. O sequestro é um crime federal.

* * *

Nove

QUANDO retornei ao bar, um jovem mexicano vestido com uma jaqueta estilizada se apoiava no piano e tocava uma guitarra. Sua pequena voz de tenor, queixosa e lenta, cantava uma música espanhola sobre a rinha de touros. Seus dedos rasgavam com força as cordas. Mrs. Estabrook o observava e apenas notou minha presença quando me sentei. Aplaudiu forte quando finalizou a canção e lhe fez sinais para que se aproximasse.

— Eábalit. Por favor. Entregou-lhe um dólar. Ele se inclinou e sorriu, e voltou a seu canto. — É a canção favorita de Ralph, disse. — Domingo canta-a tão bem. Tem verdadeiramente sangue espanhol nas veias.

— Esse amigo seu, Ralph...

— O que está acontecendo com ele?

— Não se oporia a que você estivesse aqui comigo?

— Não seja bobo. Quero que você o conheça alguma vez. Sei que gostará dele.

— O que faz?

— Está mais ou menos aposentado. Tem dinheiro.

— Por que não se casa com ele? Riu asperamente.

— Não lhe contei que tenho um marido? Porém você não deve se preocupar com ele. Trata-se meramente de uma questão de negócios.

— Não imaginava que você andasse metida em negócios.

— Disse que eu estava? Riu novamente, muito alerta, e mudou o tema. — É engraçado que você sugerisse que deveria me casar com Ralph. Nós dois somos casados com outras pessoas. De qualquer maneira, nossa amizade se desenvolve num nível diferente. Você sabe, algo mais espiritual. Encontrava-se muito sóbria. Levantei meu copo.

— Pela amizade. Num nível diferente.

Enquanto ainda estava bebendo, fiz sinais com dois dedos para a garçonete. Um segundo copo apareceu. Seu rosto se fez pedaços, como se caísse por seu próprio peso. Seus olhos se entristeceram. Sua boca estava aberta num esgar fixo, os lábios escarlates contrastavam com o interior rosa e branco. Fechou-a entumecida e sussurrou:

— Não me sinto muito bem.
— Levarei-a para casa.
— É muito amável.

Ajudei-a a se levantar. A garçonete segurou a porta aberta e dirigiu um sorriso de comiseração para Mrs. Estabrook e um olhar cortante a mim. Mrs. Estabrook balançou pela vereda como uma anciã apoiada num bastão invisível. Segurei-a sobre suas anestesiadas pernas e conseguimos chegar ao carro. Fazê-la subir foi como carregar um saco de carvão. Sua cabeça rodou para o canto, entre a porta e o encosto do assento. Coloquei em marcha o carro e arranquei para Pacific Palisades. O movimento do carro a reavivou depois de um tempo.

— Preciso voltar para casa, disse tristemente. — Você sabe onde moro?
— Você me disse.
— Preciso trabalhar amanhã. Maldição! Sou independente.
— Você parece uma mulher de negócios, lhe disse de modo alentador.
— Você é muito amável, Archer. Estava começando a engolir o anzol. — Pensar que se preocupa por uma velha bruxa como eu. Deixaria de gostar de mim se lhe contasse onde consigo meu dinheiro.
— Ponha-me a prova.
— Porém não lhe direi. Sua risada era desagradável e solta, de baixo volume. Pensei que captava tons de brincadeira nela, mas deveriam estar só em minha cabeça. — Você é um garoto muito bom. "Sim", disse para mim, o tipo de americano limpo. Sempre pronto para impedir que uma dama caia de bruços na lama.

Ela não disse mais uma palavra. Era uma viagem solitária pela avenida, à meia-noite, com seu corpo metade consciente. Dentro de seu casaco era como um animal que dormisse junto a mim no assento, um leopardo ou um gato selvagem cheio de achaques pela idade. Não era realmente velha,

cinquenta no máximo, mas estava cheia dos anos passados, e com a fermentação das lembranças ruins. Havia me contado uma quantidade de coisas sobre ela, mas não o que eu queria saber, e me preocupava muito em explorar mais em profundidade. A única coisa certa que sabia sobre ela não tinha necessidade de me contar: era uma má companhia para Sampson ou para qualquer outro incauto. Seus companheiros eram perigosos, um rude, o outro suave. E se algo tivesse acontecido a Sampson ela saberia ou o averiguaria. Estava acordada quando estacionei na frente da sua casa.

— Deixe o carro na calçada. Poderia fazê-lo, querido? Retrocedi pelo caminho e levei o carro até a calçada. Precisou ajuda para subir os degraus até a porta, e me deu a chave para que eu a abrisse.

— Entre. Estive pensando em algo que gostaria de beber.

— Você está certa de que não há problemas? Seu marido? A risada se insinuou em sua garganta.

— Há anos que não moramos juntos.

Segui-a até o vestíbulo. A escuridão aumentava seus dois odores, almíscar e álcool, meio animal e meio humano. Senti o assoalho escorregadio de cera sob meus pés e me perguntei se ela cairia. Movia-se em sua própria casa com a cega segurança de um sonâmbulo. Tateei o caminho atrás dela até um aposento à esquerda, onde acendeu uma lâmpada. O aposento recém-iluminado nada tinha de parecido com o quarto vermelho e insano que havia desenhado para Ralph Sampson. Era grande e alegre, mesmo com a noite atrás das fechadas venezianas. Um sólido aposento de classe média, com reproduções do pós-impressionismo nas paredes, estantes para livros, livros nelas, um aparelho de rádio e um gramofone, uma estufa de lenha de ladrilhos envernizados e um divã pesado e de forma curva defronte daquela. A única coisa estranha era o gênero do desenho que cobria o divã e os sofás sob da lâmpada: brilhantes e verdes plantas tropicais contra um fundo deserto e branco, com olhos soltos que olhavam por entre as plantas. O desenho mudava à medida que se olhava. Os olhos desapareciam e reapareciam novamente. Sentei-me sobre uma quantidade de olhos. Ela estava no bar portátil, no canto, junto à estufa de lenhas.

— Que quer beber?

— Uísque e água.

Esticou-me um copo. A metade de seu conteúdo se derramou pelo caminho e deixou um fio de escuras gotas através do tapete verde claro. Sentou-se junto a mim, afundando o almofadão. Sua cabeça escura se moveu para o meu ombro e ficou ali. Pude ver as poucas estrias cinzentas que o cabelereiro havia deixado em seu cabelo para que não parecesse tingido.

— Não posso pensar em beber, choramingou. — Não me deixe cair.

Coloquei um de meus braços ao redor de seus ombros, que eram quase tão largos quanto os meus. Apoiou-se com força contra mim. Senti que a agitação e o ritmo de sua respiração se acalmavam gradualmente.

— Não tente me fazer nada, querido. Estou morta esta noite. Alguma outra vez... Sua voz era branda e, de algum modo, animada, mas confusa. Confusa como aqueles lampejos de juventude em seus olhos.

Olhos que se fecharam. Pude ver o desmaiado tremor da batida de seu coração nas veias de suas fechadas pálpebras. A borda de pestanas pretas e curvas era um vestígio de juventude e beleza que colocava em relevo sua ruína final. Era mais fácil ter pena dela quando dormia. Para ter certeza de que estava, suavemente levantei uma de suas pálpebras. O marmorizado globo do olho, em branco, nada olhava. Retirei meu braço e deixei que seu corpo se reclinasse sobre os almofadões. Suas meias estavam torcidas. Começou a roncar. Dirigi-me ao próximo aposento, fechei a porta atrás de mim e acendi a luz. Brilhou do teto sobre uma mesa para refeições de caoba com flores artificiais no centro; seis pesadas cadeiras se alinhavam contra a parede. Apaguei a luz e me dirigi à cozinha, que era limpa e bem equipada.

Perguntei-me, por um momento, se havia julgado a mulher mal. Existiam astrólogos honestos... E quantidade de bebedores inofensivos. Sua casa era como outras cem mil em Los Angeles County, muito típica e verdadeira. Exceto a enorme garagem e o buldogue que a cuidava. O banheiro tinha azulejos azul-pastel sobre as paredes e uma banheira quadrada e também azul. O armário, sobre o lavatório, estava cheio de talcos e remédios comuns, cremes, pinturas e pós, luminal, nembutal, veronal. As garrafas e caixas de um hipocondríaco se amontoavam, também, na parte

posterior do lavatório, sobre o cesto da roupa. As roupas do cesto eram femininas. Só havia uma escova de dentes. Uma lâmina de barbear, mas não creme, e nenhuma outra impressão de um homem.

O quarto contíguo ao banheiro tinha flores e adornos de cor rosa, como um sentimental sonho de menina. Havia um livro sobre o tema das estrelas na mesa-de-cabeceira. As roupas no armário eram femininas, e havia uma grande quantidade, com etiquetas da Saks e Magnin. A roupa interior e as camisolas na cômoda eram da cor azul-celeste com laçarotes pretos. Olhei debaixo da enrodilhada massa de meias na segunda gaveta e encontrei o núcleo insólito nessa casa. Tratava-se de uma pilha de largos maços, presos por elásticos. Os maços eram de dinheiro, todo em notas de um, cinco e dez. A maior parte das notas eram velhas e sujas. Se todos os maços continham a mesma soma do que eu examinei, o fundo da gaveta estava forrado com oito ou dez mil dólares.

Coloquei-me de joelhos e olhei todo esse dinheiro. A gaveta de um quarto não era um bom lugar para guardá-lo. Porém era mais certo que um banco, para as pessoas que não podiam declarar a procedência. A estridente campainha do telefone cortou o silêncio como o aparelho de um dentista. Recebi uma descarga nervosa e pulei. Porém fechei a gaveta antes de me dirigir ao hall onde se encontrava o telefone. Não se escutava ruído algum da mulher no living. Mudei a voz com a gravata.

— Alô.

— Mr. Troy? Era uma mulher.

— Sim.

— Fay está aí? Falava rápida e entrecortadamente. — É a Betty.

— Não.

— Escute, Mr. Troy. Fay estava bêbada no Valério há uma hora. O homem que a acompanhava poderia ser um policial civil. Disse que usava a casa. Você não vai querer que ele ronde por aí quando chegar o caminhão. E você sabe como Fay é quando fica assim.

— Sim, disse e arrisquei: — Onde você está agora?

— No Piano... Claro.

— Ralph Sampson se encontra aí?

Sua resposta foi um gritinho de surpresa. Ficou calada durante um momento. No outro extremo da linha podia escutar o murmúrio das pessoas, o som dos pratos. Provavelmente seria um restaurante. Recuperou a voz:

— Por que me pergunta? Não o tenho visto ultimamente.
— Onde está Mr. Sampson?
— Não sei. Quem fala? Mr. Troy?
— Sim. Ocuparei-me de Fay. Desliguei.

A maçaneta da porta de entrada chiou suavemente atrás de mim. Fiquei gelado com a mão no telefone e observei a maçaneta enquanto rodava devagar e fazia brilhar a luz do living. A porta se abriu subitamente, e um homem vestido com um sobretudo claro permaneceu de pé na entrada. Sua cabeça prateada não usava chapéu. Entrou como um ator que avançasse no cenário e fechou cuidadosamente a porta com a mão esquerda. A mão direita no bolso do sobretudo. O bolso me apontava. Olhei-o.

— Quem é você?
— Sei que não é educado responder uma pergunta com outra. Sua voz se suavizava por um longínquo acento da Inglaterra. — Mas, quem é você?
— Se isto for um assalto... O volume em seu bolso balançou para mim mudamente. Ficou mais peremptório.
— Fiz uma simples pergunta, velho. Dê-me uma simples resposta.
— Chamo-me Archer, disse. Você usa tinta azul quando lava a cabeça? Eu tinha uma tia que dizia que funcionava. Seu rosto não se alterou. Demostrou sua raiva ao falar com maior precisão.
— Desagrada-me a violência gratuita. Por favor, não a provoque. Pude ver a parte superior de sua cabeça; o couro cabeludo brilhava através do cabelo cuidadosamente partido.
— Você me assusta, disse. Um anglo italiano é a encarnação do diabo.

O revólver dentro de seu bolso era um pequeno e gelado instrumento que congelava o ambiente do hall. Seus olhos se haviam convertido em gelo.

— E o que você faz para viver, Mr. Archer?
— Vendo seguros de vida. Meu hobby são os pistoleiros. Procurei minha carteira para lhe mostrar meu cartão de "seguros de toda ordem".

— Não, mantenha as mãos onde eu possa vê-las. E cuide de sua língua, será possível?

— Com prazer. Não espere que lhe venda um seguro. Você não constitui um risco conveniente, com esse revólver que usa. As palavras passavam por cima de sua cabeça sem despenteá-lo.

— O que você faz aqui, Mr. Archer?

— Trouxe Fay para casa.

— Você é amigo dela?

— Na aparência. Ou você é?

— Eu faço as perguntas. O que pensa fazer agora?

— Justamente ia chamar um táxi e retornar para casa.

— Talvez fosse melhor que o fizesse agora mesmo, disse.

Levantei o auricular e liguei para a Yellow Cab. Aproximou-se agilmente. Sua mão esquerda apalpou meu peito e minhas axilas, meus flancos e quadris. Alegrei-me de haver deixado o revólver no carro, mas detestei ser apalpado por ele. Suas mãos eram ágeis. Retrocedeu e me mostrou o revólver, um revólver niquelado, calibre 32 ou 38. Calculei minhas probabilidades de dar um chute e apanhá-lo. Seu corpo se retesou levemente, e o revólver me enfocou como um olho.

— Não, disse. — Sou um atirador rápido, Mr. Archer. Não terá probabilidade alguma. Agora se vire. Virei-me. Afundou-me o revólver nas costas à altura dos rins. — Para o quarto. Colocou-me no iluminado quarto e me fez dar volta, rosto à porta. Escutei seus rápidos passos que cruzavam o quarto, uma gaveta que se abria e se fechava. O revólver voltou aos meus rins. — O que esteve fazendo aqui?

— Eu não entrei aqui. Fay acendeu a luz.

— Onde ela se encontra agora?

— No aposento em frente.

Fez-me entrar no aposento onde jazia Mrs. Estabrook, oculta pelo respaldo do divã. Estava num sono profundo que se parecia à morte. Sua boca estava aberta, mas não roncava mais. Um de seus braços estava pendurado até o chão como uma branca víbora superalimentada. Ele olhou-a com desprezo, o desprezo que poderia ser pela carne podre.

— Nunca conseguiu suportar a bebida.

— Andamos percorrendo bares, disse. — Passamos alguns momentos mágicos. Olhou-me cortante.

— Evidentemente. Agora, por que se você interessaria por semelhante bolsa de vermes?

— Você está falando da mulher que amo.

— Ela é minha esposa. Um leve balançar de seu nariz demostrou que seu rosto podia se mover.

— Realmente?

— Não sou ciumento, Mr. Archer, mas devo lhe advertir que deverá se manter afastado. Ela tem seu pequeno círculo de amizades, e você, simplesmente, não pertence a ele. Fay é muito tolerante, claro. Alguns de seus amigos absolutamente não o são.

— Todos são tão profundos quanto você?

Mostrou seus pequenos e regulares dentes e sutilmente mudou de posição. Seu torso se dobrou, e sua cabeça se inclinou para um lado, brilhante à luz. Era uma figura obscena, um garoto vicioso, alerta e enérgico atrás da máscara de homem de idade. O revólver girou sobre seu dedo como uma rosa de prata e ficou quieto apontando para o meu coração.

— Tenho outras maneiras de me expressar. Você me entende?

— A Idea é fácil de compreender. A transpiração esfriava em minhas costas. Um carro buzinou na rua. Dirigiu-se à porta e a segurou aberta para que eu passasse.

Do lado de fora estava mais quente.

* * *

Dez

— Alegro-me de ter me chamado, disse o motorista. — Salvou o meu retorno. Fiz uma longa viagem a Malibu. Quatro porcas que iam a uma festa de putas. O assento traseiro do táxi tinha, ainda, olor a mofo. — Precisaria ter escutado o que diziam essas mulheres. Diminuiu a marcha no semáforo da Sunset. — Volta para a cidade?

— Espere um momento. Conhece um lugar chamado o Piano?

— O Piano Selvagem? Disse, — Hollywood oeste. Uma espécie de lata de sardinhas.

— Quem o administra?

— Nunca me mostraram os livros, disse alegremente; moveu a alavanca de mudança. — Quer ir até lá?

— Por que não? Disse. A noite é jovem.

Menti, a noite era velha e fria, sua batida era lenta. Os pneus chiaram como gatos brigões sobre a rua húmida da névoa. Os anúncios luminosos ao longo da Strip brilhavam insones. A noite ainda não começara no Piano Selvagem, mas estava artificialmente estimulada. Encontrava-se em uma rua mal iluminada, entre uma fileira de antigos dúplex separados por corredores cheios de lixo. Não tinha cartaz, nem vitrines de plástico ou espelhos. Uma arcada de estuque escurecido pelo tempo, descascando como se tivesse crostas, se curvava sobre a entrada. Por cima desta, um balcão estreito com uma grade de ferro forjado ocultava as janelas vedadas por espessas cortinas. Um porteiro negro de uniforme saiu debaixo do arco e abriu a porta do táxi. Paguei o motorista e o segui. Sob a tênue luz da porta pude ver que o tecido de seu casaco azul estava puído. O couro pardo da porta havia se manchado de preto ao redor da maçaneta pela pressão de muitas mãos suadas. Entrei num aposento profundo e estreito como um túnel.

Outro negro com paletó de garçom, um guardanapo sobre o braço, se aproximou da entrada e veio ao meu encontro. Seus lábios esticados num sorriso eram azul índigo por causa da luz azul que emanava das paredes. Estas estavam decoradas com nus monocromáticos azuis em diferentes posturas. Havia mesas com toalhas brancas ao longo daquelas, de cada lado, com um corredor no meio. Uma mulher tocava piano sobre um estrado baixo, no extremo mais afastado do salão. Parecia irreal entre a fumaça, uma boneca mecânica de mãos ágeis, costas rígidas e imóveis. Dei meu chapéu a uma jovem encarregada de guardá-lo num pequeno cubículo e pedi uma mesa próxima do piano. O garçom me escoltou ao longo do corredor, o guardanapo ao vento como uma bandeira; tentava criar a ilusão de que o negócio era ótimo. Não era. Dois terços das mesas se encontravam vazias. O resto estava ocupado por casais. Os homens eram representantes da ressaca dos bares melhores; postergavam a volta para casa. Gordos e magros, tinham rosto de peixe à luz azul do aquário, rosto de peixe e olhos de ostras.

A maioria de suas companheiras pareciam pagas ou ansiavam ser. Duas ou três eram ruivas que eu havia visto em filas de coristas, com ingênuos sorrisos fixados em seus rostos, como se pudessem deter a passagem do tempo. Algumas eram mulheres mais velhas cujas cinturas de pneus poderiam mantê-las flutuando durante mais um ou dois anos. Estas mulheres trabalhavam duramente com as mãos, com a língua, com os olhos. Se ainda estavam no nível do Piano Selvagem precisavam tomar cuidado, pois havia lugares piores onde ir parar. Uma jovem mexicana com um rosto cansado e amarelo estava sentada só na mesa vizinha. Seus olhos me procuraram, em seguida se voltaram para o outro lado.

— Scotch ou Bourbon, senhor? Perguntou o garçom.
— Bourbon e água. Eu misturarei.
— Sim, senhor. Temos sanduíches. Lembrei que estava faminto.
— Queijo.
— Muito bem, senhor.

Olhei para o piano; me perguntava se havia sido muito literal. A mulher que dissera se chamar Betty disse que estava ao piano. A voz rouca se misturava com as risadas irregulares das mesas, em melancólico contraponto. Os dedos da pianista se moviam sobre a superfície do teclado com uma

facilidade apurada pelos anos, como se o piano tocasse por si só e ela só tivesse que alcançá-lo. Seus tensos ombros descobertos eram magros e bem formados. Seu cabelo negro caía sobre eles como asfalto e fazia os ombros parecerem de um branco cadavérico. O rosto estava oculto.

— Olá. Convide-me para uma bebida.

A jovem mexicana estava de pé junto a mim. Quando olhei para cima se sentou. Seu corpo de ombros redondos e sem quadris se movia inconcebivelmente. Seu vestido longo era incongruente... Roupas sobre um corpo selvagem. Tentou sorrir, mas seu rosto de madeira nunca havia conseguido aprender essa arte.

— Convido para um par de drinques. Ela sabia que significava que seria divertido e isso era tudo.

— É um garoto alegre. Gosto de um garoto alegre. Sua voz era gutural e forçada, a voz que se esperaria de um rosto de madeira.

— Eu poderia não gostar. Porém convidarei para um drinque. Moveu seus olhos como para expressar prazer. Porém eram sólidos e imutáveis como pedaços de plástico. Suas mãos se moveram para o meu braço e começaram a acariciá-lo.

— Gostei de você, garoto alegre. Diga algo divertido.

Ela não gostava de mim e eu não gostava dela. Inclinou-se para frente para me deixar ver dentro de seu vestido. Os seios eram pequenos e duros, com bicos como pontas de lápis. Seus braços e o buço estavam cobertos de pelos.

— Em segunda instância, lhe comprarei hormônios, lhe disse.

— É algo para comer? Tenho fome. Mostrou-me seus brancos e famintos dentes.

— Por que não me dá uma mordida?

— Está brincando comigo, disse com grosseria. Porém suas mãos continuaram alisando meu braço.

O garçom apareceu e me deu uma oportunidade para ficar livre. Transferiu de sua bandeja para a mesa um pequeno sanduíche num prato,

um copo de água, um copo com dois dedos de uísque no fundo, um copo vazio e um copo de algo que telepaticamente trouxera para a jovem.

— Isto soma seis dólares, senhor.
— Não entendi.
— Dois dólares por cada bebida, senhor. Dois dólares pelo sanduíche.

Levantei a tampa superior do sanduíche e olhei a fatia de queijo que continha. Era tão fina quanto uma folha de ouro e quase tão cara. Apanhei uma nota de dez dólares e deixei o troco sobre a mesa. Minha primitiva companheira bebeu seu suco de frutas, deu um olhar para os quatro dólares, e voltou a se ocupar do meu braço.

— Tem mãos muito apaixonadas, lhe disse; — Só que estou esperando a Betty.
— Betty? Deu uma desdenhosa e feia olhada para as costas da pianista. — Porém a Betty é artista. Ela não... Um gesto finalizou a frase.
— Betty é a única para mim.

Seus lábios avançaram juntos com a vermelha ponta da língua para frente, como se fosse cuspir. Fiz sinais a um garçom e pedi uma bebida para a mulher que estava no piano. Quando me voltei para a jovem mexicana, ela havia saído. O garçom me apontou quando colocou o copo sobre o piano, e a pianista se voltou para olhar. Seu rosto era oval, tão pequeno e tão delicadamente modelado que parecia esculpido. Seus olhos eram de cor e significado ambíguo. Não se esforçou em sorrir. Levantei meu queixo a guisa de convite. Sua cabeça se moveu negando e se inclinou novamente sobre o teclado. Observei suas brancas mãos abrindo caminho entre a selva artificial do boogie-woogie. A música a seguia como passos de um gigante ressoando num piso metálico. Podia se ver a sombra do gigante e escutar o martelar. Estava enlouquecida. Em seguida o som mudou. Sua mão esquerda ainda tamborilava e redobrava no baixo enquanto sua mão direita elaborava um blue. Começou a cantar com voz dura, sibilante, áspera, mas, de algum modo, comovedora:

O cérebro no estômago,
O coração na boca,

Quero ir para o norte...
Dirijo-me para o sul.
Tenho o blue psicossomático

Doutor, doutor, doutor,
Analise meu cérebro.
Organize-me, doutor.
Doutor, alivie a minha dor...
Tenho o blue psicossomático.

Fraseou seu canto com uma interpretação decadente. Não gostava, mas merecia melhor audiência que aquela triste sala. Aplaudi quando terminou e pedi outro drinque para ela. Trouxe-o para minha mesa e se sentou. Tinha um corpo de modelo, pequeno e perfeito, e se encontrava ambiguamente situada entre os vinte e os trinta.

— Gostou da minha música, afirmou. Inclinou seu rosto para frente e me olhou de baixo, uma manobra de mulher orgulhosa de seus olhos. Suas pupilas de reflexos pardos careciam de centro e eram perturbadoras.

— Você deveria estar tocando na Rua Cinquenta e Dois.

— Não acredite que já não estive lá. Porém faz um tempo que você não vai, não é verdade?

— Não existe dinheiro neste lugar. Vai quebrar. Qualquer um pode notar. Quem o administra?

— Um homem que eu conheço. Tem um cigarro?

Quando o acendi, inalou profundamente. Seu rosto inconscientemente esperou outro efeito e decaiu quando não aconteceu. Era um bebê com um rosto sem idade, sorvendo uma mamadeira seca. As aletas de seu nariz não estavam irrigadas, tão brancas como a neve, e isto não era um erro freudiano.

— Chamo-me Lew, lhe disse, — Devo ter ouvido falar de você.

— Sou Betty Fraley. A afirmação tinha uma margem de pena, como um borde magro e preto sobre uma mesa. O nome nada significava para mim, mas sim para ela.

— Já lembrei. Menti mais ousadamente. — Você levou um duro golpe, Betty. — Todos os pássaros de neve tem o estigma da má sorte.

— Você pode dizer duas vezes. Dois anos em uma cela branca, e sem piano. Toda a conspiração foi um ardil. Tudo o que podiam dizer era que eu precisava. Fizeram para meu próprio bem, disseram. Meu próprio bem! Queriam publicidade e meu nome era conhecido. Já não é, e se alguma vez abandonar as drogas não será precisamente por eles. Sua vermelha boca se torceu sobre a vermelha e molhada ponta do cigarro. — Dois anos sem um piano.

— Você toca muito bem se se levar em conta que não tem praticado.

— Parece? Você precisaria ter me escutado em Chicago, quando foi o meu auge. O piano ficava pendurado nas vigas do teto e fazia bambolear o teclado. Talvez você tenha escutado minhas gravações.

— E quem não escutou?

— Eram como lhe digo?

— Maravilhosas! Enlouqueceram-me.

Porém a lisonja não era meu prato forte, e não havia utilizado as palavras adequadas ou havia me excedido no elogio. A amargura de sua boca passou a seus olhos e a sua voz.

— Não acredito em homem algum.

— Há muito, muito tempo.

— Gostou do meu Gin Mili Bittes?

— Claro, disse com alivio. — Você toca melhor que Sullivan.

— Você é um mentiroso, Lew. Nunca gravei essa canção. Por que quis me fazer falar tanto?

— Gostei de sua música.

— Sim. Provavelmente é surdo. Olhou-me atentamente. Os cambiantes olhos tinham duros e brilhantes centros, como diamantes.— Poderia ser um tira. Não tem o tipo, mas há algo no modo em que olha as coisas; as quer, mas não gosta. Tem olhos de tira... Você gosta de ver as pessoas se darem mal.

— Tranquilize-se, Betty. O que você disse é psicótico só pela metade. Não gosto de ver as pessoas se darem mal, mas sou um tira.

— Narcóticos? Seu rosto foi arrasado por um terror branco.

— Nada disso. Detetive particular. Não quero nada de você. Só que gostei de sua música.

— Você mente. Apesar de seu ódio e temor ainda sussurrava. Sua voz

era um seco chiado. — Você foi quem atendeu o telefone de Fay e disse que era Troy. Atrás do que você anda?

— De um homem chamado Sampson. Não me diga que não ouviu falar dele. Já ouviu.

— Nunca ouvi falar dele.

— Isso não é o que você disse ao telefone.

— Muito bem, já o vi por aqui, como qualquer outra pessoa. Por que veio a mim? É um tipo como qualquer outro.

— Você se aproximou de mim. Lembra? Inclinou-se para mim e projetou seu ódio como um campo magnético.

— Saia daqui e não volte a entrar.

— Vou ficar.

— Isso é o que você pensa. Chamou com sua mão branca e tensa o garçom, que veio correndo. — Chame Puddler. Este tipo é um policial particular. O garçom me olhou com um esboço de incerteza em seu rosto preto azulado.

— Calma, lhe disse. Ela se levantou e se dirigiu à porta atrás do piano.

— Puddler! Todas as cabeças se elevaram. A porta se abriu de golpe e o homem da camisa escarlate entrou na sala. Seus pequenos olhos se moviam de lado a lado. Ela me apontou com o dedo.

Tinha tempo de correr, mas me faltava vontade. Três fugas era muito num só dia. Dirigi-me a ele e lhe dei um soco. A cabeça cheia de cicatrizes se esquivou com facilidade do golpe. Tentei com a direita. Bati-lhe no braço e ele se precipitou para mim. Seus tristes olhos mudaram. Tive o curioso sentimento de que não me reconheciam. Assestou-me um soco no estômago. Desci a guarda. Em seguida me bateu no pescoço, abaixo da orelha. Tinha as pernas travadas pela borda do estrado. Caí contra o piano.

A consciência se desvaneceu entre tons discordantes, absorvida pela sombra do gigante.

* * *

Onze

SOBRE o fundo de uma caixa preta, um inservível homenzinho estava sentado com as costas contra algo duro. Algo igualmente duro lhe golpeava o rosto. Primeiro sobre um lado da mandíbula, depois sobre o outro. Cada vez que isto acontecia sua cabeça batia contra a dura superfície atrás dele. Esta angustiosa sequência, o golpe seguido da batida, continuou com monótona regularidade durante um considerável período de tempo. Cada vez que o punho se aproximava da sua mandíbula, o inservível homenzinho seus doloridos dentes se chocavam. Seus braços estavam pendurados dos lados. Suas pernas estavam inertes e distantes.

Uma alta sombra apareceu na entrada da arcada, parou num só pé como uma ave durante um instante, em seguida coxeou grotescamente até eles. Puddler estava muito absorto em seu trabalho para notá-lo. A sombra se ergueu atrás dele e elevou um braço no ar. O braço desceu com um objeto escuro que bamboleava no seu extremo. Produziu um som alegre, como o de descascar nozes, sobre a parte posterior da cabeça de Puddler. Este caiu em frente a mim. Não pude ler sua alma em seus olhos porque só mostrava o branco. Empurrei-o para trás. Alan Taggert colocou seu sapato em cima dele e se agachou junto a mim.

— Melhor sairmos daqui. Não bati muito forte.
— Avise-me quando for bater forte. Quero estar presente.

Sentia os lábios inchados. Minhas pernas eram como remotas e rebeldes colônias do meu corpo. Enviei-lhes uma ordem e consegui me levantar. Porém não contava com uma delas. Devia ter chutado o chão e agora lamentava... Taggert me segurou pelo braço e me empurrou para a entrada. Um táxi com a porta aberta estava na curva. Através da rua, a entrada de

estuque do Piano Selvagem se encontrava deserta. Empurrou-me para dentro do carro e subiu atrás de mim.

— Aonde quer ir? Minha cabeça foi um vazio durante um momento. Em seguida, a cólera surgiu dentro do vazio.

— Deveria ir para casa dormir, mas não vou. Ao Swift, fica no Hollywood Boulevard.

— Já fecharam, disse o motorista.

— Meu carro está no estacionamento. — E meu revólver estava no carro.

Percorremos a metade do caminho antes que minha cabeça sincronizasse com minha língua.

— De onde demônios você veio? Perguntei a Taggert.

— De qualquer lado daqui. Reclamei.

— Não faça jogos de palavras. Não estou de bom humor.

— Desculpe, disse seriamente. — Estava procurando Sampson. Num lugar chamado Piano Selvagem. Sampson me levou uma vez lá, e pensei em perguntar por ele.

— Isso é o que eu pensava fazer. Você viu a resposta que me deram.

— Como lhe ocorreu ir a esse lugar? Eu não podia dar explicações.

— Tropecei com ele e entrei, em seguida tropecei e saí.

— Eu o vi sair, disse.

— Eu caminhei para fora?

— Mais ou menos. Ajudaram-no um pouco. Esperei no táxi para ver o que acontecia. Quando o lutador o levou para dentro daquela arcada fui atrás de você.

— Não lhe agradeci, disse.

— Não se preocupe. Inclinou-se para mim e disse num sério sussurro: — Você realmente acredita que Sampson foi sequestrado?

— Não consigo pensar muito bem agora. É uma ideia que tive quando tinha ideias.

— Quem poderia tê-lo sequestrado?

— Há uma mulher que se chama Estabrook, disse, — E um homem que se chama Troy. Alguma vez já o viu?

— Não, mas já ouvi falar da Estabrook. Estava com Sampson em

Nevada há um par de meses.

— Que função desempenhava?

— Não poderia dizer com certeza. Foi de carro. O avião estava fora de serviço, e eu estava com ele em Los Angeles. Nunca a vi, mas Sampson a mencionou. Na medida em que posso dizer algo, creio que se sentavam sob o sol e falavam de religião. Penso que é uma conhecida desse tipo chamado Claude. Esse a quem Sampson presenteou a montanha.

— Deveria ter me dito antes. Essa que lhe mostrei era a fotografia dela.

— Não sabia.

— Não importa agora. Passei a noite com ela. Era a mulher com a qual me encontrava no Valério.

— Era ela? Pareceu atônito. — Sabe onde está Sampson?

— É possível que sim, mas não disse. Vou lhe fazer outra visita agora. E me conviria contar com alguma ajuda. Sua casa é bem mais violenta.

— Deus! Disse Taggert.

Minhas reações ainda eram muito lentas, e deixei que ele dirigisse. Tendia a se inclinar nas curvas, mas tudo andou bem até que chegamos à casa de Estabrook. Estava escuro. O Buick já não se encontrava na calçada e a garagem estava vazia. Bati na porta de rua com a culatra do meu revólver. Não houve resposta.

— Vamos entrar.

Porém a porta estava aferrolhada e era muito forte para nossos ombros. Demos a volta até os fundos. No pátio tropecei com um objeto suave e redondo que acabou sendo uma garrafa de cerveja.

— Vamos, velho! Disse Taggert com um vago estilo de garotão. Parecia estar se divertindo.

Partiu com arrojo juvenil contra a porta da cozinha. Quando empurramos os dos juntos, a fechadura saltou e cedeu. Atravessamos a cozinha até o escuro hall.

— Você não trouxe revólver? Perguntei.

— Não.

— Porém sabe como usá-lo.

— Naturalmente. Mas prefiro uma metralhadora, se vangloriou. Dei-lhe minha automática.

— Isto pode servir. Fui até a porta da frente, abri o ferrolho e a portinhola. — Se aparecer alguém, me avise. Não se deixe ver.

Ocupou seu lugar com grande solenidade, como uma nova sentinela no Palácio de Buckingham. Percorri o living, a sala de jantar, a cozinha, o banheiro, acendendo e apagando luzes. Esses aposentos estavam como os havia visto da última vez. O quarto apresentava uma ligeira diferença. A diferença era que agora a segunda gaveta só continha meias. E um envelope usado, rasgado e vazio, que estava amassado num canto, atrás das meias. O envelope estava dirigido para Mrs. Estabrook, nesse mesmo endereço. Alguém havia garatujado algumas palavras e cifras a lápis sobre a parte posterior:

Prom. bruto $ 2000. Prom. gastos (Max.) $ 500. Prom. líquido $ 1500.
Maio - 1500 X 31 = 46.500 menos 6.500 (emerg.) =40.000 40.000 /2= 20.000.

Parecia o tosco cálculo de um negócio notavelmente vantajoso. Uma coisa era certa, sem dúvida: o Piano Selvagem não estava ganhando essa quantidade de dinheiro. Dei a volta no envelope. Fora enviado em 30 de abril, uma semana antes então, e selado em Santa Maria. Enquanto gravava isso em minha memória, escutei um pesado motor que rugia no caminho. Apaguei a luz e me dirigi para o hall. Uma onda de luz varreu a frente da casa e se derramou pela portinhola da porta onde se encontrava Taggert.

— Archer, Taggert sussurrou, a voz rouca. Então fez algo temerário e idiota. Saiu sob o branco foco de luz, e disparou o revólver.

— Pare, eu disse, muito tarde. A bala raspou o metal e assoviou em seguida. Não houve disparo de resposta.

Dei-lhe uma cotovelada e me precipitei degraus abaixo. Um caminhão com a caçamba fechada retrocedia velozmente para fora do caminho. Corri através do jardim e alcancei o caminhão, antes que pudesse tomar velocidade. A janela direita da cabina estava aberta. Enganchei o braço nela e consegui trepar no estribo com um pé. Um rosto magro de cadáver ao volante se voltou para mim; seus pequenos olhos assustados refulgiam. O caminhão

parou como se tivesse batido numa parede de pedra. Perdi o equilíbrio e caí no caminho. O caminhão deu marcha-a-ré, a alavanca de mudança chiou e ele veio para cima de mim enquanto eu estava ainda de joelhos. As brilhantes luzes me hipnotizaram durante um segundo. As rodas já me atropelavam. Vi a intenção e me joguei de costas para a vala. O caminhão passou pesadamente por cima do preciso lugar onde eu havia estado, e seguiu rua acima, o rugido do motor cada vez mais intenso e potente. Sua placa, se é que a tinha, não estava iluminada. As portas de trás não tinham janelas. Quando cheguei ao meu carro, Taggert havia posto o motor em marcha. Empurrei-o para fora do assento de motorista e segui o caminhão. Havia se perdido de vista quando chegamos na Sunset. Não havia maneira de saber se se dirigira para as montanhas ou para o mar. Voltei-me para Taggert, que estava sentado com ar desvalido e o revólver na mão.

— Não atire enquanto eu não disser.

— Era muito tarde quando me disse. Apontei por cima da cabeça do motorista, de qualquer maneira, para obrigá-lo a sair da cabina.

— Tentou me atropelar. Não teria fugido se você fosse de confiar com as armas de fogo.

— Sinto muito, disse contrito. — Achei que seria um bom gatilho. Deu-me o revólver, a culatra para frente.

— Não importa. Dobrei para a esquerda rumo à cidade. — Olhou bem o caminhão?

— Que era dos excedentes do Exército, do tipo dos que são utilizados para transportar pessoal. Pintado de preto, não é?

— Azul. E acerca do motorista?

— Não pude ver com clareza. Usava um gorro pontiagudo, isso é tudo o que consegui ver.

— Não viu a placa da frente?

— Não creio que a tivesse.

— Isso é muito ruim, disse. É provável que Sampson estivesse nesse caminhão. Ou tenha estado.

— Realmente? Acha que deveríamos ir à polícia?

— Acredito que sim. Porém primeiro preciso falar com Mrs. Sampson. Telefonou-lhe?

— Não consegui falar com ela. Tinha adormecido tomando soníferos quando liguei. Não consegue dormir sem eles.

— Verei-a pela manhã, então.
— Voará conosco?
— Irei de carro. Tem algo que quero fazer primeiro.
— O quê?
— Um pequeno assunto particular, disse com indiferença.

Permaneceu em silêncio depois disso. Eu não queria falar. Amanhecia. A escura nuvem vermelha que flutuava sobre a cidade começava a empalidecer. O trânsito noturno de táxis e de carros particulares havia diminuído quase por completo, e os caminhões da madrugada começavam a rodar. Procurei um caminhão azul dos excedentes do Exército com a caçamba fechada e não vi nenhum. Deixei Taggert no Valério e voltei para casa. Um quarto de leite me esperava no umbral. Levei-o para que me fizesse companhia. O relógio elétrico da cozinha marcava quatro e vinte. Encontrei uma caixa de ostras geladas no congelador da geladeira e fiz um guisado de ostras para alegrar o coração e levantar minha virilidade. Tirei a roupa e me meti na cama sem olhar para a cama gêmea vazia do outro lado do quarto. De algum modo era um alivio não ter que explicar a alguém o que fizera durante o dia todo.

* * *

Doze

DERAM dez da manhã antes que eu chegasse à cidade. Peter Colton se encontrava em frente a sua mesa, entupida de papéis, em sua sala. Havia sido meu coronel na Inteligência. Quando abri a porta de vidro levantou a vista de uma pilha de relatórios policiais e então, imediatamente, desceu os olhos para me demonstrar que não era benvindo. Era um investigador antigo dessa seção, um homem corpulento de mediana idade com abundante cabelo ruivo e um nariz grande, como a proa invertida de um barco. Sua sala era um cubículo e tinha uma janela com marco de aço. Coloquei-me em uma cadeira de respaldo duro, contra a parede. Depois de um tempo me apontou com seu nariz.

— O que aconteceu para que, a falta de um termo melhor, precise ver a sua cara?

— Me envolvi em uma briga.

— E quer que eu prenda o vizinho. Seu sorriso esticava para baixo as comissuras de seus lábios. — Deverá resolver suas próprias batalhas, meu pequeno homenzinho, exceto que tenha algo ali que seja de minha competência.

— Uma bomba, disse amargamente, — E três cassetetes de borracha.

— Tenta subornar as forças da lei com três cassetetes de borracha? Não se dá conta de que esta é a era atômica, amigo? Três cassetetes de borracha contém suficiente energia primária para nos fazer voar em pedaços.

— Esqueça. A briga foi com um piano selvagem.

— E pensa que não tenho algo mais importante para fazer com meu tempo, do que estender meu braço sobre irascíveis pianos? Ou montar um ato de vaudeville com um detetive divorciado que vai a pique? Muito bem, me conte o assunto. Quer algo contra nada, provavelmente.

— Estou lhe dando algo. Poderá crescer até se converter no maior da

sua vida.

— E, claro, quer algo em troca.

— Muito pouco, admiti.

— Vejamos a cor dessa história. Em vinte e cinco palavras.

— Seu tempo não vale tanto.

— Cinco, disse, apoiando nariz em seu dedo polegar.

— O marido de minha cliente saiu do Aeroporto de Burbank antes de ontem em uma limusine preta, de propriedade desconhecida.

— Vinte e cinco.

— Cale-se. Não foi visto desde então. Ontem ela recebeu uma carta de seu punho e letra na qual pedia cem dos grandes em notas.

— Ninguém tem tanto dinheiro. Não em notas.

— Sim. Ele tem. Que lhe sugere? Havia apanhado um maço de folhas mimeografadas da gaveta superior esquerda de sua mesa e as examinava em rápida sucessão.

— Sequestro? Disse, de modo ausente.

— Me cheira a isso. Talvez meu nariz seja insensato. Que disse a maldita folha?

— Nenhuma limusine preta nas últimas setenta e seis horas. As pessoas que possuem limusines cuidam bem delas. Antes de ontem, dizia. A que horas? Proporcionei-lhe os detalhes.

— Está bem de vida, sua cliente?

— Tem paixão pela discrição.

— Porém não por seu esposo, me dei conta. Seria útil que nos dissesse o nome.

— Espere um minuto. Disse que queria algo. São duas coisas. Uma, isto não é para publicar. Minha cliente não sabe que estou aqui. Ademais, quero o tipo de volta vivo. Não morto.

— É muito grande para ficar quieto, Lew. Levantou-se e caminhou de cima a baixo, como um urso encarcerado, entre a janela e a porta.

— Já comunicarão pelos canais oficiais. Então estará fora de minhas mãos. Entretanto, pode ir fazendo algo.

— Por você?

— Por você. Comece por verificar as agências de automóveis de aluguel. Esse é o número dois. O número três é o Piano Selvagem.

— Suficiente. Agitou as mãos defronte de seu rosto. — Esperarei o relatório oficial, se é que haverá algum.

— Alguma vez lhe dei uma pista errada?

— Muitas, mas não vamos discutir isso. Poderia exagerar algo, bem sabe.

— Por que teria que andar dando voltas?

— É um modo barato e fácil de terminar seu trabalho. Seus olhos diminuíram até se transformar em duas inteligentes fendas azuis. — Há uma tremenda quantidade de automóveis de aluguel no distrito.

— Eu faria isso, mas preciso sair da cidade. Esta gente vive em Santa Teresa.

— E o nome?

— Posso confiar em você?

— Um pouco mais do que pode acreditar.

— Sampson, disse. — Ralph Sampson.

— Ouvi falar dele. E entendo o que significa quando fala de cem dos grandes.

— O problema é que não podemos estar certos do que aconteceu. Temos que esperar.

— Isso é o que você diz. Virou a cadeira para a janela e falou de costas para mim. — Também disse algo acerca do Piano Selvagem.

— Isso foi antes que dissesse que eu procurava que me fizessem o trabalho de graça.

— Não me diga que tem sentimentos que posso ferir.

— Simplesmente me decepcionou, lhe disse. — Trouxe um assunto que implica em cem dos grandes em dinheiro e cinco milhões de capital em bens. E você regateia por um dia de seu precioso tempo.

— Não trabalho para mim, Lew. Virou-se par mim de repente. — Dwight Troy está metido nesse assunto?

— Quem é Dwight Troy? Perguntei.

— Veneno em frasco pequeno. Administra o Piano Selvagem.

— Pensei que havia leis contra lugares como esse e gente como ele. Perdoe a minha ignorância.

— Sabe quem é, então?

— Se se tratar de um inglês de cabelo branco, sim, Colton concordou. — Encontrei-o uma vez. Apontou-me um revólver por alguma razão. Não era minha obrigação lhe tomar o revólver. Colton moveu seus grossos ombros, incomodado.

— Temos tentado prendê-lo há anos. É suave e versátil. Vai até onde

periga sua imunidade, então passa a se ocupar de alguma outra coisa. Voou alto no começo da década de trinta, com contrabando de álcool desde a Baixa Califórnia, até que o filão se esgotou. Desde então teve seus altos e baixos. Meteu-se também com jogo em Nevada durante algum tempo, mas o sindicato o obrigou a se retirar. Pouco se sabe dele nos últimos tempos, mas ainda esperamos pegá-lo.

— Enquanto esperam, disse com pesada ironia, — Poderiam fechar o Piano Selvagem.

— Fechamos a cada seis meses, explodiu. — Deveria ter visto antes do último fechamento, quando era o Rhinestone. Tinha uma janela para voyeurs e masoquistas, um ato, regularmente montado, de uma mulher flagelando um homem, e coisas do estilo. Pusemos fim a tudo isso.

— Quem o administrava então?

— Uma mulher chamada Estabrook. E o que aconteceu? Nem sequer foi iniciado o processo. Respirou colérico. — Nada posso fazer a respeito de uma situação como essa. Não sou político.

— Tampouco Troy é, disse. — Sabe onde mora?

— Não. Fiz uma pergunta sobre ele, Lew.

— Fez. A resposta é que não sei. Porém ele e Sampson andam se movendo em círculos comuns. Seria inteligente se pusesse um homem no Piano Selvagem.

— Se pudéssemos conseguir um homem. Aproximou-se de improviso e colocou uma pesada mão sobre meu ombro. — Se se encontrar novamente com Troy, não tente tomar o seu revólver. Já tentaram.

— Não eu.

— Não, disse. — Os homens que tentaram estão mortos.

* * *

Treze

A VIAGEM de Los Angeles a Santa Teresa era de duas horas se se mantivesse a velocidade de cem por hora. O sol havia cruzado o zênite quando cheguei na casa de Mrs. Sampson, e se colocava do lado do mar entre nuvens dispersas, cujas sombras se moviam sobre as varandas. Felix me recebeu e me conduziu até o living. Era tão grande que o pesado mobiliário parecia pouco. A parede que dava para o mar era uma simples folha de vidro, como cortina tecida em cristal, franzida superfície de luz. Mrs. Sampson era uma boneca de tamanho natural que se mantinha sentada em uma cadeira junto à gigantesca janela. Estava vestida com apuro, de seda cor limão. Seus sapatos dourados descansavam num estrado. Nem um cabelo de sua cabeça estava fora do lugar. A cadeira de rodas metálica se encontrava junto à porta. Imóvel e silenciosa, configurava um quadro deliberado, caindo no ridículo à medida que os segundos se passavam. Quando o silêncio acabou após um quarto de minuto, lhe disse:

— Muito bem. Você queria falar comigo?

— Você gastou muito tempo para vir. A voz do quieto rosto de caoba era petulante.

— Não vou me desculpar. Estive trabalhando duro em seu caso, e lhe enviei meu conselho. Você o seguiu?

— Em parte. Aproxime-se, Mr. Archer, se sente. Sou perfeitamente inofensiva, na realidade. Indicou-me um sofá em frente ao dela, e cruzei o living até o mesmo.

— Que parte?

— Toda, disse com um sorriso carnívoro. — Mas, claro, você se refere ao conselho. Bert Graves se ocupa atualmente do dinheiro.

— Ele informou a polícia?

— Ainda não. Quero discutir isso com você. Porém primeiro será

melhor que leia a carta.

Levantou um envelope da mesa de café junto a ela e me deu. Apanhei o envelope vazio que havia encontrado no armário de Mrs. Estabrook e os comparei. Diferiam em tamanho e qualidade e na maneira de escrever o endereço. A única semelhança consistia no carimbo de Santa Maria. A carta de Sampson estava dirigida a Mrs. Sampson e havia sido despachada na tarde anterior, às quatro e trinta.

— A que horas a recebeu?

— Ao redor das nove da noite. Está registrada, como pode comprovar. Leia. A carta era uma simples folha de papel branco de máquina coberto de um lado por uma escrita com tinta azul:

Querida Elaine:

Estou envolvido num assunto que surgiu de repente e preciso com urgência de dinheiro em espécie. Há uma quantidade deações nocofredenossa contaconjuntano Banco da América. Albert Graves podeveras que são negociáveis e conseguir trocá-las por dinheiro. Quero que troqueações no valor de cem mil dólares. Não quero notas maiores de cem. Não permita que o banco as marque ou anote os números, já que o assunto que mencionei é confidencial e muito importante. Guarde o dinheiro para mim em casa até que tenha novamente notícias minhas, como acontecerá, ou até que envie um mensageiro, que levará uma carta de identificação, de minha parte.

Terá que confiar em Bert Graves, claro, mas é da maior importância que não conte a mais ninguém alguma coisa a respeito deste assunto. Se o fizer, corro o risco de perder um grande negócio e ainda poderia ser que me encontrasse fora da lei. Deve manter segredo absoluto. Por isso peço que consiga o dinheiro para mim, em lugar de eu me dirigir diretamente ao banco. Terminarei este negócio no curso da semana. Todo meu amor, e não se preocupe.

Ralph Sampson

— Está cuidadosamente escrita, disse, mas não é convincente. Quando comenta a razão da sua impossibilidade de ir ao banco soa muito débil. O que Graves pensa disto?

— Também apontou isso. Pensa que é um negócio urdido. Mas, como disse, a decisão é minha.

— Você está absolutamente certa de que é a letra de seu marido?

— Não tenho dúvidas acerca disso. E se deu conta de que tem erres de ortografia? São clássicos nele. Escreve algumas palavras como as pronuncia. Ralph não é um homem culto.

— A pergunta é, será um homem vivo? Seus olhos azuis se voltaram para mim com desagrado.

— Você pensa realmente que é algo tão sério, Mr. Archer?

— Normalmente ele não faz este tipo de negócios, não é verdade?

— Nada sei da sua maneira de fazer negócios. Retirou-se efetivamente quando nos casamos. Comprou e vendeu alguns ranchos durante a guerra, mas não me confiou os detalhes das operações.

— Alguma de suas transações foi ilegal?

— Simplesmente não sei. É perfeitamente capaz. Essa é uma das coisas que me ata as mãos.

— Quais são as outras?

— Não tenho confiança nele, disse com voz fina. — Não há maneira de que eu saiba o que tenta fazer. Com todo esse dinheiro pode estar planejando uma viagem ao redor do mundo. Talvez pretenda me deixar. Não sei.

— Eu tampouco, mas acho que seu marido foi retido em troca de um resgate. Escreveu esta carta ou ditado com um revólver contra a cabeça. Se se tratar, na realidade, de um assunto de negócios, não haveria razão alguma para que lhe escrevesse. Graves é seu procurador. Porém os sequestradores preferem negociar com a esposa da vítima. Isto facilita as coisas.

— O que devo fazer? Disse com voz tensa.

— Seguir as instruções da carta, exceto que deveria informar à polícia. Não de uma maneira evidente ou pública, mas é convenente que eles estejam cientes. Veja Mrs. Sampson, a maneira mais fácil que os sequestradores têm de se livrar de uma vítima, depois que tenham conseguido o dinheiro, é matá-la. É necessário encontrá-lo antes que isto aconteça, e eu sozinho não conseguirei.

— Você parece muito certo de que o sequestraram. Você descobriu algo que não me contou?

— Algumas coisas. Elas corroboraram o fato de que seu esposo andou frequentando más companhias.

— Já sabia. Seu rosto escapou de seu controle durante um instante. — Adora aparentar que é um homem de família e um bom pai, mas nunca me enganou.

— Muito más companhias, eu repeti pesadamente.

— Sempre foi afeito a companhias dessa qualidade. Parou, de repente, e elevou seu olhar para a porta, atrás de mim.

Miranda estava ali. Vestia uma capa cinzenta que enfatizava sua estatura; usava o cabelo acobreado levantado sobre a cabeça; parecia a irmã mais velha

da jovem que eu havia conhecido no dia anterior. Porém seus olhos se dilatavam com a fúria e suas palavras brotaram como chicotadas.

— Ousa dizer isso acerca de meu pai! Pode ser que ele esteja morrendo e se preocupa apenas em provar algo contra ele.

— Só me preocupo disso, querida? O rosto escuro havia ficado novamente impassível. Só se moviam os pálidos olhos e a boca cuidadosamente pintada.

— Não me chame de "querida" Miranda se precipitou para nós. Mesmo na cólera seu corpo tinha a graça de uma gata jovem. Mostrou as unhas. — Você só se importa é consigo mesma. Se alguma vez vi uma narcisista, se trata de você, Elaine. Com sua vaidade, com seu cabeleireiro especial, a sua dieta... Tudo para seu próprio benefício, não é?... De modo que pode continuar amando a si mesma. Com certeza que não espera que alguém possa amá-la.

— Não você, claro, disse friamente a mulher mais velha. — Só o pensamento me repugna. Mas, com que se preocupa, querida? Alan Taggert, talvez? Acredito que passou a última noite com ele, Miranda.

— Não. Mente.

Estava de pé quase em cima da madrasta, me dando as costas. Sentia-me confuso, mas permaneci no lugar onde estava, me balançando na borda da minha cadeira. Havia visto que as brigas verbais dos gatos terminam violentamente, e mais de uma vez.

— Alan trouxe-a? Quando se casará consigo?

— Nunca! Eu não o aceitaria. A voz de Miranda se quebrava. Era muito jovem e vulnerável para manter a briga durante muito tempo. — É mais fácil brincar comigo; nunca se preocupou por ninguém. É frígida, isso é o que é. Meu pai não estaria Deus sabe aonde se tivesse lhe dado algum amor. Fez com que se estabelecesse aqui na Califórnia, longe de todos os amigos, e agora o está levando para fora de sua própria casa.

— Bobagem! Porém Mrs. Sampson também demostrava tensão. — Quero que repense, Miranda. Vem me odiando desde o princípio e esteve contra mim estivesse eu errada ou não. Seu irmão era mais amável...

— Não coloque Bob dentro disto. Sei que o tinha numa mão, mas isso não significa nada em seu favor. Adulava sua vaidade, não é verdade que seu enteado dançava em torno de você?

— Chega, disse com voz rouca Mrs. Sampson. — Vá embora, desgraçada.

Miranda não se moveu, mas ficou silenciosa. Virei-me em meu assento e olhei pela janela. Por debaixo da varanda um caminho de pedras levava a uma pérgola situada na borda do penhasco, com a vista para o mar. Era uma pequena construção octogonal de teto cônico, as paredes totalmente de vidro. Ao longe podia ver as cores cambiantes do oceano: verde e branco onde começava a superfície, cor de mel na área das algas, mais afastadas, em seguida azul profundo até o profundo azul do horizonte.

Meu olhar captou um movimento imprevisto além do cinturão branco onde começavam a romper as ondas. Um pequeno disco preto deslizava rasante ao longo da superfície, brincando de onda em onda, e submergia fora do alcance da vista. Outro o seguiu um momento depois. A causa dos objetos rasantes estava muito próxima da praia para eu poder vê-la, oculta pela abrupta caída do penhasco. Quando seis ou sete discos brincaram na água e desapareceram, não apareceu nenhum outro. Sem desejar, me voltei para a silenciosa habitação. Miranda ainda se encontrava de pé junto à cadeira da outra mulher, mas havia modificado a posição. Seu corpo havia perdido a rigidez. Uma de suas mãos se elevava de suas costas até a madrasta, mas sem raiva.

— Sinto muito, Elaine. Eu não podia ver seu rosto. Mrs. Sampson estava visível. Dura e atenta.

— Me machucou, disse. — Não pode esperar que a perdoe.

— Também você me machucou, disse soluçando. — Não devia jogar Alan na minha cara.

— Então, não pule no pescoço dele. Não, na realidade não quis dizer isso, e você bem sabe. Penso que deveria se casar com ele. Você quer, não é verdade?

— Sim. Porém você sabe o que meu pai acha a respeito. Para não mencionar o Alan.

— Cuide de Alan, disse Mrs. Sampson, quase alegremente, — E eu cuidarei de seu pai.

— Fará isso?

— Dou a minha palavra. Agora, por favor, vá Miranda. Estou

terrivelmente cansada. Olhou-me. — Tudo isto deve ter sido muito instrutivo para Mr. Archer.

— O que você dizia? Disse. Estava admirando seu panorama particular.

— Sim, bonito, não é verdade? Chamou Miranda, que saía do quarto. — Fique se quiser, querida. Vou para cima.

Levantou uma campainha de prata que estava sobre a mesa junto a ela. O súbito som foi como a sineta do final de um round. Miranda completava o quadro sentada, o rosto virado para um canto afastado do living.

— Você nos viu em nossos piores momentos. Disse-me Mrs. Sampson. — Por favor, não nos julgue por isso. Decidi fazer o que você disse.

— Ligará para a polícia?

— Bert Graves ligará. É conhecido por todas as autoridades de Santa Teresa. Com certeza aparecerá a qualquer momento.

Mrs. Kromberg, a governanta, entrou no quarto e empurrou a cadeira de rodas através do tapete. Quase sem esforço pegou Mrs. Sampson em seus braços e a colocou na cadeira. Saíram da sala em silêncio.

Um motor elétrico ronronou em algum lugar da casa enquanto Mrs. Sampson subia para o paraíso.

* * *

Quatorze

Sentei-me no divã junto a Miranda, no ângulo no living. Ela se recusou a me olhar.

— Você deve pensar que somos uma gente terrível, disse. — Brigar assim em público.

— Parecem que tem razões pelas quais brigarem.

— Na realidade eu não sei. Elaine pode ser tão doce às vezes, mas sempre me odiou, creio. Bob era seu preferido. Era meu irmão, você sabia?

— Foi morto na guerra?

— Sim. Era tudo o que eu não sou. Forte e controlado e bom em tudo o que tentasse fazer. Outorgaram-lhe a Cruz da Armada com honras póstumas. Elaine adorava o chão que pisava. Eu costumava me perguntar se estaria apaixonada por ele. Mas, claro, todos o adoravam. Nossa família mudou muito desde que morreu e que nos mudamos para aqui. Meu pai desmoronou, Elaine apareceu com essa história de paralisia, e eu fiquei absolutamente confusa. Porém estou falando muito, não é verdade? O movimento de seu rosto, meio voltado para mim, foi um gesto encantador. Sua boca era macia e trêmula, seus grandes olhos se nublavam de pensamentos.

— Não importa.

— Obrigado, sorriu. — Não tenho com quem falar, como você vê. Costumava pensar que era afortunada, com todo o dinheiro de meu pai... Era uma pequena arrogante... Talvez ainda seja. Porém aprendi que o dinheiro pode separar as pessoas. Não participarmos da vida social de Santa Teresa, e não temos amigos aqui. Suponho que não devo culpar Elaine por isso, mas foi ela quem insistiu em que viéssemos morar aqui durante a guerra. Meu erro foi deixar o colégio.

— Qual?

— Radcliffe. Não gostava muito dele, mas tinha amigos em Boston. Eles me animaram para que me insubordinasse no ano passado. Deveria ter voltado. Teriam me readmitido, mas eu era muito orgulhosa para pedir perdão. Demasiado arrogante. Pensei que podia viver com meu pai, e ele tentou ser bom comigo, mas a coisa não funcionou. Há anos que não se dá bem com Elaine. Sempre há tensão na casa. E agora algo lhe aconteceu.

— Traremos de volta, disse. Porém senti que precisava ser ambíguo. — De qualquer maneira, você tem outros amigos, Alan e Bert, por exemplo.

— Alan não se preocupa realmente comigo. Penso que alguma vez... Não, não quero falar dele. E Bert Graves não é meu amigo. Quer casar comigo e isso é muito diferente. Não é possível ficar tranquila perto de um homem que quer se casar com você.

— Ele a ama.

— Sei que me ama. Levantou o redondo e orgulhoso queixo. — Por isso não posso me dar com ele. E por isso me atrapalha.

— Você pede muito, Miranda. Eu falava muito. — As coisas nem sempre são perfeitas, ainda que alguém tente forçar o seu curso. Você é romântica e egoísta. Algum dia se precipitará na terra, e com tanta força, que provavelmente quebrará o pescoço. Ou, de qualquer maneira, o ego, como espero.

— Falei que era arrogante, disse muito ligeira e facilmente. — Parece-lhe um bom diagnóstico?

— Não seja arrogante comigo agora. Já foi uma vez. Abriu uns olhos muito grandes, em evidente paródia.

— Ao beijá-lo, ontem?

— Não digo que não gostei: pois gostei. Porém me deu raiva. Não me agrada ser utilizado para os propósitos dos outros.

— E quais eram meus sinistros propósitos?

— Não eram sinistros. Apenas infantis. Deveria ser capaz de pensar em melhores maneiras de fascinar Taggert.

— Não meta ele nisso. Seu tom era cortante, mas em seguida se suavizou. — Teve muita raiva?

— Tanto como isso.

Segurei seus ombros com minhas mãos, sua boca com a minha. A boca estava ligeiramente aberta e quente. Seu corpo frio e firme do peito ao joelho. Não lutou. Tampouco correspondeu.

— Isto lhe causa algum prazer? Disse, quando a deixei.

Olhei dentro de seus grandes olhos verdes. Eram cândidos, mas tinham muitas profundezas. Perguntei-me o que aconteceria nessas profundidades oceânicas.

— Gratifica meu ego. Ela riu. — Gratifica seus lábios, pelo menos. Ficou batom sobre eles. Limpei a boca com meu lenço.

— Que idade você tem?

— Vinte. Suficientemente velha para seus sinistros propósitos. Você acha que ajo como uma menina?

— Você é uma mulher. Olhei seu corpo deliberadamente; seios redondos, barriga chata, cadeiras arredondadas, pernas retas e formadas... Até que se retorceu. — Isso implica certas responsabilidades.

— Já sei. Sua voz, áspera, estava carregada de autoreprovação. — Não deveria ter me derramado dessa maneira. Você já viu muita coisa na vida, não é verdade? Era uma pergunta infantil, mas respondi com gravidade.

— Demasiada, e de um só tipo. Ganho a vida assim.

— Imagino que eu não tenha visto o suficiente. Lamento tê-lo feito. Inclinou-se para mim, de repente, e me beijou a face levemente.

Senti-me abatido porque era o tipo de beijo que uma sobrinha poderia dar no tio. Bom, eu tinha quinze anos a mais do que ela. O abatimento não durou. Bert Graves tinha vinte. Ouviu-se o ruído de um automóvel, em seguida movimentos na casa.

— Deve ser Bert, disse ela.

Estávamos de pé e separados quando Bert entrou no living. Porém ele me deu um só olhar, velado, interrogativo e ferido, antes de poder dominar o rosto. Ainda assim, havia verticais linhas de ansiedade entre as sobrancelhas. Parecia que não havia dormido. Porém se movia com velocidade e decisão, andar de gato para um homem corpulento. Seu corpo, pelo menos, se alegrava de entrar em ação. Cumprimentou Miranda e se voltou para mim.

— Então, Lew?

— Conseguiu o dinheiro?

Apanhou a maleta de couro de cabra de baixo de seu braço, abriu-a com uma chave e derramou o conteúdo sobre a mesa de café: uma dezena ou mais de maços oblongos envoltos em papel marrom de banco e atados com uma cinta vermelha.

— Cem mil dólares, disse. — Mil de cinquenta e quinhentos de cem. Deus sabe o que faremos com isso.

— Guardá-lo bem por hora. Tem algum lugar na casa, não é?

— Sim, disse Miranda. — No estúdio de meu pai. A combinação se encontra na mesa.

— E algo mais. É ter proteção para o dinheiro e para a gente que habita a casa. Graves se voltou para mim com os maços na mão:

— E você?

— Eu não ficarei aqui. Consiga alguns dos homens do xerife.

— Mrs. Sampson não me permitiria chamá-los.

— Agora sim. Quer que você conte todo o assunto à polícia.

— Por Deus! Está ficando sensata. Guardarei este dinheiro e ligarei por telefone.

— Vá em pessoa, Bert.

— Por quê?

— Porque, disse, — Isto tem cheiro de um trabalho interno. Alguém nesta casa poderia estar interessado na conversa.

— Está a frente disso, mas entendo o que quer dizer. A carta revela conhecimento interior, que tanto poderiam ter conseguido de Sampson como por outros meios. Pode realmente ter sido sequestrado.

— Trabalharemos sobre essa suposição até que algo possa substitui-la. E, por Deus, faça com que os guardas fiquem calmos. Não podemos correr o risco de assustá-los. Não, se queremos Sampson vivo.

— Entendo isso. Porém, você onde estará?

— Este envelope foi selado em Santa Maria. Não me preocupei em contar sobre o outro envelope que estava no meu bolso. — Existe a probabilidade de que se encontre nessa cidade se ocupando de negócios legítimos. Ou ilegítimos. Irei até lá.

— Nunca soube que fizesse negócios nesse lugar. Evidentemente, vale a pena averiguar.

— Tentou se comunicar com o rancho? Perguntou Miranda a Graves.

— Liguei para o administrador nesta manhã. Não sabem nada dele.

— Que rancho é esse? Disse.

— Meu pai tem um rancho do outro lado de Bakersfield. Um rancho agrário. Não creio que esteja lá, por causa dos problemas que existem ali.

— Os trabalhadores agrários estão fazendo uma greve, disse Graves. — Há já dois meses que não trabalham, e tem havido alguma violência. É uma situação muito desagradável.

— Poderia ter algo a ver com este assunto?

— Duvido.

— Veja, disse Miranda, — Poderia estar no Templo. Quando esteve lá antes, suas cartas passavam por Santa Maria.

— O Templo? Uma ou duas vezes, anteriormente, me surpreendi quando o fio de um caso resvalava para uma história de fadas. Era um dos possíveis azares de trabalhar na Califórnia, mas me irritava.

— O Templo nas Nuvens, o lugar que deu para Claude. Meu pai passa sempre um par de dias lá no começo da primavera. Fica nas montanhas, próximo de Santa Maria.

— E quem, perguntei, — É Claude?

— Já contei acerca dele, disse Graves. — O santão a quem presenteou a montanha. Transformou o lugar em uma espécie de templo.

— Claude é um farsante, interveio Miranda. — Usa o cabelo longo, nunca fez a barba e fala como um mal imitador de Walt Whitman.

— Você já esteve ali? Perguntei-lhe.

— Dirigi o automóvel de Ralph ao subir, mas saí quando Claude começou a falar. Não podia suportá-lo. É um asqueroso idiota com uma voz de sereia e os olhos mais repugnantes que jamais tenha visto.

— Que acha de me levar agora até lá?

— Muito bem... Porei um agasalho. A boca de Graves se moveu silenciosamente, como se estivesse por protestar. Observou-a com ansiedade quando se retirava do living.

— Trarei-a para casa sã e salva, disse. Deveria ter contido a língua.

Aproximou-se com a cabeça descida como a de um touro, grande e ainda duro. Seus braços estavam rígidos. Os punhos, fechados em seus extremos.

— Escute-me, Archer, disse com voz monótona. — Limpe o batom da face ou eu o limparei em seu lugar. Tentei ocultar meu embaraço com um sorriso.

— Deveria ter me dado conta, Bert. Pratiquei muito no manejo de homens ciumentos.

— Pode ser, mas não ponha as mãos em cima de Miranda ou lhe arruinarei o bom aspecto. Esfreguei a face esquerda, onde Miranda havia deixado sua marca.

— Não me entenda mal...

— Suponho que era Mrs. Sampson com quem brincava de beijar? Deu uma risadinha de coração quebrado. — Não é uma lisonja!

— Foi Miranda e não foi um jogo. Sentia-se deprimida, conversei com ela e me beijou uma vez. Nada significa. Simplesmente um beijo filial.

— Gostaria de acreditar, disse com incerteza. — Sabe o que sinto por Miranda.

— Ela me disse.

— O que disse?

— Que estava apaixonado por ela.

— Alegro-me de que saiba isso, de qualquer maneira. Desejaria que falasse comigo quando se sentisse deprimida. Sorriu com amargura. — Como conseguiu, Lew?

— Não me venha com seus problemas sentimentais. Só conseguiria se enredar. Já vi que preciso lhe dar um pequeno conselho.

— Dispara.

— Vá com calma, disse. — Só que vá com calma. Temos um trabalho importante entre as mãos e devemos lutar juntos. Não sou uma ameaça para a sua vida amorosa. E já que eu estou descartado, acho que Taggert também esteja. Simplesmente, ele não demonstra interesse.

— Obrigado, disse com voz áspera e forçada. Não era do tipo de homem acostumado às confissões íntimas. Porém adicionou miseravelmente: — É muito mais jovem que eu. Taggert tem idade e aparência.

Houve um suave ruído de passos no hall, do outro lado da porta, e Taggert apareceu como se o tivéssemos esconjurando.

— Alguém invocou meu nome em vão?

Estava quase nu, exceto pelo calção de banho, ombros largos, cintura estreita e pernas longas. Com o cabelo escuro molhado que se enrolava contra o crâneo e o lento sorriso em seu rosto, poderia ter posado para os gregos como o deus da juventude. Bert Graves olhou-o com desagrado e disse vagarosamente:

— Justamente estava dizendo a Archer o bom garçom que pensava que você fosse. O sorriso se encolheu um pouco, mas permaneceu sobre o rosto.

— Isso soa como um elogio a contramão, que diabos! Olá, Archer, algo de novo?

— Não, disse. E estava dizendo a Graves que você não está interessado em Miranda.

— Tem razão, respondeu vivamente. — É uma linda jovem, mas não é para mim. Agora, se me permitem, vestirei algo .

— Ótimo, disse Graves. Porém eu o chamei:

— Espere um minuto. Você tem um revólver?

— Um par de pistolas de calibre 32.

— Carregue uma e leve-a consigo, certo? Vigie a casa e mantenha os olhos abertos. Trate de não atirar de pura alegria.

— Já aprendi a lição, disse alegremente. — Você espera que aconteça algo?

— Não, mas se for assim, é preciso que esteja pronto. Fará o que disse?

— Com toda certeza.

— Não é um mau tipo, disse Graves, quando ele foi embora, — Mas não posso suportar sua visão. É curioso; nunca fui ciumento.

— Alguma vez já se apaixonou antes?

— Até agora não. Permaneceu com os ombros caídos, consumido pela fatalidade e o desespero. Havia se apaixonado pela primeira vez e para sempre. Deu-me lástima. — Diga-me, perguntou, — Por que razão Miranda estava deprimida? Por este assunto do pai?

— Em parte, sim. Sente que a família está se fazendo em pedaços. Precisa certo apoio constante.

— Já sei. É uma das razões que me levam a querer me casar com ela. Existem outras, claro; não preciso dizer isso.

— Não, disse. Arrisquei uma pergunta ingênua. — O dinheiro é uma delas? Olhou-me com dureza.

— Miranda não tem dinheiro próprio.

— Mas terá, não é verdade?

— Naturalmente, quando o pai morrer. Eu escrevi o testamento e a metade será dela. Não me oponho ao dinheiro, sorriu, — Mas não sou um caçador de fortunas, se isso é o que quer dizer.

— Não é. Poderia se apropriar desse dinheiro antes do que pensa. O velho esteve frequentando certos círculos peculiares em Los Angeles. Alguma vez mencionou uma Mrs. Estabrook? Ou um homem chamado Troy?

— Conheceu o Troy? Que tipo de pessoa é?

— Um pistoleiro, disse. Ouvi dizer que já cometeu alguns assassinatos.

— Não me surpreende. Tentei prevenir Sampson para que se mantivesse afastado de Troy, mas Sampson acha que é ele maravilhoso.

— Conhece Troy?

— Sampson me apresentou em Las Vegas há uns dois meses. Nós três fomos jogar e um bom número de pessoas parecia conhecê-lo. Todos os crupiers o conheciam, se isso constitui uma boa recomendação.

— Não, por certo. Porém ele teve seu próprio casino em Las Vegas em uma época. Fez muitas coisas. E não acho que o sequestro se encontre por baixo de sua dignidade. Por que Troy estava com Sampson?

— Tive a impressão de que trabalhava para Sampson, mas não poderia afirmar. É um peixe estranho. Observava-nos jogar, Sampson e a mim, mas ele não participou. Deixei uns mil dólares nessa noite. Sampson ganhou quatro mil. A que tem lhe será dado... Sorriu com ar lastimoso.

— Talvez Troy queria causar boa impressão, disse.

— Talvez. O bastardo me irritava. Pensa que está metido nisto?

— Tento descobrir, disse. Sampson precisa de dinheiro, Bert?

— Por todos os demônios, não! É milionário...

— Por que faria negócios com um indivíduo como Troy?

— O tempo passa muito devagar para ele. O dinheiro vem do Texas e de Oklahoma sem precisar fazer nada e ele se aborrece. Sampson é, por natureza, um homem que faz dinheiro, do mesmo modo que eu sou um homem que perde dinheiro. Não fica feliz se não estiver ganhando; eu não fico contente quando o perco. Interrompeu-se abruptamente quando Miranda entrou no aposento.

— Pronto? Perguntou. — Não se preocupe por mim, Bert.

Pressionou o ombro dele com sua mão. Seu leve casaco cinzento se abria defronte, e seus pequenos seios cobertos com a blusa, pontiagudos como

agulhas, metade eram uma impaciente promessa, metade, uma ameaça real. Havia soltado o cabelo e o havia escovado para trás das orelhas. Seu rosto brilhante se inclinou para ele como um desafio. Ele beijou sua face leve e ternamente. Eu ainda lhe tinha pena. Era um homem forte e inteligente, mas parecia algo abobado junto dela com seu terno azul de listas de homem de negócios.

Muito débil e velho para amansar uma potranca como Miranda.

* * *

Quinze

O CAMINHO passava através de campos ondulados de mato e riscos vermelhos. Mantinha o acelerador contra o piso e a velocidade não superava os setenta. A senda se estreitava e serpenteava mais abruptamente à medida que subíamos. Captei rápidas visões de barrancos de cantos arredondados, de longos cânions bordeados com carvalhos da montanha e atravessados por cabos telefônicos. Em uma oportunidade, através de uma abertura nas colinas vi o mar como uma nuvem azul que descera e se afastava para longe. Depois, o caminho deu voltas dentro da montanha cercada de terra gelada e cinzenta e subitamente cercada pelas nuvens que passavam.

As nuvens pareciam pesadas e densas de fora. Quando entrávamos nelas era como se se expandissem varrendo o caminho desfeitas em filamentos brancos. Árida e escura, através das nuvens, os barrancos da montanha nos respaldavam. Num automóvel modelo 1946, com uma jovem último modelo junto a mim, eu podia ainda imaginar que estávamos atravessando a estrada que separava a era atômica de Colton da idade de pedra, quando os homens se ergueram sobre suas patas posteriores e começaram a contar o tempo pelo sol.

A bruma ficou mais densa, e a minha visão limitada a trinta e cinco ou quarenta metros. Fiz as últimas curvas pronunciadas em segunda. Depois o caminho começava a descer. Finalmente, o motor, resfolegante, acelerou conforme saímos da nuvem. Dali nós podíamos ver o vale cheio da luz do sol como um recipiente transbordante de manteiga e as montanhas claras e escarpadas do outro lado.

— Não é lindo? Exclamou Miranda. — Não importa quanto nublado possa estar do lado de Santa Teresa, quase sempre haverá sol no vale. Na

estação das chuvas eu venho sozinha para cá somente para sentir o sol.

— Gostei do sol.

— Realmente? Não pensei que você se preocupasse por coisas tão simples como o sol. Você é do tipo de luz de neon, não é?

— Se você o diz.

Ficou silenciosa durante um momento; observava o caminho, enquanto o céu azul fluía atrás. O caminho cortava através do tabuleiro verde e amarelo do vale. Já que nada havia à vista salvo os braços mexicanos nos campos, acelerei a fundo. O velocímetro oscilava entre cento e vinte e cento e trinta.

— Do que está fugindo, Archer? Disse ela, com tom de brincadeira.

— De nada. Quer você uma resposta séria?

— Seria bom para variar.

— Sempre gostei de perigo. Perigo domesticado, controlado por mim. Me dá sensação de poderio, suponho, ter minha vida entre minhas mãos e saber condenadamente bem que não a perderei.

— Exceto se furarmos um pneu.

— Nunca me aconteceu.

— Diga-me, perguntou, — É por isso que faz esse tipo de trabalho? Porque gosta do perigo?

— É uma razão tão boa como qualquer outra. Não seria, entretanto, a verdade.

— Por quê, então?

— Herdei o oficio de outro homem.

— Seu pai?

— De mim mesmo quando era mais jovem. Costumava pensar que o mundo era dividido em boas e más pessoas, que era possível adjudicar a responsabilidade pelo mal a certas pessoas determinadas e castigar os culpados. Ainda me deixo levar pelos impulsos. E estou falando muito.

— Prossiga.

— Estou enredado. Por que haveria de enredar você?

— Eu já estou. E não compreendi o que disse.

— Começarei pelo princípio. Quando comecei o trabalho de policial em 1935, eu acreditava que o mal era uma qualidade com a qual certas pessoas haviam nascido, como um lábio leporino. O trabalho da polícia consistia em descobrir aquelas pessoas e retirá-las do meio. Porém o mal não

é algo tão simples. Todo o mundo o carrega dentro de si, e para se transferir às ações depende de uma quantidade de coisas. Entorno, oportunidade, pressões econômicas, uma pitada de má sorte, um mau amigo. O problema reside em que o policial precisa julgar as pessoas quase a dedo e agir imediatamente.

— Você julga as pessoas?

— A todas que conheço. Os graduados da Escola de Polícia consideram da maior importância investigar cientificamente, e, a bem da verdade, isso ocupa um lugar. Porém a maior parte de meu trabalho consiste em observar as pessoas e em julgá-las.

— E você encontra o mal em todo o mundo?

— Justamente. Ou eu estou ficando mais severo ou as pessoas estão ficando piores. A guerra e a inflação sempre auspiciam uma boa colheita de pessoas hediondas e uma quantidade elevada delas está se estabelecendo na Califórnia.

— Você está falando de nossa família? Disse ela.

— Não especialmente.

— De qualquer maneira, em relação a Ralph não se pode jogar a culpa na guerra... Não inteiramente. Sempre foi ligeiramente hediondo, pelo menos desde que o conheço.

— Toda sua vida?

— Toda minha vida.

— Não sabia que você pensava isso dele.

— Tentei compreendê-lo, disse. — Talvez tivesse seu lado positivo quando jovem. Começou do nada, como você sabe. Seu pai era arrendatário de uma fazenda e nunca teve terra própria. Posso entender porque Ralph tenha passado a vida adquirindo terra. Mas, pensaria que seria natural que fosse mais bondoso com as pessoas pobres, já que ele também foi. Os empregados do rancho, por exemplo. Suas condições de vida são terríveis, e seus salários, indecentes, mas Ralph não o admite. Fez tudo o que pôde para matá-los de fome. Não parece compreender que os trabalhadores rurais mexicanos também são pessoas.

— É uma ilusão bastante comum, e muito proveitosa. É mais fácil explorar as pessoas se não se admite que pertencem à espécie humana... Estou me convertendo num verdadeiro moralista.

— Já me julgou? Perguntou, depois de uma pausa.

— Provisoriamente. Ainda não haja uma boa evidência. Eu diria que

você tem quase tudo e poderá convertê-lo em quase nada.

— O que é "quase"? Qual é a minha maior deficiência?

— O rabo de seu cometa. Não a deixa desenvolver velocidade. Você tem que levantá-la e deixar que o cometa a sustente.

— Você é um homem estranho, disse suavemente. — Não sabia que fosse capaz de dizer coisas como essa. E você julga a si mesmo?

— Não quando posso evitar. Porém fiz isso ontem à noite.

— Qual foi o veredicto?

— O juiz deixou a sentença em suspenso, mas me deu uma chicotada verbal.

— E é por isso que você dirige tão rápido?

— Talvez.

— Eu o faço por uma razão diferente. Ainda continuo pensando que o seu motivo é uma espécie de fuga. Desejo de morte.

— Você dirige rápido?

— Já fiz cento e sessenta neste caminho, no Caddie.

As regras do jogo que estávamos jogando ainda não estavam claras, mas me senti fora do jogo.

— E qual é o seu motivo?

— Faço quando me aborreço. Finjo ante mim mesma que encontrarei algo... Algo absolutamente novo. Algo brilhante, um alvo móvel no caminho.

Meu escuro ressentimento surgiu como um conselho paternal.

— Encontrará algo novo se o fizer com frequência. A cabeça arrebentada e o esquecimento.

— Condenado! Gritou. — Você dizia que gostava do perigo, mas é tão molenga quanto Bert Graves.

— Lamento tê-la assustado.

— Assustar-me? Sua breve risada diminuiu e quebrou como grito de uma ave marinha. — Todos vocês, homens, ainda estão no período Vitoriano. Imagino que você também acha que o lugar da mulher é no fogão, não é?

— No meu fogão.

O caminho começou a se retorcer sem trégua e a subir para o céu. Deixei que a pendente freasse o carro. A oitenta nada tínhamos para nos dizer.

* * *

Dezesseis

A CERTA altura fiquei consciente de minha respiração ao chegamos a um caminho circundado por altas rochas, de cascalho novo, fechado por um portão de madeira. Uma caixa de correio de metal sobre a porta tinha estampado o nome "Claude" em caracteres brancos.

— Falta um quilômetro, disse Miranda. — Confia em mim?
— Não, mas quero olhar o panorama. Nunca estive aqui antes.

Além do caminho, o campo tinha a aparência de que ninguém havia estado ali antes. Um vale com cantos arredondados e mata verde que ficava por baixo de nós, à medida que subíamos em espiral. Longe, entre as árvores, vislumbrei a leve sombra parda do movimento de um cervo que desapareceu. Outro cervo o seguiu com saltos de cavalo. O ar era tão límpido e estático que não teria me surpreendido se escutasse o ruído de seus passos. Porém não havia ruído algum por cima do barulho do motor. Nada que escutar e nada para ver a não ser o ar saturado de clareza e o pelado rosto de pedra da montanha oposta.

O automóvel se arrastou por sobre a borda de uma depressão com forma de onda na parte superior da montanha. Debaixo de nós, no centro da meseta, se elevava o Templo nas Nuvens, oculto de todos exceto dos pássaros e dos aviadores. Era uma estrutura quadrada de um só andar, feita de pedra branca e adobe, e se elevava ao redor de um pátio central. Havia algumas construções dentro do cercado de arame que formava uma espécie de paliçada ao seu redor. De uma delas se elevava para o céu uma delgada coluna de fumaça preta.

Então, algo se moveu sobre o teto plano da construção principal, algo

que havia estado tão quieto que meus olhos não o haviam notado. Um ancião estava ali, agachado, com suas pernas dobradas sob o corpo. Levantou-se com lentidão majestosa; era uma enorme figura de pele bronzeada. Com seu longo cabelo grisalho e barba flutuando por cima de sua cabeça, parecia o sol bordeado de raios de um velho maia. Inclinou-se deliberadamente para recolher um pedaço de pano que enrolou ao redor de seu torso desnudo. Levantou um dos braços como para nos dizer que tivéssemos paciência e desceu para o pátio interior.

A porta de ferro se abriu com um chiado. Ele emergiu e se encaminhou até o portão do cercado e retirou o ferrolho. Vi seus olhos pera primeira vez. Eram de um azul leitoso, carentes de consciência, como os de um animal. Apesar de seus grandes ombros bronzeados pelo sol e da espessa barba que flutuava sobre o peito, tinha certo ar afeminado. Sua voz rica e consciente de si era uma sutil combinação de barítono e contralto.

— Saúde, saúde, meus amigos. Qualquer viajante que se aproxime de minha afastada porta é benvindo para compartilhar minha comida. A hospitalidade é uma das mais elevadas virtudes, próxima à suprema virtude da boa saúde.

— Obrigado. Podemos entrar com o carro?

— Por favor, deixe o automóvel fora do cercado, amigo. O círculo interior não deve ser contaminado pela civilização mecânica.

— Pensei que ele a conhecia, disse a Miranda quando descíamos do carro.

— Não acho que enxergue muito bem.

Quando nos aproximamos, seus olhos branco-azulados observaram a rosto dela. Inclinou-se para ela, e seu flutuante cabelo grisalho caiu para frente, varrendo seus ombros.

— Olá, Claude, disse ela nervosa.

— Como vai, Miss Sampson! Não esperava a visita da juventude e da beleza hoje. Que juventude! Que beleza!

Assoviou através de seus lábios, grossos e vermelhos. Olhei seus pés para descobrir a idade. Calçados com sandálias de sola de corda e tiras entre os

dedos, eram pés nodosos e estavam inchados: pés de sessenta anos.

— Obrigado, disse ela com desagrado. — Vim ver o Ralph, se é que ele se encontre aqui.

— Ele não está, Miss Sampson. Estou só aqui. Despachei meus discípulos no momento. Sorriu vagamente sem descobrir os dentes. — Sou uma velha águia em comunhão com a montanha e o sol.

— Uma velha ave de rapina! Disse Miranda com voz audível. — Ralph esteve aqui ultimamente?

— Não aparece há meses. Prometeu-me que viria, mas ainda não veio. Seu pai tem potencialidades espirituais, mas ainda se encontra encarcerado e confinado pela vida material. É difícil conduzi-lo para o mundo espiritual. É doloroso para ele abrir sua natureza para o sol. Disse isto com ritmo de cântico e quase com compasso litúrgico.

— Importar-se-ia se olhássemos ao redor? Eu disse. — Para ter certeza de que não se encontra aqui.

— Estou dizendo que estou só. Voltou-se para Miranda. — Quem é este jovem?

— Mr. Archer. Está me ajudando a encontrar Ralph.

— Já vi. Temo que tenha que se contentar com minha palavra de que não se encontra aqui, Mr. Archer. Não posso lhe permitir entrar o círculo interior, já que você não se submeteu ao rito da purificação.

— Penso que, de qualquer maneira, darei uma olhada.

— Porém não será possível. Colocou sua mão sobre meu ombro. Era mole, gorda e parda, como um peixe frito. — Não deve entrar o templo. Isso poderia encolerizar Mitras. Seu alento era agridoce e empesteou meu nariz. Retirei sua mão do meu ombro.

— Você já foi purificado? Levantou seus inocentes olhos para o céu.

— Você não deve brincar com estes assuntos. Eu era um homem perdido e pecador, cego de coração, até que entrei no mundo do sol. A espada do sol matou o preto touro da carne, e fui purificado. "E eu sou o touro preto dos pampas", pensei comigo mesmo. Miranda se interpôs entre nós.

— Tudo isto é uma bobagem. Entraremos para olhar. Não acredito em suas palavras, Claude.

Este inclinou sua peluda cabeça e sorriu com a boca fechada; foi um

sorriso de amarga benevolência que me produziu náuseas.

— Como você queira, Miss Sampson. O sacrilégio pesará sobre suas cabeças. Espero e confio em que a ira de Mitras não seja tremenda.

Ela o roçou ao passar, desdenhosamente. Eu a segui através da arcada da porta até o pátio interior. O vermelho sol sobre as montanhas do lado do oeste permanecia impassível. Sem um olhar nem palavra alguma, Claude subiu pela escada de pedra do lado interior da porta e desapareceu rumo ao teto. O pátio com piso de pedra estava vazio. Em suas paredes se alinhavam fechadas portas de madeira. Movi a maçaneta da mais próxima. Abriu-se para uma sala com vigas de carvalho, uma cama coberta com sujas mantas, um baú de ferro, sem etiqueta alguma, um armário barato e o agridoce olor de Claude.

— O olor da santidade, disse Miranda sobre meu ombro.

— Seu pai ficou aqui, com Claude?

— Acredito que sim. Franziu o nariz. — Ele leva todos estes cultos do sol a sério. Tudo se relaciona com a astrologia em sua cabeça.

— E ele deu, realmente, este lugar para Claude?

— Não sei se deu. Ou o deixou a Claude para que o utilizasse como templo. Suponho que alguma vez voltará ao seu poder, se for possível que assim seja. Se alguma vez se liberar de sua mania religiosa.

— É um estranho tipo de pavilhão de caça, disse.

— Não é realmente um pavilhão de caça. Construiu-o como uma espécie de refúgio.

— Refúgio de quê?

— Da guerra. Isto pertence à última mania de Ralph, a pré-religiosa. Estava convencido de que se avizinhava outra guerra. Este seria seu santuário se fossemos invadidos. Porém superou esse temor no ano passado, justo antes que começassem a trabalhar no refúgio contra bombardeios. Os planos para isto já estavam prontos. Porém preferiu se refugiar na astrologia.

— Eu não usei a palavra "mania", disse. Você sim. Falava sério?

— Na realidade, não. Sorriu algo forçada. — Ralph não parece tão louco se alguém o compreende. Sentia-se culpado, creio, porque ganhou dinheiro na última guerra. E depois aconteceu a morte de Bob. A culpa pode ser a causa de toda base de temores irracionais.

— Você leu algum livro, disse. — Desta vez um tratado de psicologia. Sua reação foi surpreendente.

— Você me deixa doente, Archer. Não se aborreceria de brincar de detetive mudo?

— Creio que sim. Porém preciso algo limpo e brilhante. Um alvo móvel no caminho.

— Você! Mordeu o lábio, enrubesceu e se afastou de mim.

Fomos de aposento em aposento, abrindo e fechando portas. A maioria tinham camas e quase nada mais. Num amplo living, num extremo, havia cinco ou seis esteiras de palha sobre o chão. Tinha janelas estreitas e paredes largas como uma fortaleza, e o ar cheirava como o depósito de água da cadeia do distrito.

— Os discípulos vivem bem, seja quem forem. Você viu algum quando esteve aqui antes?

— Não. Porém não entrei.

— Algumas pessoas são enfeitiçadas por um peixe como Claude. Dão-lhe tudo o que tem e em troca só obtém uma dieta de fome e a perspectiva de um descanso para o sistema nervoso. Porém não ouvi nada antes sobre um monastério de culto do sol. Pergunto-me onde se encontrarão os alunos hoje.

Terminamos nosso circuito sem ver ninguém. Elevei o olhar o teto. Claude estava sentado com o rosto para o sol, as costas nuas para nós. A carne caía em pesadas pregas de seus flancos e quadris. Sua cabeça se movia com sacudidas de trás para frente, como se estivesse discutindo com alguém, mas não se escutava som algum. Como uma mulher com barba que participasse de dos mundos sexuais, as grandes costas de eunuco e a cabeça perfilada pelo sol eram estranhas, ridículas, horríveis. Miranda me tocou o braço.

— Falando de maníacos...

— Está representando, disse e acreditei só um pouco. — Pelo menos disse a verdade em relação ao seu pai. A não ser que se encontre em alguma das outras edificações.

Cruzamos o pátio de cascalho até a construção de adobe com a chaminé fumegante. Olhei para o interior, pela porta aberta. Uma jovem com um

lenço sobre a cabeça estava sentada sobre seus calcanhares em frente a um brilhante fogão de lenha onde fervia uma panela. Era um recipiente de uns cinco litros e estava cheio de algo que pareciam grãos.

— Parece que os discípulos vão comer. Sem mover os ombros a jovem voltou a cabeça para nos olhar. O branco de seus olhos brilhava como porcelana num rosto índio.

— Você viu um ancião? Perguntei-lhe em castelhano. Moveu um ombro na direção do templo. — Não falei desse. Um que não tem barba. Sem barba, magro e rico. Chama-se senhor Sampson.

Encolheu os dos ombros e se voltou para sua panela. As sandálias de Claude fizeram barulho no cascalho atrás de nós.

— Não estou absolutamente só, como vocês podem comprovar. Esta é a minha empregada, mas quase não supera a um animal. Se terminaram conosco, talvez me permitam voltar para a minha meditação. Aproxima-se o pôr do sol, e devo oferecer minha homenagem ao deus que desaparece.

Junto à construção de adobe havia um estábulo de ferro galvanizado cuja porta estava fechada com um cadeado.

— Antes de ir, abra o estábulo.

Suspirando, apanhou algumas chaves de entre as pregas de seu hábito O estábulo continha uma pilha de bolsas e de caixas, em sua maior parte, vazias. Havia sacos de grãos, uma caixa de leite condensado, roupas e botas de trabalho em algumas das caixas. Claude permaneceu na porta, me observando.

— Meus discípulos, às vezes, trabalham no vale durante o dia. O trabalho nos campos de verduras é uma forma de culto. Retrocedeu para me deixar sair. Notei a marca de um pneu no barro, na borda do cascalho, onde havia estado seu pé. Era um pneu largo de caminhão. Eu já havia visto essa marca.

— Pensei que não você deixava entrar a civilização mecânica. Olhou para o chão e elevou o olhar com um sorriso.

— Só quando for necessário. Um caminhão trouxe algumas provisões noutro dia.

— Espero e confio que estivesse purificado.

— O motorista foi purificado, é claro.

— Bem. Suponho que você fará alguma limpeza da casa, já que contaminamos o lugar.

— Isso é um assunto entre você e o deus. Com o olhar dirigido ao sol que se punha voltou a se encaminhar para o teto.

Durante o caminho de retorno à estrada memorizei a rota, de modo que pudesse dirigir por ali às cegas, se fosse necessário.

* * *

Dezessete

ANTES de cruzamos o vale, o sol vermelho havia mergulhado atrás das nuvens, do lado da costa. Os densos campos estavam vazios. Passamos junto a uma dezena de caminhões que levavam os trabalhadores de retorno aos ranchos, suas moradias. Apertados como gados nas carrocerias dos caminhões, permaneciam em paciente silêncio, homens, mulheres e crianças, à espera do alimento e do sonho e da próxima saída do sol. Dirigi cuidadosamente; me sentia ligeiramente deprimido, obstruído pelo crepúsculo, quando o dia já se fora e a noite ainda não caíra completamente.

As nuvens fluíam como uma torrente de leite e nos precediam encosta abaixo, do outro lado da montanha, e se misturavam com a noite que avançava e o frio cada vez mais intenso. Uma ou duas vezes, em uma curva, Miranda se inclinou para mim, tremendo. Não perguntei se tinha frio ou medo. Não queria obrigá-la a fazer uma escolha. As nuvens haviam rodado montanha abaixo durante todo o trajeto para a autoestrada 101. Desde longe podiam se ver os faróis na autoestrada, muito dissipados pela névoa. Enquanto esperava no semáforo para entrar no trânsito da autoestrada, um par de luzes brilhantes se aproximou velozmente do lado de Santa Teresa. Subitamente se moveram para nós como olhos selvagens. O veloz carro tentava dobrar para o caminho. Os freios chiaram, os pneus saltaram e resmungaram. Não achei que pudesse me esquivar.

— Arreie a cabeça, disse a Miranda e segurei com firmeza o volante.

O outro motorista acertou a direção, mudou para segunda, a cinquenta e cinco ou sessenta, girou frente ao meu para-choque e passou pela minha direita, no espaço de quatro metros que me separava do semáforo. Captei uma fugaz visão do rosto do motorista, magro e pálido, ictérico por causa de

meus faróis, sob um pontiagudo gorro de couro. Seu automóvel era uma limusine preta. Retrocedi, dei a volta e parti atrás dele. O pavimento estava escorregadio pelo sereno e demorei em conseguir velocidade. A luz vermelha traseira que subia pelo caminho foi absorbida pela bruma. Não havia nada a fazer. Poderia haver dobrado para qualquer um dos caminhos do lugar que eram paralelos à autoestrada. E talvez, a melhor coisa que podia fazer por Sampson, seria deixar que a limusine desaparecesse. Parei tão subitamente que Miranda teve que apoiar ambas as mãos sobre o console. Meus reflexos andavam violentos.

— O que aconteceu? Não nos triturou, na realidade, como você viu.

— Oxalá que o tivesse feito.

— É maluco, mas dirige muito bem.

— Sim. É um alvo móvel que gostaria de alcançar algum dia. Olhou-me com curiosidade. Sombreada desde baixo pelas luzes do console, seu rosto estava escuro e seus enormes olhos brilhavam.

— Você parece ameaçador, Archer. Irritei-o novamente?

— Você não, eu disse. — É a espera que caracteriza este caso. Prefiro a ação direta.

— Entendi. Parecia desiludida. — Por favor, me leve para casa agora. Tenho frio e fome.

Dei a volta retornando pela valeta, que era pouco profunda, e dirigi de retorno pela autoestrada até Cabrillo Canyon. Mais além do facho de luz amarelo que os faróis para névoa difundiam em frente a nós, as árvores e as cercas reluziam no espesso ar, junto com os aromas de ciprestes abandonados pelo sol. O panorama era parecido com o nebuloso quadro de minha cabeça. Meus pensamentos se esfumaçavam e ficavam lentos, tentando uma pista que levasse ao lugar onde se encontrava escondido Ralph Sampson. A pista esperava na caixa de correio, à entrada do caminho de Sampson, e não foi necessário nenhum engenho para encontrá-la. Miranda notou-a primeiro.

— Pare o carro. Quando abriu a porta vi o envelope branco colocado na ranhura da caixa de correio.

— Espere. Deixe para mim.

Minha voz a deteve com um pé no chão e uma mão que se esticava para

o envelope. Segurei-o por uma quina e o envolvi num lenço limpo.

— Pode haver impressões digitais.
— Como sabe que é do meu pai?
— Não sei. Dirija você para casa.

Na cozinha, retirei o envelope do lenço. A luz fluorescente no teto arrojava uma luz de morgue sobre a mesa esmaltada de branco. Não havia nem nome nem endereço no envelope. Rasguei um dos extremos e delicadamente apanhei com as unhas a folha dobrada que continha. Meu coração se abateu quando vi as letras recortadas na folha de papel. As letras haviam sido recortadas separadamente e organizadas em palavras, segundo a clássica tradição do sequestro. Estas eram as palavras:

Mr. Sampson está bem em boas mãos ponham cem mil dólares num pacote amarrado com um cordão ponham o pacote sobre o chão na metade do caminho no extremo sul do cruzamento da autoestrada com Fryers Road um quilômetro ao sul dos limites de Santa Teresa façam isto as nove desta noite depois de deixar o pacote se retirem imediatamente serão observados quando se dirigirem para o norte em direção a Santa Teresa não tentem uma armadilha por parte da polícia se valorizam a vida de Sampson serão observados voltará para casa amanhã se não houver armadilha nem tentativa de perseguição nem notas marcadas. Sampson passará mal se não fizerem assim um amigo da família

— Tinha razão, disse Miranda, quase num sussurro. Quis dizer algo reconfortante. Porém não pude senão pensar em... Sampson passará mal.
— Vá e veja se Graves ainda está por aí, disse. Partiu imediatamente.

Inclinei-me sobre a folha de papel sem tocá-la e examinei as letras recortadas. Variavam muito em tamanho e tipo e estavam impressas em papel brilhante, provavelmente recortado das páginas de avisos de alguma revista de grande circulação. Havia memorizado a carta quando Graves entrou na cozinha com Taggert e Miranda atrás dele. Aproximou-se com suas pesadas pernas de rápidos passos, e um brilho de aço nos olhos. Apontei para a mesa.

— Isso estava na caixa de correio.
— Miranda me contou.
— É possível que alguém a tenha trazido num automóvel que cruzou comigo no caminho.

Graves se inclinou sobre a carta e a leu em voz alta, mais para ele.

Taggert permaneceu junto a Miranda na porta, sem saber a ciência certa para o quê se precisava dele, mas calmo. Ainda que fisicamente poderiam ter sido siameses, Miranda era totalmente o seu oposto. Feias olheiras azuis haviam florescido sob seus olhos. Seus grossos lábios estavam pendurados sobre seus belos e proeminentes dentes. Reclinou-se contra o marco da porta em uma atitude vencida e desconsolada. Graves levantou a cabeça.

— É isso. Consegui um delegado.

— Agora mesmo?

— Sim. Está no estúdio com o dinheiro. E ligarei para o xerife.

— Tem algum especialista em impressões digitais?

— O do Promotor do Distrito é melhor.

— Então, ligue também para lá. Provavelmente serão muito espertos para deixar impressões digitais, mas deve haver impressões latentes. É muito difícil fazer recortes com as luvas colocadas.

— Está bem. Agora... O que foi isso de um automóvel com o qual cruzou?

— Por agora se ocupe disso. Eu manejo essa outra ponta.

— imagino que saberá o que faz.

— Sei o que não estou fazendo. Não topei com Sampson ainda.

— Isso é o que me preocupa, disse, e saiu da cozinha tão rapidamente que Taggert teve que se afastar para lhe dar passagem. Observei Miranda. Parecia a ponto de desmaiar.

— Dê-lhe algo para comer, Taggert.

— Certo. Ele atravessou a cozinha até a geladeira. Os olhos dela o seguiram. Odiei-a durante um instante. Era como um cachorro, uma cadela na época do cio.

— Não conseguiria comer, disse. — Você pensa que ainda está vivo?

— Sim. Porém eu pensava que você não se preocupava.

— Esta carta faz tudo tão real... Não era real antes.

— É muito real! Agora, á. Vá e descanse. Ela se retirou.

O delegado do xerife fez sua aparição. Era um homem corpulento e escuro, ao redor de trinta anos, usava roupas de confecção cinzenta que não lhe caíam bem nos ombros e seu olhar torcido de surpresa não lhe ficava bem no rosto. Sua mão direita descansava sobre o revólver, no coldre no quadril, como se isso nos recordasse que era a autoridade. Disse com estudada

beligerância:

— O que aconteceu aqui?

— Não muito. Sequestro e extorsão.

— Que é isso? Aproximou-se da carta que estava sobre a mesa. Tive que lhe segurar o pulso para que não a tocasse. — Quem você acha que é?

— Chamo-me Archer. Calma, oficial. Você tem uma caixa?

— Sim, no carro.

— Traga-a, sim? Guardaremos isto para o especialista em impressões digitais.

Saiu e regressou com uma caixa preta de metal. Depositei a carta dentro, e ele a fechou com chave. Isso pareceu lhe dar uma intensa satisfação.

— Cuide dela bem, lhe disse, quando se retirava da cozinha com a caixa sob o braço. — Não deixe que desapareça de suas mãos. Taggert estava junto à geladeira aberta, com uma fatia de bolo a meio comer entre os dedos.

— Que faremos agora? Perguntou-me entre dentadas.

— Fique por aqui. Parece um pouco excitado. Tem seu revólver?

— Certo! Mexeu no bolso de seu casaco. — Como você acha que fizeram? Pensa que pegaram Sampson quando saiu do aeroporto em Burbank?

— Não poderia lhe dizer. Onde encontro um telefone?

— Há um na despensa. Aqui. Abriu uma porta o final da cozinha e a fechou atrás de mim.

Era um aposento pequeno, coberto de estantes, com uma só janela em cima da pia de cobre e um telefone de parede junto à porta. Pedi uma ligação à distância para Los Angeles. Peter Colton poderia não estar de serviço, mas era possível que tivesse deixado alguma mensagem. A operadora me transferiu para a sua sala e o mesmo Colton atendeu.

— Lew. É um sequestro. Recebemos a nota dos sequestradores há uns minutos. A carta de Sampson foi um ardil para ir preparando as coisas. Seria melhor que falasse com o Promotor do Distrito. Provavelmente aconteceu em sua área quando Sampson saiu do aeroporto de Burbank antes de ontem.

— Levaram as coisas com muita calma para ser sequestradores.

— Podem correr o risco. Descobriu algo sobre a limusine preta?

— Muita coisa. Nesse dia foram alugadas doze, mas a maioria tem justificação. Todas menos duas retornaram para as agências nesse mesmo dia. As outras duas foram alugadas por uma semana, pagamento adiantado.

— Descrições?

— Número um. Uma Mrs. Ruth Dickson, mulher ruiva, ao redor dos quarenta, vive no Hotel Beverly Hills. Verificamos ali e está registrada, mas não se encontrava. O número dois é um indivíduo em trânsito para San Francisco. Não havia devolvido o automóvel até o momento; mas só se passaram dois dias e o alugou por uma semana. Em nome de Lawrence Becker, um pequeno indivíduo não muito bem vestido.

— Pode ser que esse seja nosso homem. Tem a placa?

— Espera um minuto, tenho aqui: 62 S 895. É um Lincoln 1940.

— Agência?

— Deluxe, em Pasadena. Irei eu mesmo.

— Consiga a melhor descrição que possa e me passe.

— Por que esse súbito entusiasmo, Lew?

— Vi um homem aqui, na autoestrada, que poderia coincidir com essa descrição. Passou junto a mim num automóvel longo e preto ao redor da hora em que a nota dos sequestradores foi deixada na caixa de correio. E o mesmo tipo ou seu irmão tentou me atingir com um caminhão azul na Pacific Palisades nesta manhã. Usava um gorro de couro em ponta.

— Por que não lhe pôs a mão em cima?

— Pela mesma razão pela qual você não poria. Não sabemos onde se encontra Sampson, e se intervirmos antes, nunca descobriremos. Preciso lhe falar a sós para contar certas coisas.

— Está me ensinando o meu negócio?

— Em aparência.

— Está bem. Alguma outra sugestão útil?

— Plante um homem no Piano Selvagem quando abrir. De modo que em caso de...

— Já fiz isso. É tudo?

— Entre em contato com o Promotor do Distrito de Santa Teresa. Entreguei-lhes a nota dos sequestradores para as impressões digitais. Boa noite e obrigado.

— Uh-uh.

Desligou e a operadora encerrou a ligação. Deixei o receptor contra meu ouvido, escutando a linha morta. Na metade da conversa tinha escutado um cric-crac na linha. Poderia ter sido uma interrupção momentânea na conexão, ou poderia ter sido um receptor que fora levantado em outro lugar da casa. Um minuto inteiro transcorreu antes que eu escutasse o débil som metálico de um receptor sendo desligado.

* * *

Dezoito

MRS. KROMBERG estava na cozinha com a cozinheira, uma mulher aturdida de cabelo branco, com formas maternais. Ambas saltaram quando abri a porta da despensa.

— Estava usando o telefone, disse. Mrs. Kromberg forçou um sorriso.

— Não escutei você ali dentro.

— Quantos telefones têm na casa?

— Quatro ou cinco. Dois acima, três abaixo. Deixei de lado a ideia de verificar os telefones. Muita gente tinha acesso a eles.

— Onde se encontram todos?

— Mr. Graves chamou o pessoal à sala defronte. Queria saber se alguém viu o automóvel que deixou a nota.

— Alguém viu?

— Não. Escutei o ruído de um automóvel há um tempo, mas não pensei nada com relação a isso. Sempre chegam até aqui e em seguida dão a volta na calçada. Não sabem que aqui termina o caminho. Aproximou-se e me sussurrou confidencialmente: — Que dizia a nota, Mr. Archer?

— Querem o dinheiro, disse enquanto me retirava.

No caminho do hall cruzei com outros três empregados, mexicanos muito jovens com roupas de jardinagem; caminhavam em fila indiana, com a cabeça descida, e Felix ia à retaguarda. Estendi-lhe a mão, mas não respondeu. Seus olhos escuros brilhavam como dois carvões. Graves estava de cócoras frente à lareira, no living, e com um par de pinças dava volta a uma tora acesa.

— O que está acontecendo com os empregados? Perguntei-lhe. Levantou-se com um grunhido e olhou para a porta.

— Parece que se deram conta de que se encontram sob suspeita.

— Espero que não estejam.

— Nada disse que pudesse sugerir a ideia. Simplesmente perguntei se haviam visto o carro. O que realmente queria, claro, era dar uma olhadela em seus rostos antes que pudessem fechá-los hermeticamente.

— Acha que se trata de um trabalho interno, Bert?

— Obviamente, mas não totalmente. Porém seja quem for que confeccionou essa carta, sabia muitas coisas. Como saberia, por exemplo, de que o dinheiro poderia estar pronto para as nove da noite? Olhou o relógio. — Faltam setenta minutos.

— Uma crença completamente cega, talvez.

— Talvez.

— Não vamos discutir. Provavelmente tem razão ao pensar que, em parte, seja um trabalho interno. Alguém viu o carro?

— Mrs. Kromberg ouviu. Os outros brincam de mudos, ou são mudos.

— E ninguém foi embora?

— Não. Estes mexicanos e filipinos são duros de ler. Teve bom cuidado de adicionar: — Não que eu tenha alguma razão para suspeitar dos jardineiros ou de Felix.

— E do próprio Sampson? Olhou-me com ironia.

— Não tente ser brilhante, Lew. Nunca foi muito forte em intuição.

— É meramente uma sugestão. Se Sampson paga oitenta por cento de impostos, poderia ganhar rapidamente esses oitenta por cento ao fazer esta representação.

— Admito que poderia ter sido assim...

— Existem antecedentes.

— Porém não caso de Sampson. Seria fantástico.

— Não me diga que ele é honesto. Levantou as pinças e golpeou a tora que ardia. As chispas voaram como um enxame de abelhas.

— Não de acordo com os padrões comuns. Porém ele não correria os riscos de um negócio desse tipo. Muito perigoso. Ademais, não precisa de dinheiro. Seus capitais petroleiros estão avaliados ao redor de cinco milhões, mas valem mais de vinte e cinco em termos de dinheiro. Cem mil dólares significam uns trocados para Sampson. Este sequestro é real, Lew. Não pode ignorá-lo.

— Gostaria de poder fazê-lo, disse. — Muitos sequestros culminam num assassinato por conveniência.

— Este não tem por que terminar assim, disse com voz profunda como um grunhido, — E, por Deus! Não terminará assim. Pagaremos o dinheiro e se não aparecem com Sampson lhes daremos caça.

— Estou contigo. Porém era mais fácil de dizer do que fazer. — Quem entregará?

— Por que não você?

— Por uma razão: é possível que me conheçam. E tenho outra coisa para fazer. É o melhor, Bert. E seria bom que fosse com Taggert.

— Não gostaria.

— É um tipo esperto, e não tem medo de um revólver. Se algo sair mal, pode precisar de ajuda.

— Nada sairá mal. Porém o levarei se você quiser.

— Quero. Mrs. Kromberg apareceu na porta do hall, puxando nervosamente sua camisa.

— Mr. Graves?

— Sim?

— Desejaria que você falasse com Miranda, Mr. Graves. Tentei levar algo para que comesse, mas não abriu a porta. Nem sequer respondeu.

— Deve estar bem. Falarei com ela depois. Deixe-a sozinha no momento.

— Não gosto quando age desta maneira. É tão emotiva...

— Não se preocupe. Peça a Mr. Taggert que se encontre comigo no estúdio, por favor. E diga que traga suas pistolas... Carregadas.

— Sim, senhor. Estava a ponto de chorar, mas apertou seus grossos lábios e se retirou.

Quando Graves se voltou para mim, compreendi que ela havia lhe transmitido algo de sua ansiedade. Uma de suas faces se crispava levemente. Seus olhos olhavam algo mais além da sala.

— Provavelmente ela se sente culpada, disse.

— Culpada de quê?

— Nada tangível. Suponho que basicamente é porque não é capaz de ocupar o lugar de seu irmão. Observou o velho em sua trajetória ladeira abaixo e, provavelmente, sente que talvez não tivesse ido tão longe, nem tão rápido, se tivesse ficado mais próxima a ele.

— Ela não é sua esposa, disse. — Qual foi a reação de Mrs. Sampson?

Viu-a?

— Há alguns minutos. Recebeu com bastante tranquilidade. Lia um livro, na realidade. Que lhe parece isso?

— Mal. Talvez seja a única que deveria se sentir culpada.

— Isso não ajudaria Miranda. Miranda é uma jovem esquisita. É muito sensível, mas não creio que o saiba. Sempre vai mais além de sua capacidade emocional.

— Vai se casar com ela, Bert?

— Casarei se puder. Sorriu estranhamente. — Já propus mais de uma vez. Não disse que não.

— Você poderia cuidar bem dela. Está madura para o casamento.

Olhou-me em silêncio durante um momento. Seus lábios continuaram sorrindo, mas em seus olhos centelharam em sinal de mudança.

— Me disse que falaram muito na viagem desta tarde.

— Dei-lhe um conselho paternal, respondi. — Sobre dirigir muito rápido.

— Sempre que se mantenha no nível paternal... Abruptamente mudou de tema. — Que lhe parece esse tipo, Claude? Poderia estar misturado no sequestro?

— Poderia estar em qualquer coisa. Não confiaria absolutamente nele. Porém não consegui nada definitivo. Proclamou que não viu Sampson durante meses.

Uma luz amarela palha varreu a casa, e um momento depois se escutou o ruído de uma porta.

— Deve ser o xerife, disse Graves. — Levou muito tempo.

O xerife entrou com grande demonstração de pressa, como um corredor que chega à fita de chegada. Era um homem grande vestido com roupa de escritório, chapéu de caubói de aba larga. Como suas roupas, seu rosto era híbrido, metade policial e metade político. A dureza de sua mandíbula era contrastada pela maciez da boca, uma boca frouxa que se via que gostava das mulheres, das bebidas e das palavras. Estendeu a mão a Graves.

— Teria chegado antes, mas você me pediu que trouxesse o Humphreys. O outro homem, que o havia seguido silenciosamente, estava vestido na moda.

— Estava em uma festa, disse. — Como está Bert?

Graves me apresentou. O xerife se chamava Spanner. Humphreys era o Promotor do Distrito. Era alto e calvo, com o magro rosto e os olhos de um intelectual sutil. Ele e Graves não se estreitaram a mão. Eram muito íntimos para isso. Humphreys era da Promotoria quando Graves foi o Promotor do Distrito. Permaneci num segundo plano e deixei que Graves falasse. Contou-lhes o que precisavam saber e suprimiu o que não precisavam saber. Quando terminou, o xerife disse:

— A carta determina que; ao se retirar se dirijam para o norte. Isso significa que ele irá na outra direção, para Los Angeles.

— Isso é o que imagino, disse Graves.

— Então, se bloqueamos a autoestrada naquela direção poderíamos capturá-lo.

— Não podemos fazer isso, disse com palavras cortantes. — Se o fizéssemos, podemos nos despedir de Sampson.

— Porém se prendemos o sequestrador podemos fazê-lo falar...

— Pare, Joe, interveio Humphreys. — Devemos imaginar que há mais de um. Se determos um deles, o outro ou os outros poderão matar Sampson. É tão claro como a nariz de sua cara.

— E está na carta, disse. Vocês leram a carta?

— Andrews está com ela, disse Humphreys. — É o especialista em impressões digitais.

— Se descobrir algo, você poderia verificar nos registros do FBI. Sentia que estava me fazendo impopular, mas não tinha tempo para tato e não confiava em que detetives sem experiência conhecessem bem seu oficio. Voltei-me para o xerife: — Você entrou em contato com as autoridades do Distrito de Los Angeles?

— Ainda não. Pensei em avaliar primeiro a situação.

— Muito bem. A situação é esta. Ainda que obedecêssemos as instruções da carta há mais de cinquenta por cento de probabilidades de que Sampson não volte com vida. Ele deve ser capaz de identificar, pelo menos, a um do bando, o que o levou de Burbank. Isso é ruim para ele. Será pior se

tentarem deter o que vai apanhar o dinheiro. Terão um sequestrador na cadeia do distrito e Sampson em algum lugar com a garganta cortada. O melhor que podem fazer é se dedicar as comunicações. Deixem que Graves maneje o assunto desta ponta.

O rosto de Spanner estava arrebatado pela cólera, sua boca meio aberta para falar. Humphreys se interpôs.

— Isso faz sentido, Joe. Não é bom transgredir a lei, mas aqui é necessário. O assunto é salvar a vida de Sampson. Que lhe parece bom se voltarmos à cidade, agora? Levantou-se. O xerife o seguiu.

— Podemos confiar em que Spanner não fará suas próprias armações?

— Acredito que sim, disse Graves devagar. — Humphreys não o perderá de vista.

— Humphreys parece uma cabeça clara.

— É o melhor. Trabalhei com ele durante sete longos anos e nunca o surpreendi num erro. Designei a ele quando renunciei. Havia algo de pena em sua voz.

— Deveria ter continuado com esse trabalho, disse. — Dava-lhe muitas satisfações.

— E muito pouco dinheiro! Fiquei nisso durante dez anos, e terminei endividado. Deu-me um olhar desconfiado. — Por que deixou a força de Long Beach, Lew?

— O dinheiro não foi o principal. Não gostava da política suja. De qualquer maneira, não saí, me queimaram.

— Está certo. Olhou novamente o relógio. Era ao redor das oito e trinta. — Tempo de montar no cavalo.

Alan Taggert estava no estúdio, vestido com uma roupa velha do exército, presa na cintura e que fazia com que seus ombros parecessem enormes. Retirou suas mãos dos bolsos com uma pistola em cada uma. Graves apanhou uma e Taggert guardou a outra. Eram pistolas calibre 32, com finos canos de aço azul.

— Lembrem-se, disse para benefício de Taggert, — Não disparar a menos que eles disparem.

— Você não virá conosco?

— Não. Disse a Graves: — Conhece o cruzamento em Fryers Road?

— Sim.

— Não tem algum esconderijo por ali?

— Nada. A praia aberta de um lado e o rio do outro.

— Poderá não ser ali. Vão vocês na frente com o carro. Eu os seguirei e estacionarei um quilômetro mais abaixo.

— Vai tentar uma perseguição?

— Não. Só quero vê-lo. Encontrarei-os no primeiro posto de gasolina nos limites da cidade, depois.

— Está certo. Graves fez girar o botão que abria o cofre embutido na parede.

Do limite da cidade até Fryers Road a autoestrada se dividia em quatro, com um quilômetro de comprimento e que terminava nas que bordeavam a costa. Em sua parte média se estendia uma franja de bosques bordeadas por veredas de concreto. Na intersecção com Fryers Road o bosque terminava e a autoestrada se dividia em três. O Studebaker de Graves fez um rápido giro em forma de U na intersecção e estacionou com as luzes acesas na borda da autoestrada.

Era um bom lugar para o propósito, um rincão desnudo bordeado à direita por uma fileira de postes brancos. Não havia nem uma casa à vista, nem uma árvore. Os carros na autoestrada eram poucos e muito separados entre si. Eram dez para as nove pelo relógio do meu console. Cumprimentei Taggert e a Graves e os segui de longe. Faltavam sete décimos de quilômetro para o próximo cruzamento. Verifiquei no contador de quilometragem. Duzentos metros mais além deste caminho lateral fora construído um estacionamento para quem desejasse apreciar o panorama, acima da praia e sobre o lado direito da autoestrada. Dobrei e estacionei com as luzes apagadas e a frente do carro para o sul. Eram sete para as nove. Se tudo saísse de acordo com o plano, o automóvel com o dinheiro passaria junto a mim dentro dos próximos dez minutos.

A névoa se fechou ao redor do automóvel quando parei: se elevava desde a praia como uma impossível onda cinzenta. Uns poucos pares de faróis se dirigiam para o norte como os olhos de profundos peixes. Às nove horas e três minutos dois velozes faróis se aproximaram pela curva, vindo da direção

da Fryers Road. O automóvel que se precipitava virou bruscamente, antes de me alcançar, e pegou o caminho da esquerda. Não pude ver sua cor nem forma, mas escutei o chiar dos pneus. A técnica do motorista me era familiar.

Deixei as luzes apagadas e levei o automóvel através da autoestrada para o caminho lateral. Antes de chegar a este escutei três ruídos, remotos e temperados pela névoa. O gemido de uns freios, o estampido de um tiro, o rugido crescente de um motor que elevava a velocidade. O caminho lateral estava inundado de luz branca e difusa. Parei o automóvel próximo da intersecção. Outro automóvel se aproximou pelo caminho lateral e dobrou à esquerda, em frente a mim, em direção a Los Angeles. Era um conversível longo creme claro. Não pude ver o motorista através da janelinha lateral, mas me pareceu ver a massa escura do cabelo de uma mulher. Não estava preparado para iniciar uma perseguição, e, de qualquer maneira, não poderia.

Acendi os faróis de névoa e segui pelo caminho acima. Em pouco tempo da autoestrada um automóvel estava parado com duas de suas rodas na vala. Estacionei atrás dele e saí com o revólver na mão. Era uma limusine preta, um Lincoln. O motor estava em marcha e as luzes acesas. O número da placa era 62 S 895. Abri a porta com a mão esquerda enquanto empunhava o revólver com a direita. Um homem pequeno se inclinou para mim entre a névoa, com atentos olhos mortos. Segurei-o antes que caísse.

Eu estava sentindo a morte dentro de meus ossos há vinte e quatro horas.

* * *

Dezenove

AINDA usava o gorro de couro, mas agora estava caído sobre o lado esquerdo da cabeça. Havia um buraco redondo no gorro por cima da orelha esquerda. O lado esquerdo do rosto estava chamuscado. Sua cabeça havia sido jogada para o lado pela força da bala e rolou sobre seu ombro quando o empurrei para endireitá-lo. Suas mãos de unhas enegrecidas se soltaram do volante e ficaram penduradas em suas costas.

Enquanto o segurava no assento com uma mão, revistei seus bolsos com a outra. Os bolsos laterais de seu casaco de couro continham um isqueiro a prova de vento que cheirava a benzina, um maço de cigarros barato, pela metade com cigarros de papel pardo, e uma navalha com lâmina de dez centímetros. Havia uma carteira usada parecendo imitação de pele de tubarão no bolso de suas calças, que continha dezoito ou vinte dólares em notas pequenas e uma carteira de motorista da Califórnia emitida em nome de um tal Lawrence Becker. O endereço na carteira era a de um modesto hotel de Los Angeles que ficava próximo de Skid Row. Poderia não ser seu endereço e Lawrence Becker não ser seu nome.

O bolso esquerdo da calça continha um sujo pente dentro de um estojo de couro. No outro bolso havia um pesado molho de chaves de automóvel presas por uma corrente; chaves para todas as marcas de carro, desde Chevrolet até Cadillac; e uma caixa de fósforos pelo meio com uma legenda impressa que dizia: "RECORDAÇÃO DO RINCÃO, BEBIDAS E COMIDAS, AUTOESTRADA 101, SUL DE BOAVISTA". Debaixo de seu casaco só tinha uma lancheira. Havia algumas pontas de cigarros de maconha no cinzeiro do console, mas o resto do automóvel estava absolutamente limpo. Nem sequer um cartão de registro no porta-luvas nem cem mil dólares em notas. Coloquei novamente as coisas em seus bolsos e o endireitei no assento; fechei

a porta para que o segurasse. Olhei para trás uma vez mais antes de entrar em meu carro. As luzes do Lincoln ainda estavam acesas, o motor em funcionamento ainda lançava uma coluninha de fumaça pelo escapamento. O morto sobre o volante parecia pronto para empreender uma longa e rápida viagem a algum outro lugar do país.

O Studebaker de Graves estava estacionado junto das bombas no posto de gasolina. Graves e Taggert estavam junto do carro e se aproximaram correndo quando cheguei. Seus rostos pálidos brilhavam pela excitação.

— Era uma limusine preta, disse Graves. — Retornamos devagar e o vimos parar na esquina. Não pude ver o rosto, mas usava um gorro e um casaco de couro.

— Ainda está lá.

— Você o viu passar? A voz de Taggert era tão tensa que sussurrava.

— Dobrou antes de me encontrar. Está sentado no automóvel sobre o caminho lateral com uma bala na cabeça.

— Bom Deus! Gritou Graves. — Não atirou nele, não é Lew?

— Algum outro o fez. Um conversível creme saiu do caminho lateral um minuto depois do tiro. Acredito que uma mulher o dirigia. Foi para Los Angeles. Agora, estão certos de que apanhou o dinheiro?

— Vi quando o levantava.

— Já não está com ele; de modo que aconteceu uma de duas coisas. Ou o assaltaram ou seus sócios o traíram. Se ele foi assaltado os sócios não terão o dinheiro. Se o traíram, trairão a nós. De ambas as maneiras será muito ruim para Sampson.

— Que faremos agora? Perguntou Taggert. Graves respondeu.

— Retiraremos as garras do caso. Informaremos à polícia. Talvez oferecer uma recompensa. Falarei com Mrs. Sampson sobre isso.

— Escute, Bert, lhe disse. — Devemos silenciar sobre este assassinato... Que não seja publicado. Se o assaltaram, os sócios nos jogarão a culpa, e esse será o fim de Sampson.

— Sujos bastardos! A voz de Graves era grave e turva. — Nós mantivemos a palavra. Se pudesse lhes colocar a mão...

— Não saberia como. Tudo o que temos é um morto num carro de aluguel. Melhor será que fale com o xerife; não poderá fazer muito, mas será um lindo gesto. Depois, a polícia e o FBI. Conseguir todos os homens que

possa. Soltei o freio de mão e deixei que o carro avançasse uns centímetros. Graves retrocedeu.

— Aonde vai?

— Caçar patos selvagens. As coisas pintam tão mal para Sampson, que é o melhor que posso fazer.

Precisei rodar cinquenta quilômetros pela autoestrada até Boavista. A autoestrada constituía a rua principal da cidade. Era iluminada com letreiros de motéis, bares e três cinemas. Dois dos três cinemas passavam filmes mexicanos. Os mexicanos viviam da terra quando as fábricas de conservas fechavam. O resto das pessoas na cidade vivia dos mexicanos e das frotas pesqueiras. Parei no meio da cidade, na frente de uma loja de charutos que havia sido ampliada com a venda de revólveres, revistas, implementos de pesca, cerveja em barris, papelaria, luvas de beisebol, anticonceptivos e cigarros. Duas dezenas de garotos mexicanos com cabeleiras oleosas e brilhantes como merda de pato entravam e saíam da loja, atraídos por um lado, pelas máquinas de jogo no fundo, e pelo outro, pelas garotas na rua. As garotas passeavam com cintas e enfeites, cortando o ar com o peito. Os garotos assoviavam e adotavam atitudes de interesse ou fingiam indiferença. Chamei um e lhe perguntei onde ficava O RINCÃO. Conferenciou com outro rapaz. Depois os dois apontaram para o sul.

— Direto em frente, ao redor de cinco quilômetros, onde o caminho desce para White Beach.

— Há um letreiro vermelho muito grande, disse o outro garoto, abrindo os braços com entusiasmo. — Não é possível não vê-lo. O RINCÃO. Agradeci. Inclinaram-se e sorriram como se eu tivesse lhes feito um favor.

O letreiro dizia "O RINCÃO" em letras de neon vermelho sobre o teto de um edifício baixo e longo à direita da autoestrada. Uma placa branca e preta na intersecção, algo mais além, apontava para White Beach. Estacionei junto da calçada de cimento ao lado do edifício. Havia oito ou dez carros e um reboque sobre o lado da praia. Através das cortinas das janelas pude ver alguns casais nas mesas e outros que dançavam.

Para a esquerda, na entrada, havia um longo bar totalmente vazio. O salão e a pista de dança se encontravam à direita. Permaneci na entrada como

se estivesse procurando alguém. Não havia suficientes dançarinos para avivar a enorme sala. A música vinha de uma jukebox. No fundo havia um lugar vazio para a orquestra. Tudo o que restara das grandes noitadas era o destroçado piso, fileiras de desconjuntadas mesas, cheiros como lembranças de bêbados nas paredes, andrajosas decorações com anéis de borracha. Os clientes experimentavam a depressão da noite. Seus rostos buscavam as risadas e a diversão e não podiam consegui-las. Nenhum dos rostos significava algo para mim. A solitária garçonete se aproximou. Tinha olhos escuros, uma boca doce, um bom corpo que dizia vinte anos. Podia se ler sua história em seu rosto e em seu corpo. Caminhava cuidadosamente como se tivesse pé chato.

— Você quer uma mesa, senhor?

— Obrigado. Sentarei no bar. É possível que você possa me servir de ajuda. Estou procurando um homem que conheci num jogo de beisebol. Não o vejo.

— Como se chama?

— Esse é o problema... Não sei como se chama. Devo-lhe dinheiro por uma aposta, e me disse que o encontraria aqui. É um indivíduo pequeno, ao redor dos trinta e cinco anos, usa um casaco de couro e um gorro de couro. Olhos azuis, nariz afilado.

E um buraco na cabeça, irmã, um buraco na cabeça.

— Acredito que sei a quem se refere. Chama-se Eddie não sei o quê. Vem beber algo às vezes , mas hoje ainda não apareceu.

— Me disse que o encontraria aqui. A que horas ele aparece, geralmente?

— Mais tarde... Ao redor da meia-noite. Dirige um caminhão, não é verdade?

— Sim, um caminhão azul.

— É o mesmo, disse ela. — O vi no estacionamento. Esteve aqui há um par de noites, usou nosso telefone para uma ligação de longa distância. Há três noites. O dono não gostou!... Nunca se sabe quanto pode custar quando passa dos três minutos... Mas Eddie disse que pagaria o que fosse, e então o dono lhe permitiu continuar falando. Quanto você lhe deve, de qualquer maneira?

— Muito. Não sabe para onde ligou?

— Não. Não é assunto meu. Acaso é assunto seu?

— É que quero entrar em contato com ele. Então poderia lhe enviar o dinheiro.

— Pode deixar com o dono se quiser.

— Onde está?

— Atrás do bar.

Um homem de uma mesa bateu com o copo e ela caminhou cuidadosamente para ele. Dirigi-me ao bar. O rosto do barman, desde a linha do cabelo até a frouxa mandíbula, era terrivelmente longo e magro. Presidia um bar vazio, o que o fazia parecer ainda mais longo.

— Que lhe sirvo?

— Uma cerveja. Sua mandíbula caiu ainda mais.

— Do Este ou do Oeste?

— Do Este.

— Isso custa trinta e cinco, com a música. Sua mandíbula recuperou a posição anterior. — Nós colocamos a música.

— Posso comer um sanduíche?

— Certo, disse quase alegremente. — De quê?

— Presunto e ovo.

— OK. Fez sinais à garçonete através da porta aberta.

— Estou procurando um tipo que se chama Eddie, disse. — O que me ligou na outra noite a longa distância.

— Você é de Las Vegas?

— Venho dali.

— Como andam os negócios em Las Vegas?

— Bastante lentos.

— Isso é ruim, disse com alegria. — Para que você o procura?

— Devo-lhe algum dinheiro. Mora por aqui?

— Sim, acho que sim. Não sei aonde, infelizmente. Vem uma ou duas vezes por semana com uma mulher ruiva. Provavelmente a esposa. Pode vir hoje. Fique por aqui.

— Obrigado, farei isso.

Levei minha cerveja para uma mesa junto à janela, da qual podia

observar a praia, o estacionamento e a entrada principal. Depois de um tempo, a garçonete me trouxe o sanduíche. Demorou-se, depois que paguei e de que lhe dei uma gorjeta.

— Deixará o dinheiro com o dono?

— Estou pensando. Quero estar certo de que o receberá.

— Você não deve conhecer a palavra honestidade, hem?

— Você sabe o que acontece com os apostadores que não pagam?

— Tive o pressentimento de que você era um apostador. Inclinou-se para mim com súbita urgência. — Escute, mister, tenho uma amiga, ela sai com um apostador, disse que ele disse que Jinx é certo no terceiro de amanhã. Apostaria no ganhador ou no placê?

— Economize seu dinheiro, disse. — Não pode gastá-lo assim.

— Só aposto o dinheiro das gorjetas. Este garoto, o namorado da minha amiga, disse que Jinx é certo.

— Economize. Sua boca se franziu.

— Você é um estranho tipo de apostador.

— Está bem. Estendi-lhe dois dólares. — Aposte em Jinx. Olhou-me com um gesto de surpresa.

— Oh, obrigado, mister, só que eu não lhe pedia dinheiro.

— É melhor que perder seu próprio dinheiro, lhe disse.

Não havia comido há umas doze horas e o sanduíche estava saboroso. Enquanto comia chegaram vários carros. Uma quantidade de gente jovem entrou rindo e conversando e animou o negócio no bar. Em seguida, um sedã preto estacionou na praia, um Ford sedã preto com uma luz policial vermelha permanentemente acesa, como uma chaga, junto ao vidro da janela. O homem que desceu usava roupa civil, mas era tão óbvio como a roupa de um árbitro de beisebol, com pregas produzidas pelo revólver sobre o quadril direito. Vi seu rosto quando apareceu no círculo de luz da entrada. Era o delegado do xerife de Santa Teresa. Levantei-me com rapidez, me dirigi para a porta do extremo do bar onde se encontrava o banheiro de homens e fechei a porta atrás de mim. Desci a tampa do sanitário e me sentei para pensar sobre minha falta de previsão. Não deveria ter deixado a caixa de fósforos no bolso do Eddie.

Durante oito ou dez minutos me dediquei a ler as inscrições nas paredes

brancas. "John 'Rags' Latino, Ganhador de 120 corridas, Dearborn High School, Dearborn, Mich. 1946.". "Franklin P. Schneider, Osage County, Oklahoma, Surdo-mudo, Obrigado.". O resto eram os clássicos grafites dos banheiros intercalados com primitivos desenhos obscenos. A lâmpada da luz do teto brilhava em meus olhos. Meu cérebro viajou um pouco e adormeci sentado.

A saída dos fundos era um corredor de paredes brancas que desembocava nas entranhas da terra. Segui o caminho até o subterrâneo rio de imundícias que corria por baixo da cidade. Não havia uma curva por onde regressar. Tive que vadear o rio de excrementos. Afortunadamente tinha uns sarrafos. Eles me transportaram impoluto e envolto em papel celofane até a outra margem. Joguei fora os sarrafos, que também foram muletas, e subi por uma escala de ferro prateado que brilhava como as mandíbulas da morte. Suave e certeiramente me elevou por sobre todas as áreas do mal até uma porta bordeada de rosa que uma dama abriu vestida à antiga e que cantava FOGÃO, DOCE FOGÃO. Encontrei-me num espaço quadrado com piso de pedra e a porta se fechou atrás de mim. Era a praça central da cidade, mas eu estava só ali. Era muito tarde. Nem um carro à vista. Uma solitária luz amarela brilhava sobre o polido pavimento. Quando me movi, meus passos fizeram um solitário eco, e nos quatro lados, as casas ulularam como um bosque antes da tormenta. A porta se fechou novamente com ruído e eu abri os olhos. Algo metálico golpeava contra a porta.

— Abra, disse o delegado do xerife. — Sei que você se encontra ali. Corri o fecho e abri a porta.

— Está apertado, oficial?

— Então é você. Pensei que poderia ser você. Seus pretos olhos e seus gordos lábios se arqueavam de satisfação. Tinha um revólver na mão.

— Eu bem sabia que era você, disse. Não achei que fosse necessário contar a todo o mundo.

— Talvez você tivesse alguma razão para mantê-lo em segredo, heim? Talvez você tivesse uma boa razão para se ocultar aqui quando entrei. O xerife pensa que é um trabalho interno, e quer saber o que você está fazendo aqui.

— Este é o tipo, disse o barman por sobre seu ombro. — Disse que Eddie havia ligado para Las Vegas.

— O que você tem a alegar a respeito disso? Perguntou o delegado. Agitou o revólver de fronte do meu rosto.

— Entre e feche a porta.

— Sim? Então ponha as mãos na cabeça.

— Não me parece bom.

— Ponha as mãos na cabeça! O revólver se incrustou em meu plexo solar. — Você carrega um revólver? Começou a me apalpar com a outra mão. Retrocedi fora de seu alcance.

— Tenho um revólver. Não pode apanhá-lo. Aproximou-se novamente. A porta se fechou atrás dele.

— Você sabe o que está fazendo, não é verdade? Está resistindo a um oficial que cumpre com seu dever. Tenho uma boa razão para detê-lo.

— Você tinha uma boa razão, mas já não tem.

— Nada de histórias, velho. Tudo o que pretendo saber é o que você faz aqui.

— Estou me divertindo.

— De modo que não quer falar? Disse como um detetive de historieta. Levantou a mão livre para me bater.

— Pare, disse. — Não ponha nem um dedo em cima de mim.

— E por que não?

— Porque nunca matei um policial. Seria um borrão em meu currículo. Nossos olhares se cruzaram. Sua mão levantada pendia tesa no ar e descia gradualmente. — Agora apanhe o revólver, disse. — Nunca gostei que me ameaçassem.

— Ninguém perguntou do que gosta, disse, mas a arma dele abaixou. Seu moreno rosto se debatia entre emoções conflitantes: cólera e dúvida, suspeita e estupor.

— Vim aqui pela mesma razão que você... Oficial. A palavra resistia a sair, mas me esforcei para que saísse. — Encontrei a caixa de fósforos no bolso do Eddie...

— Como chegou a descobrir o nome? Disse, alerta.

— A garçonete me disse.

— Sim? O barman disse que ele falou por telefone com você em Las Vegas.

— Tentei sacar algo do barman. Deu-se conta? Foi um ardil. Pretendia ser sutil.

— Bom, o que você descobriu?

— O nome do morto é Eddie e dirigia um caminhão. Veio beber neste lugar algumas vezes. Há três noites ligou daqui para Las Vegas. Sampson estava em Las Vegas há três noites.

— Está brincando?

— Não brincaria com você, Oficial, ainda que pudesse fazê-lo.

— Jesus, disse. — Tudo encaixa, não é verdade?

— Nunca tinha pensado nisso, lhe disse. — Muito obrigado por me avisar.

Deu-me um estranho olhar, mas guardou o revólver.

* * *

Vinte

DIRIGI um quilômetro estrada abaixo, dei a volta, retornei, e estacionei na intersecção, numa diagonal ao Rincão. O automóvel do delegado ainda se encontrava no estacionamento na praia. A névoa se levantava, dissolvendo no céu como leite na água, indo em direção ao mar. O horizonte só me recordou que Ralph Sampson poderia se encontrar muito longe dali, em qualquer outro lado. Morto de fome em uma cabana da montanha, afogado no fundo do mar, ou com um buraco na cabeça, como Eddie. Os carros passavam junto ao Rincão em ambas as direções, rumo a casa ou rumo a luzes mais brilhantes. No espelho retrovisor meu rosto brilhava fantasmagórico e pálido, como se algo tivesse me contagiado da morte de Eddie. Havia círculos sob meus olhos e precisava fazer a barba.

Um caminhão se aproximou do sul e passou devagar junto a mim, se dirigindo ao estacionamento do Rincão na praia. O caminhão era azul e sua caçamba estava fechada. Um homem saltou da cabina e arrastou os pés pelo asfalto. Conhecia seu andar e à luz da entrada reconheci seu rosto. Um escultor selvagem a havia esculpido em pedra e a havia estrelado contra outra pedra. Parou com um resmungo quando viu o automóvel preto da polícia. Virou-se e voltou novamente para o caminhão. Deu ré com a alavanca de câmbio chiando e tomou o caminho em direção a White Beach. Quando as luzes da traseira haviam se convertido num pequeno brilho vermelho, eu o segui.

O caminho mudou de pavimento para cascalho e, finalmente, areia. Durante dois quilômetros mastiguei terra. Onde a estrada descia para a praia, outra estrada a cruzava. As luzes do caminhão dobraram para a esquerda e subiram a encosta. Quando estavam em cima e já se perdiam de vista, as segui. O caminho era uma simples picada junto à subida da montanha. Dali

se podia ver o oceano abaixo e à minha direita. A lua aparecia entre as nuvens que iam para o lado do mar. Sua luz sobre a água escura produzia o triste brilho de uma folha de chumbo.

A colina se aplainava mais além. Dirigi devagar, com as luzes apagadas. Antes que pudesse me dar conta, dei de frente com o caminhão. Estava parado em uma rua sem luzes, que se estendia por uns cinquenta metros, ao lado da estrada. Prossegui. O caminho se desviava abruptamente no fundo da colina, meio de quilômetro mais a frente. A rua serpenteava para o lado do oceano, à direita, mas a entrada estava fechada por uma porta de madeira. Dei a volta o carro no extremo fechado e subi a colina a pé. Uma fileira de eucaliptos, apontados para o céu, bordeava a rua onde estava parado o caminhão. O chão era desigual, rico em pedras. Tropecei mais de uma vez. Em seguida, o espaço se abriu subitamente em frente a mim e quase caí pela borda do penhasco. Longe, abaixo, a branca superfície golpeava a praia. O mar parecia estar suficientemente próximo para um mergulho, mas ser duro como metal. Debaixo de mim, à direita, havia um quadrado de luz. Comecei a deslizar para baixo pelo costado da elevação, me agarrando no mato para evitar uma caída. Uma pequena edificação se perfilava à luz, uma casa branca apoiada na rocha.

A janela me proporcionou uma visão completa do único aposento. Apalpei o revólver e, engatinhando, me aproximei dela. Vi duas pessoas. Nenhuma delas era Sampson. Puddler estava sentado em uma cadeira feita com um barril, seu perfil quebrado dirigido para mim, uma garrafa de cerveja na mão. Estava em frente a uma mulher que se encontrava sobre um divã-cama encostado na parede. A lâmpada de querosene pendurada em uma viga do teto arrojava uma dura luz branca sobre seu cabelo ruivo e seu rosto. Era um rosto magro e pequeno, de nariz largo e boca desvanecida. Só os frios olhos pardos tinham vida, se moviam e observavam desde suas profundas órbitas. Coloquei-me de forma a de não ser visto. O aposento não era grande, mas parecia terrivelmente vazio. O piso de pinho não tinha tapete e estava lustroso de tanta imundície. Debaixo da lâmpada havia uma mesa de madeira onde se empilhavam pratos sujos. Atrás, contra a parede mais afastada, havia um fogão de duas bocas, um recipiente para o gelo e uma pia oxidada, com um balde de lata sob ela, como desague. O aposento estava tão silencioso, as paredes eram tão finas, que podia escutar o crepitar da lâmpada. E a voz de

Puddler quando disse:

— Não posso esperar aqui toda a noite, não é? Você não pode pretender que eu espere aqui toda a noite. Preciso voltar para o trabalho. E não gostei daquele automóvel da polícia que se encontra estacionado no Rincão.

— Isso é o que você disse antes. Esse automóvel não significa nada.

— Repito. Precisaria já estar de retorno no Piano; você já sabe. Mr. Troy ficou maluco quando Eddie não apareceu.

— Deixe que tenha um ataque de apoplexia. A voz da mulher era cortante como seu rosto. — Se não gosta da maneira como Eddie faz o trabalho, que guarde para ele.

— Você não se encontra em situação de falar desse modo. Puddler olhava para um lado e outro do aposento. — Você não falava assim quando Eddie veio mendigar um trabalho porque estava sem nada. Quando estava sem nada e veio mendigar um trabalho e Mr. Troy lhe encomendou um...

— Por Deus! Não pode parar de repetir a mesma coisa? Seu rosto com cicatrizes se enrugou, pela surpresa. Adiantou a cabeça e seu grosso pescoço se elevou como o de uma tartaruga.

— Essa não é maneira de falar, Marcie.

— Cale a boca sobre Eddie, Sua voz era cortante como uma navalha. — Quantas celas você já viu por dentro, idiota? A resposta foi um atormentado bramido.

— Deixe-me em paz.

— Muito bem, deixe em paz o Eddie.

— Onde diabos se encontra Eddie, de qualquer maneira?

— Não sei onde está ou o por quê, mas sei que tem alguma razão.

— Espero que possa explicar a Mr. Troy.

— Mister Troy, Mister Troy. Você parece hipnotizado. Talvez Eddie esteja com Mr. Troy. Seus pequenos olhos a observavam, tentando ler algo em seu rosto, e em seguida desistiram.

— Escute, Marcie, disse depois de uma pausa. — Você pode dirigir o caminhão.

— Não quero participar nesse jogo.

— É bom para mim. Ou é para Eddie. Está parecendo muito importante desde que ele a retirou do...

— Cale-se ou o lamentará, disse. — O problema com você é que é um medroso. Vê um policial e já molha as calças. Por isso quer que uma mulher

carregue o dinheiro como um ladrão. Ele se levantou de repente e brandiu a garrafa.

— Deixe-me em paz. Eu não tenho nenhum dinheiro. Se fosse homem lhe quebraria a cara. A cerveja se derramou sobre o piso e sobre os joelhos dela. Esta respondeu com muita frieza.

— Você não se atreveria a dizer isso defronte do Eddie. Ele o faria em pedaços, e você sabe disso.

— Esse pequeno macaco?

— Sim, esse pequeno macaco! Sente-se, Puddler. Todos sabem que você é um lutador poderoso. Servirei-lhe outra cerveja.

Levantou-se e percorreu a sala com passos leves e furiosos, como um gato faminto. Apanhou uma toalha de um prego junto a pia e esfregou a mancha de cerveja em sua roupa.

— Você vai dirigir o caminhão? Disse Puddler esperançado.

— Preciso dizer tudo duas vezes? Não dirijo caminhão. Se tiver medo, deixe que um deles dirija.

— Não, não posso fazer isso. Não conhecem o caminho; se perderão.

— Estará gastando mal seu tempo, então, não é?

— Sim, suponho que sim. Aproximou-se dela incerto, arrojando uma enorme sombra sobre o piso e a parede. — Que lhe parece se fizermos algo antes que me vá? Uma pequena festa. Eddie, provavelmente, está na cama com alguém. Tenho tempo de sobra. Ela apanhou uma faca de pão de cima da mesa, dessas que tem uma lâmina serrilhada.

— Saia daqui, Puddler, ou fará amor com isto.

— Vamos, Marcie. Poderíamos chegar a um acordo. Permaneceu quieto, mantendo a distância. A faca se moveu deslumbrante sob a luz, em direção à garganta dele. — OK. Marcie. Não é necessário que enlouqueça. Deu de ombros e se voltou para sair com o olhar desamparado de um amante rechaçado.

Deixei a janela e escalei a colina. Antes de alcançar o topo, uma porta se abriu e projetou um facho de luz sobre a ladeira. Arrastei-me sobre as mãos e os joelhos. Podia ver a sombra de minha cabeça sobre o mato seco, em frente a mim. Ele subiu pela rua empinada, arrastando os pés pela terra, e desapareceu atrás dos eucaliptos.

Tive que escolher entre ele e a mulher ruiva, Marcie. Escolhi Puddler. Marcie podia esperar. Poderia esperar para sempre, de algum modo, antes que Eddie regressasse.

* * *

Vinte e Um

UNS POUCOS quilômetros ao norte de Boavista o caminhão azul deixou a autoestrada e dobrou para a direita. Parei para lhe permitir tomar distância. Uma placa na intersecção dizia "Logout Road". Antes de continuar a perseguição acendi os faróis de névoa. A névoa havia sido arrastada até o mar, mas não queria que Puddler visse os mesmos faróis atrás dele durante todo o percurso. Isso queria dizer unas setenta quilômetros, duas horas dirigindo através de abruptas montanhas. Uma estrada de cinco quilômetros ao longo de uma serra tão alta, que meus ouvidos doíam; o último dos caminhos que eu escolheria para dirigir ainda de dia; duas pistas ao longo da borda de um penhasco preto, com a escura eternidade escondida em cada curva. O caminhão viajava como se andasse sobre trilhos. Eu o deixava se perder de vista, acendia meus faróis novamente, e tentava me sentir como um novo homem que dirigia um automóvel diferente.

Por uma rota distinta chegamos ao vale que Miranda e eu havíamos passado à tarde. No caminho reto do vale apaguei totalmente as luzes e dirigi à luz da lua, ajudado em alguma medida pela memória. Pensei que sabia aonde se dirigia o caminhão. Precisava ter certeza. Do outro lado do vale o caminhão subiu a montanha até o serpenteante caminho que levava ao Templo nas Nuvens. Tive que utilizar novamente os faróis para segui-lo. Quando cheguei na caixa de correio de Claude, a porta de madeira que se encontrava junto havia sido fechada. O caminhão estava longe, um facho de luz que serpenteava montanha acima. Mais acima ainda, sobre o horizonte negro, o céu límpido estava salpicado de estrelas. Sem nuvens que a cobrissem, a lua estava imóvel entre elas, como um buraco branco na noite.

Estava cansado de esperar, de perseguir pessoas por caminhos escuros sem ver jamais seus rostos. Na medida de meu conhecimento, só dois deles

eram nítidos, Puddler e Claude. Tinha um revólver... E a vantagem da surpresa.

Abri a porta e entrei com o carro, dirigindo acima pela rua até a borda da meseta e em seguida para baixo em direção ao Templo. Por cima de sua branca massa se elevava o débil brilho da luz interior. O caminhão estava parado do lado de dentro da cerca de arame, suas portas de trás totalmente abertas. Estacionei junto à porta e desci. Nada havia no interior do caminhão salvo sombras, um banco de madeira coberto com saco de cada lado e o acre olor de homens que suaram e se secaram com as roupas colocadas. A porta de ferro do Templo se abriu com um rangido. Claude emergiu a luz da lua como a caricatura de um senador romano. Suas sandálias faziam barulho no cascalho.

— Quem está aí? Disse.

— Archer. Lembra de mim? Aproximei-me vindo da parte posterior do caminhão e deixei que me visse. Tinha uma lanterna elétrica na mão. Brilhava sobre o revólver que eu tinha na minha.

— Que está fazendo aqui? Sua barba se moveu, mas a voz era calma.

— Ainda estou procurando Sampson, disse. Como eu me aproximei ele retrocedeu até a porta.

— Você sabe que ele não se encontra aqui. Não é suficiente para você um só sacrilégio?

— Deixe de conversa fiada, Claude. Alguma vez enganou alguém?

— Entre se quiser, então, disse. — E veja o que quiser. Segurou a porta para que eu passasse e a fechou atrás de mim. Puddler estava no meio do pátio.

— Coloque-se junto a Puddler, disse a Claude.

Porém Puddler veio para mim em uma repentina corrida. Disparei uma vez nos seus pés. A bala fez uma marca branca contra a pedra defronte a ele e se chocou contra a parede de adobe no outro lado do pátio. Puddler ficou imóvel e me observou. Claude fez uma tentativa de me retirar o revólver de um golpe. Dei-lhe um pancada no estômago com o cotovelo. Caiu dobrado sobre o piso.

— Venha aqui, disse a Puddler. — Quero falar com você.

Permaneceu onde se encontrava. Claude se sentou segurando o torso e gritando com força em algum dialeto castelhano que não entendi. Uma porta se abriu de repente, como se entendessem castelhano, no lado oposto do pátio. Uma dezena de homens saiu. Eram pequenos e morenos e se aproximavam rapidamente de mim. Seus dentes resplandeciam à luz da lua. Vinham em silêncio e tive medo. Por causa disso ou por alguma outra razão, não atirei. Os homens morenos olharam o revólver e, de qualquer maneira, prosseguiram. Esgrimi o revólver e esperei. Os dois primeiros ficaram com o couro cabeludo ensanguentado. Então, como um enxame, caíram em cima de mim: me seguraram os braços, me deixaram sem pernas e chutaram a minha consciência para fora da minha cabeça. Deslizei-me pela ladeira do mundo como uma luz evanescente.

Voltei a mim me debatendo. Tinha os braços amarrados e minha boca beijava o cimento. Compreendi, depois de um tempo, que lutava contra mim mesmo. Meus braços estavam às minhas costas, minhas pernas dobradas na cintura. Tudo o que podiam fazer era rodar um pouco e golpear o lado de minha cabeça contra o cimento. Decidi abandonar essa política. Tentei gritar. Minha cabeça vibrava como se tivesse furado os tímpanos. Minha voz me chegava apenas como um zumbido. Renunciei a gritar. O zumbido ficava cada vez mais forte dentro de minha até que me superou e se converteu num barulho perfurante. Então começou a verdadeira dor. A interrupção de Claude mereceu meu agradecimento.

— A ira de deus é terrível, disse, por cima e atrás de mim. — Não é possível profanar este templo com impunidade.

— Basta de conversa, lhe disse desde o cimento. — Ficará implicado em dois sequestros em lugar de num só.

— Mentira, Mr. Archer. Fez um ruído com a língua contra o paladar. Torcendo o pescoço pude ver seus nodosos pés calçados com sandálias, no piso junto a minha cabeça.

— Você entendeu mal a situação, disse, voltando ao seu vocabulário como quem põe um vestido. — Você invadiu nosso retiro pela força das armas, me assaltou, atacou meus amigos e discípulos... Tentei rir sem alegria e consegui.

— Puddler é um de seus discípulos? É um tipo mais espiritual.

— Escute o que lhe digo, Mr. Archer. Com perfeita justificativa poderíamos ter matado em defesa própria. Sua vida é, ainda assim, um bem que lhe damos.

— Por que não trepa pela chaminé e vai embora?

— Você não chegou a compreender a gravidade disto...

— Compreendo que você é um velho mentiroso. Tentei pensar insultos mais sutis, mas minha cabeça não funcionava bem. Golpeou-me com o salto da sandália nas costas, bem em cima dos rins. Minha boca se abriu e meus dentes morderam o cimento. Não houve som algum.

— Pense no assunto, disse.

A luz desapareceu e uma porta bateu. A dor na cabeça me fazia ver estrelas. Pequenas e remotas primeiro, em seguida grandes e próximas e depois novamente pequenas: um ponto num redemoinho como a ponta de uma infatigável broca. No umbral da inconsciência minha mente refulgia com imagens: rostos mais horríveis de que havia visto em qualquer rua, mais sinistros do que vi em qualquer outro lugar. Cheguei à vazia praça no coração da cidade. A morte estava atrás de janelas que sussurravam, como uma velha rameira. Um rosto me olhava de cima e se convertia em outro: o jovem rosto bronzeado de Miranda aparecia ao redor de uma cabeleira grisalha, a boca de Claude se transmutava no sorriso de Fay, Fay se desvanecia e só restavam os grandes olhos escuros, e então aparecia a cabeça do filipino, que envelhecia rapidamente pela idade e se convertia na cabeça prateada de Troy. O brilhante olhar morto de Eddie vi uma e outra vez, e os rostos mexicanos se repetiam, cada um igual ao outro, com grandes olhos e reluzentes dentes, descobertos por um sorriso que curvava a boca para baixo de cólera ou terror. Com meus braços amarrados fortemente atrás de mim e meus calcanhares oprimidos contra as nádegas, deslizei além da consciência num sonho ruim. A luz contra minhas pálpebras me trouxe novamente a um fechado mundo vermelho. Escutei uma voz por cima de mim e mantive os olhos fechados. A voz era o macio ronronar de Troy.

— Cometeu um grave erro, Claude. Conheço este tipo. Agora, por que você não me contou nada sobre a sua visita anterior?

— Não pensei que fosse importante. Estava procurando Sampson e isso foi tudo. A filha de Sampson se encontrava com ele. Claude falava com naturalidade pela primeira vez. Sua voz havia perdido a sonoridade e havia

subido uma oitava. Emitia sons como uma mulher assustada.

— Você não pensou que fosse importante, não é? Direi-lhe somente o quanto foi importante para você. Isso significa que sua utilidade terminou. Você pode pegar seu credo e se mandar para bem longe.

— Este lugar é meu! Sampson disse que podia viver aqui. Você não pode me mandar embora!

— Já mandei, Claude. Você fez merda na sua parte, e isso significa que você terminou. Provavelmente o assunto inteiro terminou. Teremos que abandonar o Templo, e não deixaremos para você como herança.

— Mas, para onde posso ir? Que posso fazer?

— Abrir outra igreja de fachada. Volte a Gower Gulch. O que você fará não me interessa.

— Fay não gostará disso, disse Claude, vacilante.

— Não penso em consultá-la. E não discutamos mais, ou o enviarei para discutir com Puddler lá fora. Não quero fazer isso porque tenho um trabalho final para você.

— O que é? A voz de Claude se esforçou por ser vivaz.

— Você pode completar a divisão da carga do caminhão. Não estou totalmente certo de que você seja competente nem sequer para isso, mas preciso me arriscar. O risco correrá por sua conta, em todo caso. O capataz do rancho se encontrará com você na entrada sul para que lhes dê o salvo-conduto. Sabe onde fica a entrada sul?

— Sim.

— Muito bem. Quando descarregar, leve o caminhão novamente para Bakersfield e abandone-o. Não tente vendê-lo. Deixe-o num estacionamento qualquer e desapareça. Posso confiar que fará isso?

— Sim, Mr. Troy. Porém não tenho dinheiro.

— Aqui há cem.

— Cem somente?

— Tem sorte de conseguir isso, Claude. Agora pode começar. Diga a Puddler que quero vê-lo quando terminar de comer.

As sandálias de Claude se arrastaram para fora. Desta vez a luz continuou acesa. Algo soltou a faixa que atava meus pulsos. Minhas mãos e braços estavam entumecidos, mas pude sentir a faixa em meus ombros.

— Deixe-me. O movimento de minha mandíbula buscou se

movimentar em uma gama de insultos. Tive que apertar os dentes para detê-la.

— Ficará perfeitamente bem num instante, disse Troy. — Amarraram-no como um frango que mandam para o mercado, não é?

Escutei o sussurro de uma faca sobre a fibra. A tensão em meus braços e pernas diminuiu. Golpearam brandamente sobre o cimento como pedaços de madeira. Uma espécie de mordisco frio de terrier se fincou na parte posterior de meu pescoço e me sacudiu.

— Levante-se, velho.

— Gostaria mais de ficar aqui. A sensação retornava aos nervos de meus braços e pernas, e ardia como um fogo lento.

— Não dê rédea solta ao seu mau humor, Mr. Archer. Uma vez o adverti por meio de meus sócios. Se usaram alguma violência contra você, deve admitir que você a procurou. E, se me permite, direi que você procura coisas de uma maneira muito peculiar. Sobre o topo de uma montanha, de madrugada, com um revólver na mão. E entre homens cuja vida corre muito mais riscos que a sua.

Movi meus braços sobre o pavimento e golpeei com os pés juntos. O sangue corria novamente por eles. Troy retrocedeu com dois rápidos saltos.

— O revólver que tenho na mão aponta para a sua nuca, Mr. Archer. Você pode se levantar devagar, se se sentir capaz disso.

Posicionei braços e pernas debaixo de mim e esforcei meu corpo para que se levantasse do chão. O aposento deu voltas e ficou quieto com uma sacudidela. Era uma das celas que davam para o pátio do Templo. Sobre um banco, contra a parede, havia uma lanterna elétrica. Troy se encontrava junto o banco, tão belo e bem vestido como sempre, e segurava o mesmo revólver niquelado.

— Outorguei a você o beneficio da dúvida, ele disse. — Você me desiludiu.

— Estou trabalhando.

— Parece que interferiu no meu trabalho. Moveu o revólver na mão

para pontuar a frase. — Qual é com exatidão o seu trabalho, velho?

— Estou procurando Sampson.

— Sampson desapareceu? Olhei seu impassível rosto: tentava julgar o quanto podia saber. Seu rosto nada disse.

— As perguntas retóricas me irritam, Troy. O assunto é que você não ganhará nada somando um segundo sequestro ao primeiro. Será melhor que me deixe ir embora.

— Está me propondo um negócio, velho? Seu poder de compra é muito baixo, não é verdade?

— Não trabalho sozinho, eu disse. — Nesta noite a polícia irá ao Piano. Estão vigiando a casa de Fay. Miranda Sampson os trará aqui hoje. Não importa o que me faça, acabou a festa. Mate-me e você acaba também.

— Talvez você superestime a sua importância. Sorriu com cuidado. — Você vai querer uma porcentagem dos ganhos desta noite?

— Por que não? Tentava pensar no que fazer frente a esse revólver na mão dele. Estava realizando um esforço muito grande em me manter de pé.

— Considere minha situação, disse Troy. — Um detetive particular se imiscui em meu negócio, não uma vez, mas duas e em sucessão muito rápida. Mas em lugar de matá-lo, ofereço um terço dos ganhos da noite. Setecentos dólares, Mr. Archer.

— Um terço dos ganhos desta noite é trinta e três vezes maior.

— Quê? Estava assombrado e seu rosto dizia isso.

— Quer que soletre? Recuperou o porte imediatamente.

— Você disse trinta e três mil. Isso é uma imagem exagerada.

— Um terço de cem mil é trinta e três mil trezentos e trinta e três dólares e trinta e três centavos.

— Que tipo de acordo você tenta conseguir? Sua voz era ansiosa e áspera. Não gostava de toda essa tensão concentrada no revólver.

— Esqueça, disse. Não tocaria em seu dinheiro.

— Mas, não entendi, disse com seriedade. — E você não fale em código. Deixa as minhas mãos nervosas. O revólver se moveu, como exemplo.

— Você não sabe o que aconteceu, Troy? Pensei que você conhecia os detalhes.

— Suponha que não sei de nada. E fale rápido.

— Por que haveria de contar a você seus próprios negócios? Raptou Sampson há dois dias.

— Continue.

— Seu motorista levantou o resgate de cem mil. Não é suficiente?

— Puddler fez isso? Sua impassibilidade havia se desvanecido. Uma nova expressão havia se apossado de seu rosto, expressão de assassino, cruel e decidida. Dirigiu-se à porta e a abriu, mantendo o revólver entre nós. — Puddler! Sua voz se elevou forte.

— O outro motorista, disse. — Eddie.

— Você mente, Archer.

— Muito bem. Espere que a polícia venha e diga em pessoa. Já sabem para quem Eddie trabalhava.

— Eddie não é esperto.

— Suficientemente esperto para haver desaparecido.

— O que quer dizer?

— Eddie está na morgue.

— Quem o matou? Cooper?

— Talvez você, disse devagar. — Cem mil dos grandes é uma quantidade de dinheiro tentadora.

— O que aconteceu com o dinheiro?

— Alguém deu um tiro em Eddie e o levou. Alguém que tem um conversível creme.

Essas três palavras o golpearam atrás dos olhos, que se puseram em branco por um momento. Movi-me para a direita e golpeei o revólver com a palma de minha mão esquerda. Bateu contra o chão sem disparar e deslizou para a porta aberta. Puddler entrou pela porta e chegou ao revólver antes do que eu. Retrocedi. Troy sacudia a mão golpeada, que meneava como uma cobra branca no círculo de luz da lanterna.

— Temos que sair daqui e não podemos deixar uma confusão atrás de nós. Leve-o para o Rincão. Use seu carro. Mantenha-o ali até que eu decida outra coisa. Entendeu?

— Entendi, Mr. Troy. Onde você estará?

— Ainda não sei. Betty estava no Piano nessa noite?

— Não estava quando saí.

— Sabe onde mora?

— Não... Mudou-se há duas semanas. Alguém lhe alugou um local em algum lugar, não sei onde...

— Dirige o mesmo carro?

— O conversível? Sim.

— Já entendi, disse Troy. — Estou rodeado por imbecis como sempre. Não conseguem parar de se meter em problemas, não é? Vamos ensiná-los, Puddler.

— Sim, senhor.

— Mova-se, me disse Troy.

* * *

Vinte e Dois

FIZERAM-ME caminhar até o meu carro. O Buick de Troy estava junto a ele. O caminhão já saíra. Claude e os homens morenos haviam ido. Ainda era noite escura, mas a lua já descia. Puddler trouxe um rolo de fita da cabana que ficava junto à construção de adobe.

— Ponha as mãos atrás de você, me disse Troy. Mantive as mãos onde estavam. — Ponha as mãos para trás.

— Até agora tenho me dedicado ao meu trabalho, disse. — Se vocês continuarem me atrapalhando, serão objeto de minha raiva.

— Você fala muito, disse Troy. — Faça com que se cale, Puddler.

Voltei-me para enfrentar Puddler, mas não suficientemente rápido. Seu punho golpeou minha nuca. A dor assoviou através do meu corpo como um cristal, e a noite caiu densamente sobre mim, outra vez.

Estava numa estrada. A estrada estava repleta de trânsito. Eu era responsável pelos ocupantes de cada carro. Precisava escrever um relatório sobre cada um deles, com a idade, a ocupação, o hobby, a religião, a situação bancária, as inclinações sexuais, as ideias políticas, os crimes e os lugares preferidos para ir a comer. Os passageiros mudavam de carro com frequência, como se executassem música com distintos instrumentos. Os automóveis mudavam de número e de cor. Minha caneta ficou sem tinta. Um caminhão azul me levantou e ficou de um negro de funerária. Eddie estava no volante, e o deixei dirigir. Eu planejava matar um homem.

O plano estava quase completo, quando voltei a mim. Estava encravado no chão do meu carro, entre o assento da frente e o traseiro. O piso vibrava com o movimento e a dor em minha cabeça persistia. Minhas mãos se

encontravam novamente amarradas nas minhas costas. As costas largas de Puddler se reclinavam contra o respaldo do assento da frente, perfilada pelo reflexo dos faróis. Não podia tocar meus pés nem alcançá-lo. Tentei liberar minhas mãos da cinta, me retorcendo e me esforçando até que meus pulsos doeram e minhas roupas se molharam de transpiração. A fita aguentava mais do que eu. Deixei meu plano de lado e comecei a elaborar outro. Através de escuros caminhos não transitados descemos a montanha e regressamos para junto do mar. Ele estacionou o automóvel e, tão logo que parou o motor, pude escutar as ondas abaixo de nós que rompiam na areia. Levantou-me pelo colarinho da minha camisa e me colocou sobre meus pés.

— Não faça ruído algum, disse, — Exceto que ainda queira mais do que já teve.

— Você tem boas tripas, disse. — É necessário ter boas tripas para golpear um homem por trás enquanto outro aponta um revólver pela frente.

— Cale a boca. Esparramou seus dedos pelo meu rosto e pressionou para baixo. Tinham gosto de suor rançoso como o de um cavalo.

— É necessário ter boas tripas, disse, para empurrar o rosto de um homem que tem as mãos atadas.

— Cale a boca, disse. — Oi eu a fecharei.

— Mr. Troy não gostaria disso.

— Cale a boca. Mova-se. Colocou as mãos sobre meus ombros, me fez dar a volta e caminhar.

Encontrava-me no extremo de um longo cais que havia sido construído sobre pilares e que se elevava por cima da água. Havia torres de petróleo no horizonte atrás de mim, mas sem luzes. Não havia movimento algum exceto o do mar e a sístole e diástole de uma bomba de petróleo no extremo do cais. As tábuas do piso estavam podres. Água preta brilhava pelas gretas. Quando nos encontrávamos ao redor de uns cem metros de um galpão divisei a bomba no extremo do cais, se elevando e descendo como um cabecear mecânico. Havia um galpão para guardar ferramentas, junto a ela e mais nada, exceto o oceano. Puddler abriu a porta do galpão, apanhou uma lanterna de um prego e acendeu.

— Sente-se, me disse. Moveu a lanterna para um pesado banco contra a parede.

Havia um torno num dos extremos do banco e algumas ferramentas esparramadas sobre este: martelos, alicates de diferentes tamanhos, uma serra enferrujada. Sentei-me num espaço livre. Puddler fechou a porta e colocou a lanterna sobre um tambor de óleo. Iluminado de baixo pela luz amarelada, seu rosto não era apenas humano. Tinha as sobrancelhas caídas; e a protuberância da testa, como no homem de Neanderthal; era pesada, desamparada, sem pensamento. Não era justo condená-lo pelo que fazia. Era um selvagem que havia caído por acidente na selva de aço e cimento, uma besta de carga, uma máquina de brigar. Porém o condenei. Precisava fazê-lo. Precisava aceitar o que me oferecia e descobrir um meio de devolver.

— Está numa situação peculiar, disse.

Não me ouviu, ou se recusou a me responder. Reclinou-se contra a porta; um largo poste com forma de homem me bloqueava o caminho. Escutei o golpe e o chiado da bomba lá fora; a água golpeava abaixo contra os pilares. E pensei no que sabia de Puddler.

— Você se encontra em uma situação peculiar, disse novamente.

— Cale o bico.

— No lugar do carcereiro, quero dizer. Em geral, é ao contrário, não é? Você se senta na cela enquanto algum outro o vigia.

— Disse que fechasse o bico.

— Quantas celas você viu por dentro, imbecil?

— Por Cristo, latiu. — Eu o adverti. Aproximou-se com a cabeça baixa.

— É necessário ter boas tripas, disse, — Para ameaçar um homem quando tem as mãos atadas. Sua mão aberta golpeou meu rosto. — O problema com você é que é um medroso, eu disse. — Como dizia a Marcie. Até tem medo da Marcie, não é, Puddler? Ele ficou na minha frente piscando, jogando sua sombra em cima de mim.

— Matarei você, escute bem, se me falar assim. As palavras brotavam inconexas, muito rápidas para sua esforçada boca. Uma borbulha de saliva se formou na comissura de seus lábios.

— Porém Mr. Troy não gostará. Ele lhe disse que me mantivesse a salvo. Recorda? Nada pode me fazer, Puddler.

— Arrancarei suas orelhas, disse.

— Afirmo-lhe que não. Ah se eu tivesse as mãos livres, pobre idiota.

— A quem você chama de idiota? Levantou novamente a mão.

— A você, rato asqueroso, lhe disse. — A você. Por dentro e por fora. Bater num homem que está amarrado... É somente para o que serve.

Não me bateu. Apanhou uma navalha do bolso e a abriu. Seus pequenos olhos estavam vermelhos e brilhavam. Toda sua boca estava agora humedecida com saliva.

— De pé, disse. — Mostrarei-lhe quem é um rato.

Voltei-me de costas. Cortou as fitas que atavam meus pulsos e fechou a navalha. Em seguida me fez dar a volta até ele e me jogou uma rápida direita que errou meu rosto. Eu sabia que era impossível competir com ele. Dei-lhe um chute no estômago e ele retrocedeu até o outro lado do aposento. Enquanto se aproximava novamente apanhei uma ferramenta de cima do banco. A ponta estava rombuda, mas serviria. Segurei-a por um extremo com minha mão direita e lhe fiz um corte que lhe atravessou a testa de lado a lado. Retrocedeu.

— Me cortou, disse com incredulidade.

— Agora falta pouco para não poder enxergar, Puddler.

Na doca de São Pedro, um marinheiro finlandês havia me ensinado como os lutadores do Báltico cegam seus adversários.

— Vou matá-lo com certeza. Veio para mim como um touro.

Joguei-me no chão e me levantei debaixo dele, ao mesmo tempo em que usava a ponta rombuda para acertá-lo. Berrou e caiu. Cheguei até a porta. Seguiu-me e me alcançou na saída. Bamboleamo-nos ao longo do cais e caímos na água. Inalei rapidamente antes de bater na superfície. Fomos juntos para o fundo. Puddler lutava violentamente, mas tinha os pulmões cheios de água. Enganchei meus dedos em sua cintura e o mantive no fundo. Sacudiu-se e chutou como um animal terrível. Vi como perdia o ar; as borbulhas de prata se elevavam através da água preta indo até a superfície. Mantive-me sobre ele, sob a água. Meus pulmões explodiam, meu peito

estava próximo do colapso. Meu pensamento quase parava quando Puddler parou de lutar.

Tive que me soltar dele para chegar a tempo à superfície. Uma profunda inalação e mergulhei novamente atrás dele. Minhas roupas me incomodavam e os sapatos pesavam. Submergi através de estratos cada vez mais frios até que os ouvidos me doeram com a pressão da água. Puddler estava fora de alcance e o havia perdido de vista. Mergulhei mais seis vezes até que renunciei a dar com ele. A chave do meu automóvel estava no bolso de suas calças. Quando nadei até a praia minhas pernas já não me seguravam. Tive que me arrastar para fora. Em parte se devia ao esgotamento físico, e em parte ao medo. Tinha medo de que voltasse atrás de mim nas geladas águas.

Deitei sobre a areia até que as batidas do meu coração se acalmaram. Quando consegui me levantar, as torres, no horizonte, se delineavam com precisão contra um céu que clareava. Subi até o lugar onde se encontrava meu automóvel e acendi as luzes. Havia um pedaço de cobre unido a um dos extremos de um cercado que resguardava o carro. Arranquei-o e o conectei as terminações debaixo do console. O motor funcionou na primeira tentativa.

* * *

Vinte e Três

O SOL já estava do outro lado da montanha quando cheguei a Santa Teresa. Gravei com precisão tudo, cada folha e pedra. Do caminho, a casa de Sampson parecia uma vila de brinquedo feita com torrões de açúcar. Mais próximo pude experimentar seu opressivo silêncio, que dominava o lugar quando parei o carro. Tive que desconectar o fio de cobre para desligar o motor. Felix se aproximou da entrada de serviço quando chamei.

— Mr. Archer? — Teve algum acidente, Mr. Archer?

— Pelo visto.... Minha valise ainda está no quarto em que estava? Tinha roupas limpas ali e uma duplicata das chaves do carro.

— Sim, senhor. Você tem contusões no rosto, Mr. Archer. Quer que chame um médico?

— Não se preocupe. Bastará uma ducha, se for possível.

— Sim, senhor. Tem um banheiro atrás da garagem.

Conduziu-me aos seus aposentos e trouxe minha valise. Tomei um banho e fiz a barba no escuro banheiro e troquei as roupas empapadas pelo mar. Foi tudo o que pude fazer para não me jogar sobre a cama ainda desfeita de seus limpos aposentos e deixar que o caso ficasse em suspenso. Quando retornei à cozinha estava preparando uma bandeja com um jogo de xícaras de prata.

— Quer comer algo, senhor?

— Presunto e ovos, se for possível. Assentiu com sua redonda cabeça.

— Logo que tenha terminado com isso, senhor.

— Para quem é a bandeja?

— Para Miss Sampson, senhor.

— Tão cedo?

— Tomará o café da manhã em seu quarto.

— Ela está bem?

— Não sei, senhor. Dormiu muito pouco. Já havia passado da meia-noite quando voltou para casa.

— De onde?

— Não sei, senhor. Saiu ao mesmo tempo em que você e que Mr. Graves.

— Ela dirigia?

— Sim, senhor.

— Que carro?

— O Packard conversível.

— Vejamos, é creme, não é verdade?

— Não, senhor. É vermelho brilhante. Dirigiu uns duzentos quilômetros durante o tempo que esteve fora.

— Mantém uma estreita vigilância sobre a família, não é, Felix? Sorriu suavemente.

— Um de meus deveres é verificar a gasolina e o óleo dos carros, senhor, já que não temos motorista.

— Porém você não gosta muito de Miss Sampson?

— Sou um devoto dela, senhor. Seus opacos olhos pretos eram uma máscara.

— Teve algum desgosto, Felix?

— Não, senhor. Porém minha família é bem conhecida em Samar. Vim para os Estados Unidos para tentar entrar no Colégio Politécnico da Califórnia quando for possível. Dói-me a suposição de Mr. Graves de que eu seja suspeito por causa da cor da minha pele. Os jardineiros também estão machucados no que concerne a eles.

— Falaram disso a noite?

— Sim, senhor.

— Não creio que ele tenha querido dizer semelhante coisa. Felix sorriu. — Mr. Graves está aqui, agora?

— Não, senhor. Está no escritório do xerife, creio. Perdoe-me, senhor. Levantou a bandeja até seu ombro.

— Sabe o número? É necessário que diga "senhor" a cada duas palavras?

— Não, senhor, disse com moderada ironia. — 23665.

Disquei o número da despensa e perguntei por Graves. Um delegado sonolento o chamou.

— Fala Graves. Sua voz estava rouca e cansada.

— Fala Archer.

— Onde tem andado, por Deus?

— Contarei mais tarde. Algum sinal de Sampson?

— Ainda não, mas fizemos alguns progressos. Estou trabalhando com uma grande equipe do FBI. Encaminhamos a classificação das impressões do morto para Washington e recebemos resposta há uma hora. Está registrado no FBI. Com um longo curriculum. Chama-se Eddie Lassiter.

— Irei para lá assim que comer algo. Estou na casa de Sampson.

— É melhor não. Desceu a voz. — O xerife está irritado consigo porque sumiu ontem à noite.

Desligou e eu abri a porta da cozinha. O presunto fazia alegres ruídos em uma frigideira. Felix o passou para um prato quente, colocou o pão na torradeira que se encontrava junto à pia, quebrou os ovos na manteiga quente, me serviu uma xícara de café de uma fumegante cafeteira. Sentei-me à mesa da cozinha e bebi o café quente.

— Todos os telefones da casa pertencem a uma mesma linha?

— Não, senhor. Os telefones da frente correspondem a uma linha que não é a dos telefones de serviço. Quer que dê outra mexida nos ovos, Mr. Archer?

— Comerei tal como estão. Quais são os que estão conectados com o telefone da despensa?

— Um próximo do armário de roupa e um no quarto de hóspedes, em cima da casa. O quarto de Mr. Taggert. Entre mordidas perguntei:

— Mr. Taggert se encontra lá, agora?

— Não sei, senhor. Acredito que o escutei quando entrava durante a noite.

— Pode ir até lá e confirmar?

— Sim, senhor. Retirou-se da cozinha pela porta de trás.

Um automóvel entrou um minuto depois, e Graves se fez presente. Havia perdido algo de sua energia, mas ainda se movia com rapidez. Seus

olhos estavam bordeados de vermelho.

— Parece que saiu do inferno, Lew.
— Trouxe o relatório sobre Lassiter?
— Sim.

Extraiu um magro telex de seu bolso interior e me estendeu. Minha vista observou a folha impressa.

Levado ante a Corte de Menores, Nova York, março 29, 1923, queixas do pai. A cargo do Protetorado Católico de Nova Iorque, abril 4, 1923. Em liberdade, agosto 5, 1925... Corte de Sessões Especiais do Brooklyn, janeiro 9, 1928, culpado por roubo de uma bicicleta. A sentença ficou em suspenso e saiu sob fiança. Livre da fiança, novembro 12, 1929... Detido em maio 17, 1932, culpado por posse de dinheiro roubado. Caso suspenso por falta de evidência por recomendação do Promotor... Detido com automóvel roubado, outubro 5, 1936, sentenciado por três anos em Sing Sing... Detido com a sua irmã Betty Lassiter por agentes do Departamento de Narcóticos de Estados Unidos, abril 23, 1943. Detido por venda de dez gramas de cocaína, maio 2, 1943, sentenciado em um ano e um dia em Leavenworth... Detido em agosto 3, 1944, por participação em assalto do caminhão da General Electric: Culpado, sentenciado de cinco a dez anos em Sing Sing. Liberado sob palavra setembro 18, 1947. Falta à palavra e desaparece, dezembro 1947.

Essas eram as altas qualificações no prontuário de Eddie, os pontos da pontilhada linha que marcavam seu curso desde uma adolescência de delinquência até uma morte violenta. Agora era como se nunca tivesse nascido. Felix disse por sobre meu ombro:

— Mr. Taggert se encontra em seu quarto, senhor.
— Está levantado?
— Sim, está se vestindo.
— Poderia tomar o café da manhã? Disse Graves.
— Sim, senhor. Graves se voltou para mim.
— Há algo de útil no relatório?
— Só uma coisa, e não está comprovada. Lassiter tinha uma irmã chamada Betty que foi detida com ele por uma acusação de narcóticos. Há uma mulher que se chama Betty em Los Angeles, com narcóticos em seu prontuário; é a pianista em uma boate de Troy. Disse que se chama Betty Fraley.
— Betty Fraley! Disse Felix da cozinha.
— Isto não lhe concerne, disse Graves com desagrado.
— Espere um minuto, disse. — O que está acontecendo com Betty

Fraley, Felix? Conhece-a?

— Não a conheço, mas vi seus discos no quarto de Mr Taggert. Notei o nome quando limpava o lugar.

— Está dizendo a verdade? Disse Graves.

— Por que haveria de mentir, senhor?

— Veremos o que Taggert irá dizer a respeito. Graves se dispôs a sair.

— Espere um momento, Bert. Coloquei minha mão sobre seu ombro, que estava endurecido pela tensão. — Intimidá-lo não nos levará a lado nenhum. Ainda que se Taggert tenha os discos dessa mulher, isso não tem porque significar algo. Nem sequer estamos certos de que seja a irmã de Lassiter. E talvez Taggert seja um colecionador.

— Tem uma coleção grande, disse Felix. Graves estava irritado.

— Acho que deveríamos dar uma olhada.

— Agora não. Taggert pode ser culpado, mas não conseguiremos que Sampson volte se nos atrapalharmos com isso. Espere até que Taggert não se encontre ali. Então revistarei os discos.

Graves deixou que o empurrasse novamente para o assento. Apertou as pálpebras fechadas com as pontas dos dedos.

— Este caso é o pior que tenha visto ou ouvido, disse.

— É. E Graves só conhecia a metade. — Foi dado o alarme geral em relação à Sampson? Abriu os olhos.

— Desde as dez da noite. Alertamos à polícia rodoviária, ao FBI, a todo destacamento de polícia e xerifes de distrito entre aqui e San Diego.

— Seria melhor que se ocupasse do telefone, lhe disse. — Transmita outro alarme. Desta vez para Betty Fraley. Que alcance todo o sudoeste. Sorriu ironicamente, com sua pesada mandíbula para fora.

— Não se encontra tudo isto sob a categoria da torpeza?

— Neste caso penso que é necessário. Se não conseguimos rapidamente encontrar a Betty, alguém nos ganhará de mão. Dwight Troy a está ameaçando. Dirigiu-me um olhar de curiosidade.

— Onde conseguiu essa informação, Lew?

— Foi dura de conseguir. Falei com o próprio Troy ontem à noite.

— Está misturado nisto, então?

— Agora sim. Acredito que quer os cem mil para ele, e acho que sabe quem os tem.

— Betty Fraley? Apanhou um bloco do bolso.

— Imagino isso. Cabelo preto, olhos verdes, feições regulares, um metro e sessenta, entre os vinte e cinco e os trinta, provavelmente drogada em determinados períodos, magra, mas bem formada, e bonita se alguém gostar de répteis. É procurada por suspeita de assassinato de Eddie Lassiter. Elevou a vista com severidade.

— É outra suposição, Lew?

— Chame-a assim. Fará isso?

— Imediatamente. Encaminhou-se para a despensa.

— Esse telefone não, Bert. Está conectado com o quarto de Taggert. Parou e se voltou até mim com uma sombra de pesar no rosto.

— Parece estar muito seguro de que Taggert é o nosso homem.

— Destroçaria seu coração se fosse?

— Não o meu, disse, e se virou. — Usarei o telefone do estúdio.

* * *

Vinte e Quatro

ESPEREI no hall defronte da casa até que Felix veio me avisar que Taggert estava tomando o café da manhã na cozinha. Levou-me por trás da garagem até um pátio que convergia para uma série de degraus baixos que subiam pela encosta da colina. Quando chegamos no quarto de hóspedes, me deixou. Era numa casa de madeira de um só andar, rodeada de árvores, de costas para a colina. Abri a porta, que estava sem ferrolho, e entrei. O living era revestido de pinho amarelo e mobiliado com cadeiras simples, um rádio/toca-discos, uma ampla mesa de refeições cheia de revistas e pilhas de discos. A vista através da grande janela que dava para o oeste abarcava toda a propriedade e o mar até o horizonte.

As revistas sobre a mesa eram a JAZZ RECORD e a **DOWN-BEAT**. Percorri os discos e os álbuns um por um, DECCA E BLUEBIRD E ASCH, COMODORES e BLUE NOTES. Havia muitos nomes que eram muito conhecidos: FATS WALER, RED NITOLS, LUX LEWIS, MARY LOU WILLIAMS... E outros títulos totalmente desconhecidos para mim: NUMBER FUMBLIN', VIPER'S DRAG, NIGHT LIFE, DENAPAS FARADE. Porém não Betty Fraley. Já me retirava para falar com Felix quando lembrei dos discos pretos que jogaram no mar no dia anterior. Poucos minutos depois de tê-los visto, Taggert havia entrado na casa em roupa de banho. Evitei a casa e me dirigi para o mar. Da pérgola de vidro, na borda do penhasco, uma longa escadaria descia até a praia em diagonal; os degraus eram de cimento. Havia um vestiário ao pé dos degraus, e entrei ali. Encontrei uma máscara de borracha e de vidro, para mergulho, pendurada em um prego num dos compartimentos do vestiário. Tirei minha roupa, fiquei de cuecas e coloquei a máscara na minha cabeça.

Uma fresca brisa elevava as ondas e as varria antes que rompessem. O sol da manhã ardia em minhas costas, a areia seca esquentava as plantas de meus

pés. Fiquei durante um minuto na área de areia parda e molhada bem onde terminavam as ondas e as olhei. Eram azuis brilhantes e ondulavam com a graça insinuante de uma mulher, mas eu lhes temia. O mar era frio e perigoso. Tinha mortos em seu seio. Entrei devagar, coloquei a máscara sobre meu rosto e mergulhei. Ao redor de cinquenta jardas a partir da praia, na superfície, me voltei sobre minhas costas e inspirei profundamente pela boca. O sobe e desce das ondas e o oxigênio extra me enjoaram um pouco. Através do vidro salpicado, o céu azul parecia que girava sobre minha cabeça. Mergulhei debaixo da água para limpar o vidro, voltei à superfície e mergulhei de novo, de cabeça, para o fundo.

Era de pura areia branca e quebrada por pardos promontórios de pedra. A areia se movia um pouco pelo movimento da água, mas não tanto para arruinar a visibilidade. Andei em ziguezague uns quarenta ou cinquenta metros ao longo do fundo e só encontrei um par de algas marinhas presas numa rocha. Voltei à superfície para respirar. Quando levantei a máscara vi que um homem me observava desde a margem. Escondeu-se atrás de uma árvore protegida do vento pela pérgola, mas não antes que eu pudesse reconhecer Taggert. Inspirei várias vezes profundamente e voltei a mergulhar. Quando emergi, Taggert havia desaparecido. No terceiro mergulho encontrei o que procurava, um disco preto intacto, meio enterrado na areia do fundo. Segurei o disco contra meu peito e dei a volta rumo à praia. Lavei-o e sequei-o com terno cuidado, como uma mãe faz com um filho.

Taggert estava no living quando retornei do vestiário, sentado em uma cadeira de lona, de costas para a porta. Com calças de flanela e camisa branca parecia muito jovem e bronzeado. O cabelo preto sobre sua pequena cabeça estava cuidadosamente penteado. Fez-me um cumprimento animado que não chegou aos olhos.

— Olá, Archer. Deu alguns mergulhos?

— A água está um pouco fria.

— Deveria ter usado a piscina. É mais quente.

— Prefiro o mar. Nunca se sabe o que se pode encontrar. Encontrei isso. Olhou o disco em minha mão como se recém notasse.

— O que é isso?

— Um disco. Parece que alguém arrancou a etiqueta e o jogou no mar.

Pergunto-me por quê. Aproximou-se um passo, longo e silencioso, sobre o tapete de grama.

— Deixe-me vê-lo.

— Não o toque. Poderia quebrá-lo.

— Não vou. Estendeu a mão. Eu o afastei de seu alcance. Sua mão agarrou o ar.

— Retroceda, lhe disse.

— Me dê, Archer.

— Não.

— Vou tomá-lo.

— Não faça isso, disse. — Acredito que poderia parti-lo em dois. Ele parou e me olhou durante dez longos segundos. Em seguida voltou o sorriso. O encanto infantil foi lento em retornar.

— Estava brincando, homem. Mas gostaria de saber que há na maldita coisa.

— Eu também.

— Vamos escutá-lo, então. Há um toca-disco portátil aqui. Girou em torno de mim e se dirigiu à mesa que ficava no meio do living; abriu uma caixa de plástico quadrado.

— Eu o porei.

— Está bem... Você tem medo que eu o quebre. Voltou para a sua cadeira e se sentou, estirando as pernas para frente.

Coloquei o disco no prato e acionei a alavanca. Taggert sorria, expectante. Fiquei de pé e o observei: esperava um sinal, algum mau movimento. O belo garoto não tinha nele um sistema de medos que eu manejasse. Não entrava em molde algum que eu conhecesse. O disco estava riscado e era velho. Um solo de piano começava a tocar, meio afogado no ruído da superfície. Três ou quatro acordes de boogie-woogie se repetiam. Depois, a mão direita se agitava através deles, os avivava. Os primeiros acordes se multiplicavam e dançavam em torno do aposento. O lugar que configuravam era meio selvagem e meio mecânico. A mão direita se agitava através deles uma e outra vez, como perseguindo algo. A sombra de um gigante perseguindo algo através de uma selva artificial.

— Está gostando? Disse Taggert.

— Até certo ponto. Se o piano fosse um instrumento de percussão seria

de primeira qualidade.

— Porém esse é o assunto. Será um instrumento de percussão se alguém quiser usá-lo como tal. O disco terminou e o virei.

— Parece que se interessa pelo boogie-woogie. Você não saberia dizer quem gravou este disco?

— Não poderia lhe dizer. O estilo poderia ser o de Lux Lewis.

— Duvido. Soa mais como se fosse uma mulher. Franziu o cenho em elaborada concentração. Seus olhos ficaram pequenos em sua cabeça.

— Não conheço mulher alguma que toque assim.

— Eu conheço uma. Escutei-a no Piano Selvagem anteontem à noite. Betty Fraley.

— Nunca a ouvi, disse.

— Vamos, Taggert. Esta gravação é dela.

— É?

— Você deveria saber: jogou-o no mar. Agora, por que fez isso?

— A pergunta não é pertinente, porque eu não o fiz. Não pensaria em jogar no mar um bom disco.

— Acredito que você sonha muito, Taggert. Acredito que você esteve sonhando com cem mil dólares.

Moveu-se ligeiramente na cadeira. Sua pose havia perdido o ar casual. Se alguém o tivesse levantado segurando-o pela nuca, suas pernas teriam permanecido como se encontravam, retas para frente, no ar.

— Você sugere que eu raptei Sampson?

— Não pessoalmente. Sugiro que você conspirou para isso... Com Betty Fraley e seu irmão Eddie Lassiter.

— Nunca escutei falar deles, de nenhum dos dois. Inspirou profundamente.

— Escutará. Encontrar-se-á com um deles no tribunal e saberá acerca do outro.

— Espere um minuto, disse. — Você vai muito rápido para mim. É por isso que joguei estes discos no mar?

— Este é seu disco, então?

— Certo. Sua voz vibrava de franqueza. — Admito que tinha alguns dos discos de Betty Fraley. Livrei-me deles, quando escutei que você falava do Piano Selvagem com a polícia.

— Também escuta as conversas telefônicas das outras pessoas?

— Foi puramente acidental. Escutei você quando tentava fazer uma ligação telefônica pessoal.

— Betty Fraley?

— Disse-lhe que não a conheço.

— Desculpe, disse. — Pensei que talvez você tivesse ligado para lhe dar luz verde para o assassinato.

— O assassinato?

— O assassinato de Eddie Lassiter. Não é necessário que pareça tão surpreso, Taggert.

— Porém eu não sei nada acerca dessa gente.

— Você sabia o suficiente para se livrar dos discos da Betty.

— Ouvi falar dela, isso é tudo. Sabia que tocava no Piano Selvagem. Quando descobri que a polícia estava interessada no lugar, me livrei dos discos. Você sabe a confusão que pode ser em relação com uma evidência circunstancial.

— Não tente me enrolar da mesma maneira que enrolou a si mesmo, disse. — Um homem inocente nunca teria pensado em se desfazer desses discos. As pessoas os compraram ao longo de todo o país, não é?

— Justamente é isso o quero dizer. Nada de ruim há em tê-los.

— Porém você pensou que sim, Taggert. Você não teria motivo para pensar nisso como uma evidência se não estivesse misturado neste assunto com Betty Fraley. E acontece que você os jogou no mar muitas horas antes de escutar a ligação telefônica... Antes que se soubesse que Betty tinha uma conexão com o caso.

— Talvez o tenha feito, disse. — Porém você perderá tempo se me envolver em qualquer coisa a partir desses discos.

— Não tentarei. Eles me deixam na sua pista e servem para o meu propósito. Então, esqueçamos os discos e falemos de algo importante. Sentei-me em uma cadeira de vime que estava em frente a ele.

— Do que quer falar? Ainda mantinha um controle perfeito. Seu enigmático sorriso era natural, e a voz, tranquila. Só seus músculos o delatavam, encolhidos nos ombros, trêmulos nas coxas.

— Do sequestro, disse. — Deixemos o assassinato para depois. O sequestro não é menos grave neste estado. Dar-lhe-ei minha versão do sequestro, e depois escutarei a sua. Muita gente estaria disposta a escutar a sua.

— Sinto muito. Não tenho versão alguma.

— Eu sim. Você estava ressentido pelo tratamento que Sampson lhe dava. Ressentido também por todo o dinheiro que ele tem... Você não tem muito.

— Tampouco agora, disse.

— Não está mal no presente. A metade de cem mil é cinquenta mil. Bastante, para o tão passageiro presente. Moveu as mãos humoristicamente.

— E está comigo?

— Você não é burro, disse. — Porém é suficientemente idiota. Você agiu como um boneco, Taggert. Os espertos o usaram para seus fins. Provavelmente nunca verá a metade dos cem mil.

— Você me prometeu uma história, disse com suavidade. Ia ser muito duro de quebrar. Joguei minha melhor carta.

— Eddie Lassiter telefonou para você antes que transportasse Sampson no avião para fora de Las Vegas.

— Não me diga que tem você poderes psíquicos, Archer. Você falou que o homem estava morto. Como iria saber disso? Porém havia aparecido uma nova linha branca ao redor da boca de Taggert.

— Tenho suficientes poderes psíquicos para contar o que você disse a Eddie. Disse-lhe que você voaria para Burbank, onde chegaria ao redor das três da tarde. Disse-lhe que alugasse uma limusine preta e que esperasse uma ligação telefônica do aeroporto de Burbank. Quando Sampson ligou ao Valério para pedir uma limusine, você cancelou a ligação e enviou o Eddie com a que ele havia alugado. A operadora, no Valério, pensou que fosse Sampson que ligava novamente. Você faz uma boa imitação dele, não é?

— Em frente, disse. — Sempre gostei de fantasia.

— Quando Eddie chegou no aeroporto com o carro alugado, Sampson entrou nele como qualquer outro dia. Não tinha motivos para suspeitar de nada. Você o havia mantido tão bêbado que não notaria a troca dos motoristas... Tão bêbado que um pequeno indivíduo como Eddie pôde com ele quando chegaram a um lugar determinado. O que Eddie utilizou, Taggert? Clorofórmio?

— Se esta é sua história... Disse. — Está cansando a sua imaginação?

— A história pertence a ambos. Essa ligação telefônica cancelada foi importante, Taggert. É o que vincula você com a história, em primeiro lugar. Nenhuma outra pessoa poderia ter sabido que Sampson telefonaria para o Valério. Nenhuma outra pessoa sabia quando Sampson voaria de Nevada.

Nenhuma outra pessoa se encontrava em situação de dar a Eddie essa informação na noite anterior. Nenhuma outra pessoa poderia ter feito todos os ajustes e levá-los a cabo em ordem.

— Nunca neguei que estivesse no aeroporto com Sampson. Havia muitas outras pessoas no mesmo momento. Você se aferra a uma evidência circunstancial, como qualquer outro tira. E este assunto dos discos nem sequer constitui uma evidência circunstancial. É um argumento circular. Não provou nada a respeito de Betty Fraley e tampouco provou conexão alguma entre nós. Centenas de pessoas têm os seus discos.

Sua voz ainda era fria e clara, resplandecia de candura, mas estava preocupado. Seu corpo estava tenso, como se eu o tivesse obrigado a se meter num lugar reduzido. E sua boca se virara perversa.

— Não será difícil achar uma conexão, disse. — Vocês devem ter sido vistos juntos uma ou outra vez. E não foi você quem a chamou na outra noite quando me viu no Valério com Fay Estabrook? Você não estava realmente procurando Sampson no Piano Selvagem, não é? Você fora ver Betty Fraley. Você me despistou quando me jogou em cima o Puddler. Pensei que estava do meu lado. Tanto que atribuí à estupidez o seu disparo contra o caminhão azul. Você estava avisando a Eddie que se fosse, não é, Taggert? Eu diria que você é um tipo inteligente se não tivesse sujado as mãos com sequestro e assassinato. Uma estupidez como essa cancela a inteligência.

— Se continuar me pondo nomes, disse, — Resolveremos o assunto de outra maneira.

Ainda continuava sentado na cadeira de lona, mas sua mão surgiu de suas costas empunhando um revólver. Era a pistola calibre 32 que eu havia visto antes, uma arma leve, mas suficientemente pesada para me obrigar a que me arrastasse.

— Mantenha as mãos sobre os joelhos, disse.

— Não pensei que confessaria com tanta rapidez.

— Não confessei. Simplesmente estou preservando minha liberdade de ação.

— Matar-me com um tiro não lhe servirá de nada, ou só servirá para terminar na câmara de gás. Abaixe o revólver e falemos novamente disto.

— Não há mais nada do que falar.

— Você está errado como de costume. O que você pensa que tento fazer neste caso?

Não respondeu. Agora que o revólver estava em sua mão, preparado para a violência, seu rosto havia se suavizado e estava relaxado. Era a rosto de uma nova classe de homem, calmo e sem medo, porque não concede valor especial algum à vida humana. Animado e inocente, porque pode fazer o mal quase sem saber. Era dessa classe homens que cresceu e encontrou a si mesmo dentro da guerra.

— Tento encontrar o Sampson, disse. — Se puder trazê-lo novamente para aqui, nada mais importa.

— Se desviou pelo mau caminho, Archer. Você esqueceu o que disse antes: se algo acontecer às pessoas que sequestraram Sampson, será o fim para ele.

— Nada aconteceu a você... Ainda.

— Nada aconteceu a Sampson.

— Onde está?

— Onde não o encontrará a menos que eu queira.

— Você já tem o dinheiro. Deixe-o em liberdade.

— Eu iria fazer isso, Archer. Ia deixá-lo livre hoje. Porém isso terá que se postergar... Indefinidamente. Se algo acontecer a mim... Adeus Sampson.

— Podemos chegar a um acordo.

— Não, disse. — Não poderia confiar em você. Precisamos desaparecer. Não se dá conta de que você arruinou tudo? Você tem a propriedade de arruinar as coisas, mas não tem o poder de garantir que poderemos desaparecer. Nada há que possa fazer com você, exceto isso.

Olhou o revólver, que apontava para a metade do meu corpo, em seguida voltou a me olhar, alheio a mim. A qualquer momento podia disparar, sem preparação prévia, sem ira. Tudo o que precisava fazer era apertar o gatilho.

— Espere, disse. Minha garganta estava tensa. Minha pele parecia ressecada e eu queria transpirar. Minhas mãos aferravam meus joelhos.

— Não vamos prolongar mais isso. Levantou-se e se aproximou.

Senti o peso de meu corpo na cadeira. Um tiro não me mataria, a não ser que tivesse muito má sorte. Entre o primeiro e o segundo poderia alcançá-lo. Enquanto movia meus pés para trás falei rapidamente.

— Se me entregar Sampson, posso garantir que não tentarei capturá-lo e que não falarei. Você terá que correr riscos com os outros. O sequestro é como qualquer outro negócio: alguém precisará correr riscos.

— Correrei, disse. — Porém não com você.

Seu rígido braço se aproximou com o revólver na ponta como um dedo azul. Olhei para as costas dele, para outro lugar que não fosse a direção para a qual me moveria. Estava meio fora da cadeira quando ouvi um tiro. Taggert jazia inanimado quando cheguei a ele. A pistola deslizou de sua mão. Outro revólver havia falado. Albert Graves aparecera no marco a porta com a outra pistola de Taggert na mão.

— Mau, ruim, disse. — Porém precisava ser feito.

O suor corria livre por meu rosto.

* * *

Vinte e Cinco

SEGUREI o corpo de Taggert e o estendi sobre o tapete. Os escuros olhos estavam abertos e brilhavam. Não reagiram ao tato das pontas de meus dedos. O redondo buraco na face direita não apresentava sangue. Graves estava de pé junto a mim.

— Está morto?

— Não desmaiou. Fez um trabalho rápido e belíssimo.

— Era você ou Taggert.

— Eu sei, disse. Não gostei da afirmativa. — Mas teria desejado que retirasse o revólver da mão com um tiro ou que quebrasse um cotovelo.

— Não podia confiar em fazer esse tipo de disparo na atualidade. Perdi a prática do Exército. Sua boca se torceu e elevou uma das sobrancelhas. — É um cínico filho da puta, Lew. Salvei-lhe a vida e ainda critica o método.

— Escutou o que ele disse?

— O suficiente. Sequestrou Sampson.

— Porém não agiu sozinho. Os seus amigos não gostarão disso. Se desfarão de Sampson.

— Sampson está vivo, então?

— De acordo com o que disse Taggert, sim.

— Quem são os outros?

— Eddie Lassiter era um. Betty Fraley é outra. Deve haver mais. Avisará a morte de Taggert à polícia?

— Naturalmente.

— Peça que o mantenham em segredo.

— Não me envergonho disso, Lew, me disse com secura, — Ainda que pareça que você ache isso. Que deveria me envergonhar. Precisava ser feito, e sabe qual é a lei tão bem como eu.

— Veja do ponto de vista de Betty Fraley. Não será o legal. Quando

descobrir o que fez ao seu sócio, irá diretamente onde está Sampson e lhe fará um buraco na cabeça. Por que complicaria a vida mantendo-o vivo? Já está com o dinheiro...

— Tem razão, disse. — Temos que mantê-lo à margem dos jornais e do rádio.

— E precisamos encontrá-lo antes que ela encontre Sampson. É perigosa, e me parece que estava apaixonada pelo Taggert.

— Também ela? Disse, e depois de uma pausa: — Pergunto-me como Miranda reagirá.

— Vai ser duro. Ela gostava dele, não é?

— Tinha uma queda por ele. É uma romântica, você sabe, e terrivelmente jovem, Taggert tinha tudo o que ela queria, juventude, aparência e um condenado recorde de combates. Isto vai traumatizá-la.

— Eu não me traumatizo facilmente, disse, — Mas me pegou de surpresa. Achava que era um bom garoto, um pouco presumido, mas íntegro.

— Não conhece esse tipo de homem como eu, disse Graves. — Já vi o mesmo acontecer a outros garotos; não até semelhante extremo, claro. Saíam do colégio secundário e ingressavam no Exército ou na Força Aérea e iam muito bem. Eram oficiais e cavalheiros com um salário alto, e uma ainda mais alta opinião sobre eles mesmos, e todo o êxito que precisavam para manter a vaidade inchada. A guerra era seu elemento, e quando a guerra terminou, eles também terminaram. Tiveram que voltar a trabalhos civis e a aceitar as ordens de outros civis de idade mediana. Com a caneta na mão ou uma máquina de somar, em lugar de se encontrar num ataque aéreo ou com um revólver. Alguns deles não conseguiram resistir e entraram no mau caminho. Pensavam que o mundo era seu território e não podiam compreender como o haviam arrancado. Quiseram arrebatá-la por sua vez. Quiseram ser livres e felizes e laureados, sem fundamento algum para a liberdade ou a felicidade ou o êxito. E aí seria a sua maneira de voltar a se sobressair.

Olhou para o cadáver que jazia no chão. Seus olhos ainda estavam abertos, focando por cima do teto, para o céu vazio. Agachei-me e os fechei.

— Saiamos daqui.

— Um minuto. Colocou sua mão sobre meu braço. — Quero que me faça um favor, Lew.

— De que se trata? Falava com timidez.

— Temo contar isto a Miranda, não compreenderá como aconteceu na realidade. Sabe o que quero dizer... Me condenaria.

— Quer que eu lhe conte?

— Sei que não é sua namorada, mas agradeceria.

— Posso fazê-lo, disse. — Suponho que realmente me salvou a vida.

Mrs. Kromberg estava passando o aspirador na sala grande. Elevou a vista quando entrei e desligou o aparelho.

— Mr. Graves o encontrou?

— Me encontrou. Seu rosto se crispou.

— Aconteceu algo ruim?

— Já passou. Sabe onde Miranda se encontra?

— Estava no quarto há uns minutos.

Conduziu-me através da casa e me deixou na porta de um quarto cheio de sol. Miranda estava junto a uma janela que dava para o pátio. Tinha jacintos em suas mãos e os ajeitava num vaso. As flores amarelas contrastavam com suas roupas escuras. A única coisa cor em seu corpo era o de um lenço escarlate na gola de seu vestido de lã preta. Seus pequenos e agudos seios se apertavam contra o tecido.

— Bom dia, disse. — Estou expressando um desejo, não fazendo uma afirmação.

— Entendo isso. A pele ao redor de seus olhos estava inchada e ligeiramente azul. — Porém tenho notícias moderadamente boas para você.

— Moderadamente? Levantou seu redondo queixo, mas sua boca permaneceu dolorida.

— Temos alguma razão para pensar que seu pai está vivo.

— Onde está?

— Não sei.

— Então, como sabe que está vivo?

— Não disse que sabia. Disse que pensava. Falei com um dos sequestradores. Aproximou-se com precipitação e agarrou meu braço.

— O que disse?

— Que seu pai está vivo. Sua mão soltou meu braço e segurou sua outra

mão. Seus bronzeados dedos se entrelaçaram e se estiraram entre si. Os jacintos caíram no chão com os cabos quebrados.

— Mas você não pode confiar no que dizem. Naturalmente, dirão que está vivo. O que querem? Falaram-lhe por telefone?

— Falei justamente com um deles. Cara a cara.

— Você o viu e o deixou escapar?

— Não o deixei escapar. Está morto. Chamava-se Alan Taggert.

— Mas isso é impossível. Eu... Seu lábio inferior afrouxou e deixou a descoberto a fileira inferior de seus dentes.

— Por que é impossível?

— Não acredito. Era decente. Sempre foi honesto comigo... Conosco.

— Até que se apresentou a grande oportunidade. Então ele quis o dinheiro mais que alguma outra coisa. Estava disposto a matar para conseguilo. Uma pergunta se insinuou em seus lábios.

— Você disse que Ralph estava vivo?

— Taggert não assassinou o seu pai. Tentou assassinar a mim.

— Não, disse. — Ele não era assim. Essa mulher o modificou. Eu sabia que o arruinaria se ficasse com ela.

— Taggert contou a você acerca dela?

— Claro que me contou. Contava-me tudo.

— E você o amava?

— Eu disse que o amava? Sua boca novamente estava firme e se curvava com orgulho.

— Me pareceu que o amava.

— A esse estúpido idiota? Usei-o durante um tempo. Servia ao meu propósito.

— Basta, disse com violência. — Você não pode me enganar e não pode enganar a si mesma. Fará você pedaços.

Suas mãos ainda estavam imóveis e entrelaçadas, seu alto corpo estava erguido. Erguido como uma árvore arrancada de seu lugar e suspensa ali por um vento contínuo. O vento a empurrou para mim. Seus pés pisaram os jacintos. Sua boca se aproximou da minha. Seu corpo me manteve próximo desde o peito até o joelho, muito longo e não suficientemente largo.

— Obrigado por matá-lo, Archer. Sua voz era angustiada e macia, o tipo de voz que teria uma ferida se pudesse falar. Segurei-a pelos ombros e a

afastei.

— Está errada. Eu não o matei.

— Disse que estava morto, e que tentou assassiná-lo.

— Albert Graves o matou com um tiro.

— Albert? Sua risadinha foi e voltou como um rápido movimento entre a risada e a histeria. — Albert?

— É um atirador experiente... Costumávamos nos exercitar juntos em tiro ao alvo, disse. — Se não fosse ele, não estaria com você aqui, agora.

— E gosta estar aqui comigo, agora?

— Me deixa um pouco doente. Você tenta engolir estas coisas sem se fazer em pedaços, e não vai conseguir superá-las assim.

Seu olhar percorreu meu corpo e sorriu com uma boneca, na medida em que uma jovem bonita pode sorrir cinicamente.

— Sentiu-se doente quando o beijei?

— Você poderia atestar que não. Porém é algo que confunde estar em uma casa com cinco ou seis personalidades contraditórias.

— Algo doente, quer dizer, disse com a cara de boneca.

— Você será a doente se não se acalmar. Descubra o que sente em relação a este assunto, e comece a chorar ou terminará esquizofrênica.

— Sempre fui do tipo esquizoide, disse. — Mas, por que haveria de chorar, Herr Doktor?

— Para ver se consegue.

— Não me leva a sério, não é Archer?

— Não posso correr o risco de colocar uma mão numa árvore caída.

— Meu Deus, disse. — Sou doente, sou esquizoide, sou madeira caída. O que você pensa, na realidade, de mim?

— Não poderia lhe dizer. Teria alguma ideia se você me dissesse aonde foi ontem à noite.

— À noite? A nenhuma parte.

— Soube que você dirigiu muito o Packard vermelho conversível.

— É verdade, mas não fui à parte alguma. Só dirigi. Queria estar comigo a sós para me decidir.

— Acerca do quê?

— Acerca do que farei. Você sabe o que estou por fazer, Archer?

— Não. E você?

— Quero ver Albert, disse. — Onde está?
— No vestiário, onde tudo aconteceu. Taggert também está ali.
— Leve-me aonde está Albert.

O encontramos sentado junto ao morto. O xerife e o promotor do distrito olhavam o rosto de Taggert, que ainda se encontrava descoberto, enquanto escutavam a história de Graves. Os três se puseram de pé quando Miranda entrou. Ela teve que passar por cima de Taggert para chegar até Albert Graves. Fez isso sem dar nem um olhar ao rosto descoberto. Pegou uma das mãos de Graves entre as suas e a levantou até os lábios. Foi a mão direita a que beijou. A que havia atirado.

— Agora me casarei consigo, disse.

Se Graves soubesse ou não, tivera uma razão para dar um tiro na cabeça de Alan Taggert.

* * *

Vinte e Seis

DURANTE meio minuto ninguém falou. Os apaixonados estavam juntos, ao lado do corpo. Os outros permaneciam de pé e os observavam.

— Seria melhor que saíssemos daqui, Miranda, disse Graves finalmente. Olhou o Promotor do Distrito. — Nos desculpam? É preciso avisar Mrs. Sampson do que aconteceu.

— Em frente, Bert, disse Humphreys.

Enquanto um policial tomava notas e outro fotografava o corpo que continuava no chão, Humphreys me interrogou. Suas perguntas cobriram o assunto rápida e diretamente. Contei-lhe quem era Taggert, como havia morrido, e por que tivera que morrer. O xerife Spaner escutava intranquilo e mordiscava um cigarro.

— Precisará haver um interrogatório, disse Humphreys. — Você e Bert se encontram a salvo, claro, Taggert tinha um arma mortal na mão e é óbvio que tentava utilizá-la. Desgraçadamente, este tiro nos deixa em piores condições do que antes. Não temos pistas praticamente.

— Você se esqueceu de Betty Fraley.

— Não esqueci. Porém não a prendemos e, ainda no caso de conseguirmos, não podemos estar certos de que ela saiba onde se encontra Sampson. O problema não mudou e não estamos mais próximos da solução do que ontem. O assunto é encontrar Sampson.

— E os cem mil dólares, disse Spaner. Humphreys elevou a vista com impaciência.

— O dinheiro é coisa secundária, me parece.

— Secundária, sim, mas cem mil dólares em dinheiro é sempre algo

importante. Puxou seu elástico lábio inferior. Seus olhos cinzentos se moveram para mim. — Se você terminou com Archer aqui, queria ter uma conversa com ele.

— Está bem, disse Humphreys friamente. — Preciso regressar à cidade.

Quando ficamos a sós, o xerife se levantou pesadamente e parou defronte a mim.

— Bem? Disse. — Qual é o problema, xerife?

— Talvez você possa me dizer. Cruzou seus largos braços através do peito.

— Contei-lhe tudo o que sei.

— Talvez. Você não me contou tudo o que deveria ter me contado ontem à noite. Soube através de seu amigo Colton esta manhã. Contou-me acerca da limusine que esse Lassiter estava dirigindo; vinha de uma empresa de carros de aluguel em Pasadena, e você sabia. Elevou a voz de repente, como se desejasse me assustar para que eu confessasse. — Você nunca me disse que a havia visto antes, quando a nota dos sequestradores foi entregue.

— Vi uma igual. Não sabia se se tratava do mesmo carro.

— Porém você pensou que fosse. Disse a Colton que era a mesma. Você deu informação a um policial que não podia utilizá-la, porque não tem jurisdição neste distrito. Porém não disse nada a mim, não é verdade? Se o tivesse feito, poderíamos tê-lo capturado. Poderíamos ter evitado esse tiro e recuperado o dinheiro.

— Porém não a Sampson, disse.

— Você não é juiz nisto. Seu rosto ardia de cólera. — Você tomou as rédeas entre suas mãos e interferiu no cumprimento do meu dever. Reteve informação. Logo depois que Lassiter foi baleado, você desapareceu. E ao mesmo tempo desapareceram os cem mil dólares.

— Não gostei da implicação. Levantei-me. Era um homem grande e nossos olhos estavam no mesmo nível.

— Você não gostou. Acha que eu gostei? Não estou dizendo que você tenha roubado o dinheiro... Isso precisará ser provado. Não estou dizendo que você matou Lassiter. Digo que poderia ter feito. Quero seu revólver e quero saber o que estava fazendo quando meu delegado o prendeu ontem no sul. E quero saber o que fez depois disso.

— Estava procurando Sampson.

— Você estava procurando Sampson, disse, com pesada ironia. — E espera que eu acredite.

— Não tem por que acreditar na minha palavra. Não trabalho para você. Inclinou-se para mim, com as mãos sobre os quadris.

— Se quisesse ser desagradável, poderia fazê-lo desaparecer neste mesmo minuto. Minha paciência acabou.

— Não é o que parece, disse, — Você está é sendo desagradável.

— Sabe com quem está falando?

— Com um xerife. Um xerife que tem um caso difícil entre as mãos e não tem ideias. Portanto, tenta encontrar uma vítima. O sangue desapareceu de seu rosto e este ficou branco de fúria.

— Saberão disto em Sacramento, gaguejou. — Quando perder a sua licença...

— Já escutei isso antes. Ainda estou em atividade, e direi por quê. Tenho uma carreira limpa e não empurro os que se encontram ao meu redor exceto se eles começam a me empurrar.

— Então está me ameaçando! Sua mão direita buscou o coldre no quadril. — Você está preso, Archer. Sentei-me e cruzei as pernas.

— Fique calmo, xerife. Sente-se e relaxe. Temos algumas coisas para conversar.

— Falarei com você nos tribunais.

— Não, eu disse. — Aqui. Exceto que você pretenda me levar ante o inspetor de imigração.

— O que tem ele a ver com tudo isso? Levantou as sobrancelhas num esforço por parecer perspicaz, e só consegui parecer mais confuso. — Você é estrangeiro?

— Sou nativo, disse. Há um inspetor de imigração na cidade?

— Não em Santa Teresa. O mais próximo fica no escritório federal de Ventura. Por quê?

— Trabalham muito com eles?

— Bastante. Quando prendo um estrangeiro à margem da lei envio para ele. Está tentando brincar comigo, Archer?

— Sente-se, disse novamente. — Não encontrei o que procurava ontem, mas encontrei outra coisa. É algo que alegraria muito a você e aos inspetores. Ofereço como um presente. Sentou-se numa cadeira. Sua cólera havia se desvanecido subitamente, e cedera passagem à curiosidade.

— De que se trata? Melhor que seja algo bom.

Contei-lhe acerca do caminhão azul com a caçamba fechada, dos homens morenos no Templo, de Troy, Eddie e Claude.

— Troy é o chefe da gangue, estou certo. Os outros trabalham para ele. Andaram fazendo um tráfico regular de pessoas entre a fronteira mexicana e Bakersfield. O extremo sul se encontra, provavelmente, em Calexico.

— Sim, disse Spaner, — É um lugar accessível para cruzar a fronteira. Fiz uma viagem ali com o guarda fronteiriço há dois meses. Tudo o que tem a fazer é se arrastar através de um alambrado, de um caminho ou outro.

— E o caminhão de Troy estaria esperando-os para levá-los. Usavam o Templo nas Nuvens como uma estação receptora para imigrantes ilegais. Deus sabe quantos terão passado por ali. Havia doze ou mais.

— Ainda se encontram ali?

— Com certeza já estão em Bakersfield a estas horas, mas não deve ser difícil dar com eles. Se conseguir prender Claude eu estou certo de que falará.

— Jesus! Disse Spaner. — Se entraram doze em uma noite, isso significa trezentos e sessenta num mês. Você sabe quanto pagam para serem contrabandeados?

— Não.

— Cem dólares pelo menos. Este Troy deve estar ganhando muito dinheiro.

— Dinheiro sujo, disse. — Traz num caminhão punhados de índios, e os deixa livres como trabalhadores imigrantes. Olhou-me com certa estranheza.

— Eles também estão infringindo a lei, não esqueça. Não os perseguimos, exceto se tiverem antecedentes criminais. Só os embarcamos de retorno até a fronteira e os deixamos ir. Porém Troy e sua gangue são outra coisa. O que andaram fazendo dá por uns trinta anos de cadeia.

— Está bem, disse.

— Você não sabe onde ele mora em Los Angeles?

— Gerencia um lugar que se chama o Piano Selvagem, mas não se deixa ver por ali. Contei-lhe tudo o que sei.

Com duas exceções, claro. O homem que eu havia matado, e a ruiva que ainda estaria esperando Eddie.

— Pode esquecer o que lhe disse sobre a prisão. Porém se isto for uma historinha que você me contou, vou lembrar novamente.

Não esperava que me agradecesse e não me desiludi.

* * *

Vinte e Sete

ESTACIONEI na rua dos eucaliptos. As impressões do caminhão ainda eram visíveis entre o pó. Mais além, um sedã verde modelo A, picado de ferrugem, se encontrava estacionado junto a uma cerca. No registro, preso o volante, li o nome. Mrs. Marcela Finch. A luz da lua havia sido bondosa com a branca casa. Era feia, miserável e estava em ruinas sob o sol do meio-dia. Um barco navegava contra o azul do mar. Nada à vista vivia ou se movia exceto o próprio barco e algumas débeis lufadas de vento que balançavam o mato murcho da ladeira da colina. Apalpei meu revólver. O pó seco absorvia meus passos. A porta rangeu ao se abrir parcialmente quando bati. Uma voz de mulher disse tristemente:

— Quem é? Fiquei de lado e esperei, para ver se tinha um revólver. Elevou a voz: — Tem alguém aí?

— Eddie, eu sussurrei. Eddie já não mais usaria seu nome, mas isto era algo difícil de dizer.

— Eddie? Uma precipitada palavra.

Esperei. Seus pés sibilantes cruzaram a casa. Antes que pudesse ver seu rosto na penumbra interior, sua mão direita se agarrou na borda da porta. Debaixo da pintura escarlate de esmalte, suas unhas estavam sujas. Segurei sua mão.

— Eddie! O rosto que apareceu à porta ficou prejudicado com o sol e com uma desesperada esperança. Em seguida pestanejou e viu que não era Eddie.

Havia envelhecido rapidamente em doze horas. Tinha os olhos inchados, a boca com uma prega amarga, a queixo caído. A espera de Eddie

havia lhe drenado a vida. Uma espécie de fúria galvanizada havia se instalado nela. Suas unhas se cravaram em minha mão como as garras de um papagaio. Falou como um papagaio:

— Bastardo!

O insulto me bateu forte, mas não tanto como uma bala. Peguei seu outro pulso e a obriguei a entrar na casa; fechei a porta com o calcanhar. Tentou me dar um chute, em seguida morder meu pescoço. Empurrei-a sobre a cama.

— Não quero machucá-la, Marcie.

Sua boca redonda se abriu em meu rosto. O grito se quebrou num seco soluço. Moveu-se para um lado e se deitou entre os lençóis. Seu corpo se movia num rítmico orgásmico de dor. Fiquei de pé escutando seus secos soluços. Filtrada por sujas janelas e refletida por manchadas paredes e o miserável mobiliário, a luz que entrava no quarto ficava cinzenta. Em cima de um velho rádio a bateria, junto à cama, havia um punhado de fósforos e um maço de cigarros. Depois de um tempo, se sentou, acendeu um cigarro pardo e inspirou profundamente. Sua camisola se entreabrira como se seus seios já não importassem. A voz que surgiu junto com a fumaça era desdenhosa.

— Deveria montar uma cena de gritos, chutes e mordidas, como fazem as mulheres com os policiais?

— Não sou policial.

— Você sabe o meu nome. Esperei toda a manhã por notícias da lei. Olhou-me com frio interesse. — Até onde podem descer vocês, bastardos? Liquidaram Eddie quando nem sequer era perseguido. Depois vem você e me diz da porta que é Eddie. Durante um minuto me fez pensar que o jornal estava errado ou que vocês, bastardos, estavam mentindo. Podem descer mais baixo ainda?

— Não muito, disse. — Pensei que poderia responder ao meu chamado com um revólver.

— Não tenho revólver. Nunca usei um revólver e Eddie tampouco. Você não precisaria rondar por aqui se for verdade que Eddie morreu. Talvez queira dançar alegre sobre sua tumba. A voz neutra se quebrou novamente.

— Talvez eu dance sobre a sua, policial.

— Fique calada durante um minuto. Escute-me.

— Com prazer, com prazer. A voz recuperou sua qualidade metálica. — Você comandará a conversa de agora em diante, mas nada conseguirá de mim.

— Arrie as velas, Marcie. Quero que fale sensatamente.

Riu e me jogou fumaça na cara. Apanhei o cigarro a meio fumar de entre seus dedos e o pisei com o salto do sapato. As garras escarlates procuraram o meu rosto. Retrocedi e ela caiu sobre a cama.

— Você deve estar por dentro, Marcie. Sabia o que Eddie fazia?

— Nego tudo. Ele trabalhava dirigindo um caminhão. Carregava cereal do Vale Imperial. Levantou-se de repente e retirou a camisola. — Leve-me à delegacia e terminarmos. Negarei tudo, mas formalmente.

— Não pertenço à delegacia nenhuma.

Quando levantou os braços para colocar um vestido pela cabeça, seu corpo se ergueu, os seios agora eretos, o ventre tenso e branco. Os pelos de seu corpo eram negros.

— Gostou? Disse. Desceu o vestido novamente com um gesto depravado e alisou o pescoço. Seu cabelo ruivo marcava seu rosto.

— Sente-se, disse. — Não vamos a lugar algum. Vim para lhe dizer uma coisa.

— Então você realmente não é um policial?

— Você se repete como Puddler. Escute o que digo. Quero Sampson. Sou um detetive particular contratado para encontrá-lo. Ele é tudo o que quero... Entendeu? Se você puder dizer onde está, manterei-a a margem de tudo.

— Você é um sujo mentiroso, disse. — Não confiaria num detetive particular nem de qualquer outra espécie. De qualquer maneira, não sei onde Sampson se encontra. Olhei com dureza seus olhos pardos de pássaro. Eram superficiais, inexpressivos. Não podia dizer, a partir deles, se mentia ou não.

— Não sabe onde se encontra Sampson...

— Disse que não sabia.

— Porém conhece quem sabe. Sentou-se na cama.

— Não sei nem de nada. Já lhe disse.

— Eddie não fez isso sozinho. Deve ter um sócio.

— Fez sozinho. Se não fosse assim... Quer que eu seja uma delatora? Trabalharia para os policiais depois do que fizeram a Eddie? Sentei-me no barril que se fazia de cadeira e acendi um cigarro.

— Direi-lhe algo curioso. Eu estava lá quando atiraram em Eddie. Não havia um só policial em dois quilômetros à volta, exceto eu.

— Você o matou? Disse com voz fina.

— Não. Parou num caminho lateral para passar o dinheiro para outro carro. Era um conversível creme. Havia uma mulher dentro. Ela o matou. Onde essa mulher poderia se encontrar agora?

Seus olhos brilhavam úmidos. A ponta vermelha de sua língua se movia através de seu lábio superior e passava pelo inferior.

— Então nos tinha entre as mãos... Disse para si. — Odiava-nos como víboras.

— Sente-se e me diga, Marcie. Onde ela está?

— Não sei de quem você está falando.

— Betty Fraley, disse. Depois de um prolongado silêncio, repetiu:

— Não sei de quem está falando.

Deixei-a sentada na cama e dirigi de volta para o Rincão. Parei no estacionamento da praia e desci a viseira sobre o vidro. Ela conhecia meu rosto, mas não meu carro. Durante meia hora, o caminho de White Beach ficou vazio. Em seguida uma nuvem de pó apareceu no horizonte, levantada por um sedã verde modelo A. Antes que o automóvel dobrasse para o sul, em direção a Los Angeles, vislumbrei um rosto muito pintado, um redemoinho de pele cinzenta, um chapéu agressivamente ladeado com uma pluma azul. A roupa, os cosméticos e meia hora a sós haviam feito muito pela Marcie.

Dois ou três carros mais passaram antes que eu a seguisse. A velocidade máxima do modelo A não chegava a oitenta e era fácil tê-lo à vista. O único problema em dirigir devagar, num dia quente, por uma autoestrada que conhecia muito bem, era me manter acordado. Diminuí a distância entre nós quando nos aproximamos de Los Angeles e o trânsito aumentou. O modelo A deixou a autoestrada no Sunset Boulevard e seguiu através da Pacific

Palisades sem uma pausa. Esforçou-se e lançou uma fumaça azul-escura ao queimar óleo nas ladeiras das montanhas, abaixo de Santa Teresa. No limite de Beverly Hills deixou subitamente a avenida e desapareceu.

Continuei por um caminho ascendente, bordeado de ambos os lados por cercas. O modelo A estava estacionado atrás de um cerca à entrada de um caminho de cascalho. No instante que passei vi Marcie cruzando o jardim indo para um pórtico de ladrilhos, rodeado de flores. Parecia impelida para frente e urgida por uma energia assassina.

* * *

Vinte e Oito

DOBREI na esquina próxima e estacionei à margem do caminho, à espera de que algo, não sei o quê, quebrasse a paz suburbana. Os segundos se empilhavam precariamente, como fichas de um jogo. Tinha a porta do automóvel aberta e um pé na rua quando um motor Ford tossiu. Entrei minha perna e me agachei atrás do volante. O Ford rugiu e retrocedeu, e em seguida parou. Escutei um som mais profundo, e o Buick preto saiu à rua. Um homem que eu não conhecia estava ao volante. Os olhos, em seu rosto gordo, eram como passas em uma massa de pão. Marcie estava ao seu lado no assento dianteiro. Cortinas cinzentas e lúgubres cobriam as janelas posteriores.

Na avenida, o Buick dobrou, de retorno ao mar. Segui-o tão próximo quanto me atrevi. Entre Brentwood e Pacific Palisades dobrou à direita, por um caminho ascendente que levava a um canyon. Tive a sensação de que não economizavam distâncias no caso Sampson. Entramos num lugar que se estreitou ao extremo. O caminho estava cortado na parede oeste do canyon. Debaixo da borda sem cerca havia uma moita de arbustos. Por cima do caminho e à minha esquerda algumas casas dispersas se erguiam em terrenos algo mais limpos. As casas eram novas e pareciam nuas. A ladeira oposta, agreste, estava coberta por carvalhos. De cima de uma lombada vislumbrei o Buick que subia pela próxima colina. Acelerei, cruzei uma estreita ponte de pedra que atravessava um barranco seco e subi a colina atrás dele. Ele andava devagar colina abaixo como um escaravelho grande e preto tenteando o caminho num território desconhecido. Uma nova estradinha virava à direita. O escaravelho diminuiu a marcha e seguiu por ali.

Estacionei atrás de uma árvore, que ocultava o meu carro, e observei o Buick ao longe. Quando não era maior que um escaravelho real parou na

frente de uma casa amarela em miniatura. Uma mulher em miniatura, de cabelo preto, saiu da casa. Dois homens e duas mulheres saíram do automóvel e a rodearam. Os cinco entraram na casa como o corpo de um único inseto com muitas patas. Deixei meu automóvel e subi através dos arbustos até o caule seco dum rio, no fundo do canyon. Serpenteava entre cantos arborizados dos quais fugiam pequenos lagartos quando eu me aproximava. As árvores ao longo do rio me ocultavam da casa amarela até que fiquei diretamente atrás dela. Era uma cabana de madeira sem pintar cujo extremo posterior descansava sobre curtas colunas.

Lá dentro uma mulher gritava, muito forte, uma e outra vez. Os gritos me irritavam os nervos, mas estava agradecido por eles. Cobriam os ruídos que eu fazia ao vir desde o rio e me arrastrar por baixo da casa. Os gritos cessaram depois de um tempo. Eu jazia deitado contra o chão e escutava os movimentos que faziam no piso da casa por cima de mim. O silêncio abaixo da casa parecia estar preparado à espera de outro grito. Senti o olor dos pinhos, da terra húmida, o olor de minha própria transpiração. Uma voz começou a falar acima da minha cabeça.

— Você não entendeu as circunstâncias. Parece acreditar que nosso motivo é puro sadismo ou simples vingança. Na realidade, se estivéssemos inclinados a ter motivos de vingança, poderíamos acreditar que sua conduta os justifica.

— Vá direto ao ponto, por Deus! Disse a voz de Mrs. Estabrook. — Assim não chegaremos a lado nenhum.

— Darei minha opinião, se me permitem. Minha opinião é a de que Betty agiu muito mal. Sem me consultar, se meteu em negócios por sua conta, algo que raras vezes aprovo em meus empregados. Para piorar ainda mais as coisas, realizou com imprudência uma empresa que fracassou. A polícia a procura agora e também a mim, a Fay e ao Luis. Além disso, escolheu um sócio valioso meu como vítima de seu torcido e pequeno plano. E para chegar ao clímax se revelou absolutamente livre, não só do espirit de corps, mas também do afeto fraternal. Atirou contra seu irmão Eddie Lassiter e o matou.

— Já sabemos que engoliu um dicionário, disse Fay Estabrook. — Em frente, Troy.

— Eu não o matei. O miado de um gato ferido.

— É uma mentirosa, ladrou Marcie. Troy elevou a voz.

— Calem-se todos. Esqueçamos o passado, Betty...

— Eu a matarei eu se você não o fizer, disse Marcie.

— Bobagem, Marcie. Fará exatamente o que eu disser. Temos uma probabilidade de recuperação e não permitiremos que nossas mais primitivas paixões a destruam. É que nos procura a oportunidade desta pequena festa, não é verdade, Betty? Não sei onde se encontra o dinheiro, mas, claro, vou descobrir. E quando isto acontecer, terá comprado sua absolvição, para lhe dizer assim.

— Não tem direito a viver, disse Marcie. — Juro que a matarei se você não o fizer. Fay riu desdenhosamente.

— Não tem coragem para isso, querida. Não nos teria chamado se tivesse coragem para fazê-lo sozinha.

— Contenham a língua vocês duas. Troy desceu a voz para a sua amável monotonia habitual. — Sabe que posso manejar a Marcie, não é verdade, Betty? Acredito que agora sabe que posso manejar também a você. Seria melhor que procedesse com dignidade, creio. Se não, sofrerá terrivelmente. Talvez nunca mais possa caminhar. Posso lhe prometer que nunca mais poderá.

— Não falarei, disse ela.

— Porém se decidir cooperar, Troy prosseguiu com suavidade, — E colocar o bem-estar do grupo acima de seus interesses egoístas, fique certa de que o grupo se alegrará em ajudá-la por sua vez. Vamos retirá-la do país nesta noite, de fato. Sabe que Luis e eu podemos fazer isso.

— Não o faria, disse. — Conheço-o, Troy.

— Agora mais intimamente, querida. Retire o outro sapato, Luis.

Seu corpo se retorceu sobre o piso. Podia escutar sua respiração. Um sapato caiu com ruído sobre as madeiras do chão. Calculei minhas probabilidades de terminar com tudo ali. Porém havia quatro, muitos para um só revólver. E Betty Fraley precisava sair com vida. Troy disse:

— Verificaremos o reflexo... Como se diz?... Plantar, creio que se chama assim.

— Não gostei disto, disse Fay.

— Tampouco eu, querida, me aborreço. Porém Betty é tremendamente teimosa.

Um momento de silêncio se estirou como uma membrana a ponto de se romper. Os gritos recomeçaram outra vez. Quando terminaram, descobri que havia mordido a terra.

— Sua reação plantar é excelente, disse Troy. — É uma lástima que a língua não funcione tão bem.

— Me deixará ir se os entregar?

— Tem minha palavra.

— Sua palavra! Suspirou Betty horrivelmente.

— Desejo na realidade que acredite, Betty. Não me dá prazer machucá-la. Não é possível que goste disso.

— Deixe-me me levantar, então. Deixe-me sentar.

— Claro, querida.

— Estão num armário na estação de trem de Boavista. A chave está em minha bolsa.

Tão pronto tive certeza de não ser visto comecei a correr. Quando cheguei ao meu carro, o Buick ainda se encontrava parado na rua, atrás de mim. Desci a colina até a ponte de pedra e subi meio caminho do outro lado. Esperei o Buick com um pé na embreagem e o outro no freio.

Depois de um longo tempo, escutei o barulho do motor, do outro lado da colina. Passei a mudança e deslizei para frente. Segui pela metade do caminho e o encontrei na ponte. Os freios chiaram por cima do barulho da buzina. O pesado automóvel parou a dez centímetros do meu para-choque. Eu estava fora do assento antes que parasse. O homem chamado Luis me olhou por sobre o volante; seu gordo rosto se torceu e reluziu de cólera. Abri a porta do seu lado e mostrei meu revólver. Junto a ele, Fay Estabrook gritou com fúria.

— Fora! Disse. Luis deslizou um pé corno para se lançar sobre mim. Retrocedi. — Cuidado. Mãos na cabeça.

Elevou suas mãos e saltou para o caminho. Um anel com uma esmeralda brilhava, verde, num de seus dedos.

— Você também, Fay. Deste lado. Ela saiu do carro, vacilante sobre os saltos altos. — Agora, deem a volta.

Giraram com precaução, me observando por cima do ombro. Descarreguei a culatra na base da cabeça de Luis. Caiu de joelhos e desmaiou suavemente, rosto no chão. Fay se agachou e protegeu sua cabeça com os braços. Seu chapéu resvalou, desprotegido, sobre um olho. No caminho, sua longa sombra brincava com seus movimentos.

— Coloque-o no assento de trás, disse.

— Você, sujo e pequeno desgraciado, disse. Em seguida disse outras coisas. O ruge se destacava em seus pômulos.

— Rápido.

— Não consigo levantá-lo.

— Precisará fazê-lo. Dei um passo em direção a ela.

Agachou-se sobre o homem caído. Estava inerte e era pesado. Com suas mãos nas axilas dele, levantou a parte superior de seu corpo e o arrastou para o carro. Abri a porta e juntos o içamos para o assento de trás. Ela se levantou ofegante; as cores subiam ao seu rosto. A rústica tranquilidade do canyon cheio de sol mostrava uma estranha cena. Poderiam nos ver naquela altura, como pequenas figuras sob o sol, com sangue e dinheiro em nossas mentes.

— Agora me dê a chave.

— A chave? Franziu uma vez mais as sobrancelhas e fez de seu rosto uma caricatura. — Que chave?

— A chave do armário, Fay. Rápido.

— Não tenho chave alguma. Porém seu olhar havia se virado quase de maneira imperceptível para o assento dianteiro do Buick. Havia uma carteira preta no assento. A chave estava ali. Transferi-a para a minha carteira.

— Suba, disse. — Não. No assento do motorista. Você dirige.

Fez como eu lhe dizia, e eu me coloquei atrás dela. Luis estava afundado no outro extremo do assento posterior. Seus olhos estavam parcialmente abertos, mas em branco. Seu rosto parecia mais que nunca uma massa.

— Não posso passar junto ao seu carro, disse Fay com prepotência. —

Darei uma ré. Fez a mudança com uma sacudida.

— Não tão rápido, disse. — Se tivermos um acidente você não sobreviverá.

Maldisse-me, mas diminuiu a velocidade. Retrocedeu prudentemente colina acima e em seguida para baixo, do outro lado. Na entrada da rua lhe disse que dobrasse e dirigisse de retorno à casa.

— Devagar e com cuidado, Fay. Não se incline sobre a buzina. Não ficaria nada bem sem a espinha dorsal, pois Gêmeos não tem coração.

Toquei-lhe a nuca com o cano do revólver. Resmungou e o automóvel pulou para frente. Descansei todo o meu peso sobre Luis e desci a janela posterior do lado direito. A rua terminava numa pequena clareira, em frente à casa.

— Vire à esquerda, disse, — E pare na frente da porta. Em seguida, buzine.

A porta da casa começou a se abrir para dentro. Desci a cabeça. Quando a levantei novamente, Troy estava na porta, com a mão direita sobre o marco, os nós dos dedos salientes. Vi e atirei. A vinte metros pude ver a marca que fez a bala, como um vermelho e gordo inseto alado, entre a primeira e a segunda articulação de sua mão direita. Antes que sua mão esquerda pudesse se mover através de seu corpo para apanhar o revólver, ficou imóvel durante um instante. Tempo de sobra para chegar até ele e usar novamente a culatra do revólver. Caiu sentado no umbral, e a sua cabeça prateada ficou entre seus joelhos. O motor do Buick rugiu atrás de mim. Fui até Fay, e alcancei-a antes que pudesse partir e a empurrei pelos ombros para fora do carro. Tentou me cuspir e babou o queixo.

— Entremos, disse. — Você primeiro.

Caminhou como bêbada, se balançando sobre os saltos. Troy havia rodado para um lado da porta e estava feito um ovo na pequena varanda, quieto. Passamos por cima dele. O olor de carne queimada ainda perdurava na sala. Betty Fraley estava sobre o chão, com Marcie aferrada na sua

garganta, como um terrier. Empurrei Marcie para um lado. Caiu sentada, batendo com seus saltos no piso, mas não tentou se levantar. Dirigi-me a Fay com o revólver e a obriguei a se dirigir ao canto da sala, junto daquela. Betty Fraley se sentou; a respiração lhe assobiava na garganta. Num dos lados do rosto, desde o cabelo até o maxilar, quatro lanhos paralelos sangravam. O outro lado de seu rosto brilhava amarelo-esbranquiçado.

— É um bonito quadro, disse.

— Quem é você? Sua voz era um grasnado. Seus olhos estavam fixos.

— Não interessa. Saiamos daqui antes que tenha que matar toda essa gente.

— Esse seria um trabalho agradável, disse. Tentou se levantar, mas caiu para frente sobre as mãos e os joelhos. — Não consigo caminhar.

Levantei-a. Seu corpo era leve e duro como lenha seca. Sua cabeça balançava, solta, sobre meu braço. Tive a sensação de segurar uma criança má. Marcie e Fay me observavam do canto. Pareceu-me, então, que o mal era uma qualidade feminina, um veneno que as mulheres segregavam e transmitiam aos homens como uma doença. Levei Betty até o automóvel e a sentei no assento dianteiro. Abri a porta de trás e puxei Luis do carro, jogando-o no chão. Havia espuma em seus gordos lábios azuis: soprava para dentro e para fora com seu alento.

— Obrigado, disse o pequeno grasnido de Betty quando me sentei atrás do volante. — Você me salvou a vida, se é que isso vale algo.

— Não é que valha muito, mas me pagará o favor. O preço é cem mil dólares... E Ralph Sampson.

* * *

Vinte e Nove

ESTACIONEI o Buick no caminho, à entrada da ponte. Quando levantei Betty do assento para retirá-la do carro, seu braço direito escorregou ao redor de meus ombros. Podia sentir seus pequenos dedos em minha nuca.

— Você é muito forte, disse. — Você é Archer, não é verdade? Elevou o olhar para mim com astuta e felina inocência. Não havia se dado conta do sangue que tinha sobre o rosto.

— É hora de que se lembre de mim. Retirei a mão do meu ombro e a deixarei cair. Ela desceu as pálpebras. Quando comecei a movimentar meu carro para trás, gritou de repente:

— O que acontecerá com eles?

— Não temos lugar para levá-los.

— Vai deixá-los ir?

— Para o que quer que os retenha? Para mutilá-los? Encontrei um espaço amplo no caminho e dei a volta rumo a Sunset Boulevard. Seus dedos se afundaram em meu braço.

— Precisamos voltar.

— Já lhe disse que retirasse as mãos de cima de mim. Não gostei do que fez com Eddie mais do que eles.

— Porém eles têm algo que me pertence.

— Não, disse. — Eu tenho, e já não é de você.

— A chave?

— A chave. Afundou no assento como se sua espinha dorsal tivesse se dissolvido.

— Não é possível que os deixe escapar, disse de mau humor. — Depois do que me fizeram. Deixou Troy em liberdade e ele então caçará você.

— Não acho, disse. — Esqueça deles e comece a se preocupar com você

mesma.

— Não tenho futuro algum pelo qual me preocupar, não é?

— Quero ver Sampson primeiro. Depois decidirei.

— Levarei-o até onde ele está.

— Onde se encontra?

— Não muito longe de casa. Está num lugar da praia que fica a uns quarenta quilômetros de Santa Teresa.

— É um caminho direto?

— Direto, Archer. Mas você não me deixará ir embora. Você não aceitará dinheiro, não é?

— Não de você.

— Por que haveria de aceitá-lo? Disse desagradavelmente. — Já tem os meus cem mil.

— Estou trabalhando para os Sampson. Vou devolvê-los.

— Eles não precisam de dinheiro. Por que não fica esperto, Archer? Há outra pessoa metida nisto junto comigo. Essa pessoa nada tem a ver com Eddie. Por que você não guarda o dinheiro e o divide com ele?

— Quem é o homem?

— Não disse que era um homem. Sua voz havia se recuperado da pressão dos dedos de Marcie e modulava as palavras.

— Você não conseguiria trabalhar com uma mulher. Quem é o homem? Ela não sabia que Taggert havia morrido e ainda não era o momento de contar.

— Esqueça. Pensei por um instante que talvez pudesse confiar em você. Devo estar perdendo o juízo.

— Talvez. Ainda não me disse onde Sampson se encontra. Quanto mais tarde falar, menos eu farei por você.

— Está num lugar da praia ao redor de dez quilômetros ao norte de Boavista. Costumava ser o vestiário de um clube da costa que fechou durante a guerra.

— Está vivo?

— Estava vivo ontem. No primeiro dia ficou doente por causa do clorofórmio, mas agora está muito bem.

— Estava ontem, você quer dizer. Está amarrado?

— Não vi. Eddie foi o único que o viu.

— Suponho que você o deixou lá para que morresse de fome.

— Não podia ir lá. Conhecia-me de vista. Eddie era o único a quem

não conhecia.

— E Eddie morreu por desígnio de Deus.

— Não, eu o matei. Disse isso quase com presunção. — Nunca será capaz de provar, com certeza. Não estava pensando em Sampson quando atirei em Eddie.

— Estava pensando no dinheiro, não é? Num divisão entre dois e não entre três.

— Admito que, em parte, foi isso, mas só em parte. Eddie sempre me sacaneou quando eu era mais jovem. Quando, por fim, parei sobre meus próprios pés e comecei a ganhar dinheiro, ele me colocou na prisão. Eu usava droga, mas ele a vendia. Ajudou os policiais contra mim e saiu com uma sentença leve. Ele não sabia que eu conhecia o assunto, mas prometi me vingar. Fiz isso quando ele acreditava que chegaria lá em cima. Talvez não tenha se surpreendido muito. Disse a Marcie onde podia me encontrar se algo saísse mal.

— Sempre termina mal, disse. — O sequestro nunca vem sozinho. Especialmente quando os sequestradores começam a se matar uns aos outros. Dei a volta na avenida e parei no primeiro posto de gasolina. Ela me observou desconectar a chave do carro.

— O que vai fazer?

— Telefonar e pedir ajuda para Sampson. Pode ser que se esteja morrendo e levaremos uma hora e meia para chegar lá. Tem o nome ou o endereço?

— Em sua época se chamava Sunland Beach Club. É um edifício longo e verde. É possível vê-lo da autoestrada, próximo do extremo de um promontório.

Pela primeira vez estava certo de que ela dizia a verdade. Liguei para Santa Teresa do telefone do posto de gasolina, enquanto o empregado enchia o tanque do carro. Podia ver Betty Fraley através da janela. Felix atendeu o telefone.

— Residência dos Sampson.

— Fala Archer. Mr. Graves está aí?

— Sim, senhor. Vou chamá-lo. Graves atendeu o telefone.

— Onde diabos está?

— Em Los Angeles. Sampson está vivo, ou pelo menos estava ontem.

Está preso no vestiário de um clube chamado Sunland. Conhece?

— Costumava ir lá. Está fechado há anos. Sei aonde é, ao norte de Boavista, na autoestrada.

— Precisa chegar lá o quanto antes possível com ajuda e alimentos. Será melhor que leve também um médico e o xerife.

— Está em mal estado?

— Não sei. Está só desde ontem. Chegarei no lugar o mais rápido que puder.

Desliguei e liguei para Peter Colton. Ainda estava no serviço.

— Tenho algo para você, disse. — Em parte para você e em parte para o Departamento de Justiça.

— Outra dor de cabeça, sem dúvida. Não parecia se alegrar ao me ouvir. — Este caso Sampson é o prato do século.

— Era. Fecho-o hoje. Sua voz caiu uma oitava inteira.

— Diga novamente, por favor.

— Sei onde Sampson se encontra, e tenho o último dos sequestradores aqui comigo.

— Não me engane, pela vida de Cristo! Desembuche. Onde está?

— Fora do seu território, no Distrito de Santa Teresa. O xerife de Santa Teresa se dirige, agora, para onde se encontra Sampson.

— De modo que me ligou para fanfarronar, pobre bastardo narcisista. Pensei que tinha algo para mim e para o Departamento de Justiça.

— Tenho, mas não é o sequestro. Sampson não foi levado para fora do estado, de modo que o FBI está fora disso. O caso terá, com certeza, consequências. Existe um canyon que desemboca na Sunset, entre Brentwood e Palisades. O caminho que leva até ele é o Hopkins Lane. Ao redor de cinco quilômetros para dentro há um Buick sedã preto no caminho, e se continuar, caminho abaixo, vai chegar numa cabana de madeira de pinho. Há quatro pessoas lá dentro. Uma delas é Troy. Quer você saiba ou não, o Departamento de Justiça anda atrás dele.

— Por que causa?

— Contrabando ilegal de imigrantes. Estou apertado. Falei o suficiente?

— No momento, sim, disse. — Hopkins Lane.

Betty Fraley me olhou em branco quando retornei ao carro. O

entendimento voltou aos seus olhos como uma serpente que surge de sua cova.

— Pequeno homem e agora? Disse.

— Fiz-lhe um favor. Liguei para a polícia para que capturem Troy e os outros.

— E eu?

— Estou salvando-a. Virei na Sunset para a autoestrada 101.

— Serei a evidência contra ele, disse.

— Não é necessário que você faça isso. Posso conseguir sozinho.

— Pelo contrabando?

— Sim. Troy me desiludiu. Trazer mexicanos de caminhão é um negócio de muito pouca monta para um cavalheiro do crime. Precisaria vender o conto de Hollywood aos visitantes.

— Recebia bem. Era pago duas vezes. Tomava o dinheiro dos pobres insetos para a viagem, em seguida os entregava nos ranchos a um tanto por cabeça. Os mexicanos não sabiam, mas eram vendidos como escravos. Desse modo Troy conseguia a proteção de alguns policiais locais. Luis contava à polícia mexicana do outro lado.

— Sampson comprava escravos de Troy?

— Sim, mas será impossível provar. Sampson era muito cuidadoso e se mantinha sempre à margem.

— Não foi suficientemente cuidadoso, disse. Depois disso, ela permaneceu calada.

Quando dobrei para o norte na autoestrada notei que estava muda pela dor.

— Há uísque no porta-luvas. Pode usá-lo para limpar as queimaduras e os arranhões de seu rosto. Ou pode bebê-lo. Seguiu ambas as sugestões e em seguida me ofereceu a garrafa aberta.

— Não, eu não.

— Porque eu bebi primeiro? Todas as minhas doenças são mentais.

— Não quero.

— Não gosta de mim, não é?

— Esse veneno não é bebida para mim. Não que você não tenha algo bom. Parece que o cérebro funciona, num nível baixo, claro.

— Obrigado por nada, meu amigo intelectual. E não sou virgem, se quer saber. Não sou desde os onze anos. Eddie vislumbrou a probabilidade de ganhar alguns dólares. Porém nunca ganhei a vida do cinto para baixo. A música me salvou.

— Lástima que não a tenha salvado disto.

— Me joguei. Não funcionou. O que o faz pensar que eu me preocupo com alguma coisa?

— Você se preocupa por essa outra pessoa. Quer que ele receba o dinheiro, sem se importar com o que aconteça a você.

— Disse que esquecesse isso. Depois de uma pausa falo: — Poderia me deixar ir e guardar o dinheiro. Nunca mais terá a oportunidade de ter cem mil dólares.

— Tampouco você, Betty. Nem Alan Taggert.

Articulou um grunhido de surpresa e choque. Quando recuperou a fala disse em tom hostil:

— Está brincando comigo. O que você sabe de Taggert?

— O que ele me contou.

— Não acredito. Nunca lhe contou nada. Corrigiu-se. — Não sabe nada que possa contar.

— Sim sabia.

— Aconteceu-lhe algo?

— A morte. Tem um buraco na cabeça, como Eddie.

Começou a dizer algo, mas as palavras se quebraram por um fluxo de choro; um choro forte e arrastado que cedeu lugar a secos soluços. Depois de um tempo, sussurrou:

— Por que não me disse que estava morto?

— Você não me perguntou. Você era apaixonada por ele?

— Sim, disse. — Estávamos apaixonados um pelo outro.

— Se estava tão enlouquecidamente apaixonada por ele, por que o arrastou a uma coisa semelhante?

— Não o arrastei. Ele é queria fazer, íamos desaparecer juntos.

— E viverem felizes para sempre.

— Guarde as piadinhas para você.

— Não comprarei sua bela história de amor, Betty. Ele era um garoto e você é uma mulher adulta, de acordo com a experiência. Acredito que você é que se aproveitou dele. Você precisava um tipo decidido e ele era uma presa fácil.

— Não foi assim. Sua voz era surpreendentemente suave. — Ficamos juntos durante meio ano. Foi ao Piano com Sampson na semana seguinte da abertura. Caí e a ele aconteceu o mesmo. Porém ambos estávamos na miséria. Precisávamos de dinheiro para romper o círculo.

— E Sampson representava a fonte óbvia. O sequestro era o método óbvio.

— Não tem por que mostrar simpatia por Sampson. Porém tínhamos outras ideias no princípio. Alan daria em cima da filha de Sampson e faria com que Sampson comprasse seu desaparecimento. Sampson arruinou tudo. Emprestou a Alan numa noite seu bangalô no Valério. Na metade da noite, descobrimos Sampson que, atrás das cortinas do quarto, nos espionava. Depois disso Sampson disse para a filha que se se casasse com Alan a deserdaria. Também queria matar Alan, só que nós sabíamos muito sobre ele.

— Por que não o chantagearam? Essa seria uma melhor linha para vocês.

— Pensamos nisso, mas era muito grande para manejá-lo e tinha os melhores advogados do estado. Sabíamos muitas coisas sobre ele, mas seria duro de provar. Esse Templo nas Nuvens, por exemplo. Como podíamos provar que Sampson sabia para o quê Troy, Claude e Fay o usavam?

— Se sabe tanto sobre Sampson, disse, — É porque ele confiou em você.

— É um tipo difícil. Estava ficando velho e suponho que se sentia acabado. Procurava algo que lhe permitisse se sentir novamente como um homem: a astrologia ou estranhezas concernentes ao sexo, qualquer coisa. A única coisa que o preocupava realmente é a filha. Penso que compreendeu que havia se apaixonado pelo Alan, e nunca o perdoou.

— Taggert poderia ter se apaixonado por ela, disse.

— O que você acha? Sua voz se quebrou. Estava humilde e pequena quando falou novamente. — Não fiz bem algum a ele. Sei disso, não é necessário que você me diga. Não pude evitar, e tampouco ele. Como morreu, Archer?

— Encontrou-se numa encruzilhada e tentou se safar com um revólver. Alguém atirou primeiro. Um homem chamado Graves.

— Gostaria de conhecer esse homem. Você disse que Alan falou. Fez isso?

— Não sobre você.

— Fico feliz, disse. — Onde está agora?

— Na morgue, em Santa Teresa.

— Desejaria poder vê-lo... Uma vez mais.

As palavras brotaram suavemente de um escuro sonho. No silêncio que seguiu, o sonho se dispersou para além de sua mente e projetou sombras tão longas como as que propiciavam o sol no poente.

* * *

Trinta

QUANDO diminuí a marcha ao chegar a Boavista, o crepúsculo suavizava a fealdade dos edifícios e as luzes se acendiam ao longo da rua principal. Notei o galgo de néon na parada de ónibus, mas não parei. Poucos quilômetros além da cidade, a autoestrada convergia novamente para a linha da costa; o vento varria as desabitadas praias. Os últimos vestígios do dia se aderiam à superfície do mar e eram lentamente absorvidos.

— É aqui, disse Betty Fraley. Havia permanecido tão silenciosa que quase havia me esquecido que estava no carro, ao meu lado.

Parei na margem de asfalto da autoestrada, já que não havia recuos. Do lado do oceano o caminho descia para a praia. Um cartaz descolorido pelo tempo prognosticava um desejável desenvolvimento da praia, mas não havia casa alguma à vista. Pude ver o velho clube junto à praia, uma massa de edifícios situados a uns duzentos metros autoestrada abaixo, de cores neutras contra a brilhante brancura das ondas.

— Pode dirigir até embaixo, disse ela, — O caminho continua até o fundo.

— Pensei que não havia estado aqui antes.

— Não desde a semana passada. Examinei o lugar com Eddie quando ele o descobriu. Sampson está em uma das pequenas habitações da ala destinada a vestiários para homens.

— Será melhor que esteja.

Retirei a chave e deixei Betty no carro. À medida que descia, o caminho se estreitava em uma senda tortuosa de capim com buracos profundos de ambos os lados. A passarela de madeira, na frente do primeiro corpo de

edifícios, estava meio caída, e pude ver o mato que crescia através das gretas, sob meus pés. As janelas eram altas, o telhado já viera quase todo abaixo e tudo estava às escuras.

Enfoquei as iguais portas centrais com minha lanterna e vi as inscrições: "Cavalheiros" em uma, "Senhoras", na outra. A da direita, "Cavalheiros", estava parcialmente aberta. Empurrei-a, mas sem muita esperança. O lugar parecia vazio e morto. Exceto pelo inquieto mar não havia ali, nem em torno, sinal algum de vida. Nem sinais de Sampson, nem sinais de Graves. Olhei o relógio, que marcava quinze para as sete. Já fazia mais de uma hora que eu ligara para Graves. Havia tido tempo de sobra para percorrer em seu automóvel os quarenta e cinco quilômetros desde o Desfiladeiro do Cabrillo. Perguntava-me o que havia acontecido a ele e ao xerife.

Iluminei o piso com o facho de luz, coberto de areia e dos detritos dos anos. Em frente a mim havia uma fileira de portas fechadas sobre um corredor de madeira. Dei um passo para a fileira de portas. O movimento atrás de mim foi tão rápido que não tive tempo de dar a volta. "Emboscada" foi a última palavra que relampagueou através de minha consciência antes que desmaiasse.

"Estúpido" foi a primeira palavra quando a minha consciência retornou. O olho de ciclope de uma lanterna elétrica me iluminou como o lívido olho da consciência. Meu impulso foi me levantar e brigar. A profunda voz de Albert Graves inibiu o impulso:

— O que aconteceu?
— Desvie a lanterna.

Sua luz entrou nas órbitas dos meus olhos como facas e em seguida se moveu para a parte posterior da minha cabeça. Iluminou o chão e se ajoelhou junto a mim.

— Consegue se levantar, Lew?
— Sim, posso. Porém permaneci no piso onde estava. — Chegou tarde.
— Deu-me um trabalhão descobrir esse lugar na escuridão.
— Onde está o xerife? Não conseguiu descobri-lo também?

— Havia saído por causa de um caso, internação de um maluco no hospital do distrito. Deixei-lhe uma nota para que viesse até aqui e trouxesse um médico. Não queria perder tempo.

— Parece-me que andou gastando mal uma boa quantidade de tempo.

— Achava que conhecia o lugar, mas devo ter me confundido. Dei-me conta próximo de Boavista. Quando voltei não consegui encontrá-lo.

— Não viu o meu carro?

— Onde? Sentei-me. Um mal-estar bamboleante se movia de trás para frente, como um pêndulo, em minha cabeça...

— Bem no canto, antes de chegar aqui.

— Eu estacionei ali. Não vi seu carro. Apalpei as chaves em meu bolso.

— Está certo disso? Não levaram as chaves do carro.

— Seu automóvel não está lá, Lew. Quem são eles?

— Betty Fraley e quem que me acertou. Deve haver um quarto membro da gangue, encarregado de cuidar de Sampson. Contei-lhe como havia chegado ali.

— Não foi esperto ao deixá-la no carro, disse.

— Três emboscadas em dois dias acabaram comigo.

Levantei-me e descobri que minhas pernas estavam fracas. Ofereceu-me a mão para que me levantasse. Encostei-me contra a parede. Levantou a lanterna.

— Deixe-me olhar a sua cabeça. Os longos planos de seu rosto, à luz vacilante, apareciam sulcados de ansiedade. Estava pesado e velho.

— Mais tarde, disse.

Levantei minha lanterna e me aproximei da fileira de portas. Sampson estava esperando atrás da segunda, um homem velho e gordo afundado num banco contra a parede posterior do cubículo. Sua cabeça estava encaixada no canto. Seus olhos abertos estavam banhados de sangue. Graves se precipitou atrás de mim e disse:

— Deus!

Estendi-lhe a lanterna e me agachei junto a Sampson. Suas mãos e tornozelos estavam amarrados juntos com uma corda, uma das pontas presa a

um grampo na parede. A outra ponta da corda estava afundada no pescoço de Sampson e amarrada debaixo de sua orelha esquerda com um forte nó. Segurei, por trás do corpo, um dos pulsos. Não estava frio, mas não se sentia o pulso. As pupilas, dentro dos vermelhos globos oculares, eram assimétricas. Algo patético sugeria as meias listradas, amarelo, vermelho e verde, sobre os gordos tornozelos mortos. Escutou-se o alento de Graves.

— Está morto?

— Sim. Senti um terrível abatimento, seguido por inércia. — Deveria estar vivo quando cheguei aqui. Quanto tempo estive inconsciente?

— Agora são sete e quinze.

— Cheguei aqui ao redor das quinze para as sete. Tiveram cerca de meia hora para fazer o serviço. Temos que ir.

— E deixar Sampson aqui?

— Sim. A polícia preferirá encontrá-lo assim.

O deixamos na escuridão. Gastei minhas últimas energias em subir a colina. Meu automóvel não estava. Graves estacionara o Studebaker do outro lado da intersecção.

— Para onde? Disse, quando se instalou atrás do volante.

— Boavista. Avisaremos a polícia rodoviária.

Olhei a minha carteira. Esperava que a chave do armário não estivesse ali. Porém estava, no lugar dos cartões. Quem me acertou não tivera a oportunidade de ajustar contas com Betty Fraley. Ou decidiram fugir e deixar o dinheiro. De alguma maneira isso não parecia admissível. Disse a Graves, quando atravessamos os limites da cidade:

— Deixe-me na estação de trem.

— Por quê? Disse-lhe por quê e adicionei:

— Se o dinheiro se encontrar ali, pode ser que voltem por causa dele. Se não está nesse lugar, provavelmente signifique que vieram e forçaram a fechadura. Vamos avisar a polícia rodoviária e depois ir até lá.

Deixou-me junto do cordão de seda vermelha, em frente à estação de trem. Fiquei fora da porta de vidro e olhei para dentro da quadrada e ampla

sala de espera. Três ou quatro homens de terno, encurvados nos bancos gastos, liam jornais. Uns poucos idosos, pareciam idosos à luz fluorescente, conversavam entre eles, reclinados contra as paredes cobertas de cartazes. Uma família mexicana num canto, pai, mãe e uns quantos filhos, formavam uma sólida unidade, como uma equipe de futebol. A bilheteria, debaixo do relógio, no fundo da estação, estava ocupada por uma jovem gordinha com um floreado cordão havaiano. Havia um balcão onde se vendiam frituras, à esquerda; uma ruiva espetada de uniforme estava atrás dele. O lugar dos armários verdes de metal se encontrava sobre a parede da direita.

Pessoa alguma na sala demostrava a tensão que eu procurava. Esperavam coisas ordinárias: a comida, o trem, um encontro, ou a morte súbita. Empurrei a porta de vidro e atravessei o piso de tacos até o lugar dos armários. O número que procurava estava inscrito na chave: vinte e oito. Quando coloquei a chave na fechadura olhei ao redor. Os saltados olhos azuis da mulher do balcão me olhavam sem curiosidade. Ninguém mais parecia se interessar. Havia uma bolsa de praia de lona vermelha no armário. Quando a retirei escutei barulho de papel lá dentro. Sentei-me no banco vazio mais próximo e abri a bolsa. O pacote de papel pardo que continha estava rasgado num canto. Toquei as bordas das notas novas com meus dedos. Coloquei a bolsa sob o braço, me dirigi ao balcão e pedi um café.

— Sabe que tem sangue na camisa? Disse a mulher ruiva.
— Já sei. Gosto dela assim.

Olhou-me como se duvidasse da minha capacidade de pagar. Refreei o impulso que tive de lhe dar uma nota de cem dólares, e joguei dez centavos sobre o balcão. Olhava para a porta enquanto tomava o café, e segurava a xícara com a mão esquerda enquanto a direita estava pronta para puxar o revólver. O relógio elétrico em cima da bilheteria devorava pequenos pedaços de tempo. Um trem chegou e partiu e os ocupantes da sala se desordenaram. O relógio marcava muito lentamente: mastigava sessenta vezes a cada minuto. Ao redor das dez para as oito já era muito tarde para acreditar que eles viriam. Haviam abandonado o dinheiro ou foram por outro caminho. Graves apareceu no marco da porta gesticulando com violência. Esvaziei minha xícara e o segui. Seu automóvel estava estacionado na rua.

— Acharam o seu automóvel, me disse na calçada. — Ao redor de quinze quilômetros ao norte daqui.

— Escaparam?

— Na aparência, um deles conseguiu. A Fraley morreu.

— O que aconteceu aos outros?

— A polícia rodoviária não sabe ainda. Tudo o que tinham era o primeiro relatório, captado pelo rádio.

Percorremos os quinze quilômetros em menos de quinze minutos. O lugar estava delineado por uma fileira de carros e uma multidão de figuras humanas como desenhos chineses à luz dos faróis. Graves quase atropelou um policial que tentava nos fazer seguir agitando uma luz vermelha. Ao saltar do Studebaker pude ver mais além da linha de autos até o limite do facho de luz. Meu automóvel se encontrava ali, a frente destruída. Comecei a correr e abri passagem com os cotovelos através da multidão que se apinhava ao redor do desastre. Um policial de rosto enrugado colocou a mão sobre meu ombro. Retirei-a.

— Este é o meu carro. Seus olhos diminuíram e as rugas se abriram em leque até suas orelhas.

— Está certo? Como se chama?

— Archer.

— É verdade, é seu. Está registrado nesse nome. Chamou um jovem policial que estava de pé, inquieto, junto a sua motocicleta: — Venha aqui, Ollie! O automóvel é deste tipo aqui.

A multidão começou a se reordenar; desta vez o foco de atenção era eu. Quando quebraram o apertado círculo que havia se formado ao redor do carro destruído, pude divisar a figura coberta com uma manta que jazia sobre o chão junto a ele. Empurrei e passei entre um par de mulheres cujos olhos devoravam o espetáculo e levantei um dos extremos da manta. O objeto que estava debaixo estava irreconhecível como ser humano, mas eu o reconhecia por suas roupas.

Dois em uma hora era muito para mim e me revolveu o estômago. Vazio como estava, exceto o café, só senti um gosto amargo. Os dois policiais esperaram até que eu pudesse falar outra vez.

— Esta mulher roubou seu carro? Perguntou o mais velho deles.

— Sim. Chama-se Betty Fraley.

— No escritório disseram que havia um relatório sobre ela...

— Sim. Porém o que aconteceu ao outro?

— Que outro?

— Havia um homem com ela.

— Não quando se esborrachou, disse o policial mais jovem.

— Você não pode estar certo.

— Estou, com certeza. Vi o que aconteceu. Eu fui o responsável, em alguma medida.

— Bom, bom, Ollie. O mais velho colocou a mão sobre o ombro de Ollie. — Fez exatamente o que havia que fazer. Ninguém o culpará.

— De qualquer maneira, disse Ollie abruptamente. — Ainda bem que o automóvel já estava arruinado.

Isso me irritou. O conversível estava arruinado, e seria muito difícil consertar. Mas eu o queria, assim como um jóquei quer o seu cavalo.

— O que aconteceu? Perguntei-lhe com severidade.

— Eu me encontrava a cinquenta quilômetros ao sul daqui, e ia para o norte. Esta dama com o conversível me passou como se eu não me movesse e a persegui. Só quando subi a cento e trinta pude tê-la à vista. Ainda que quando cheguei perto dela continuou direito caminho abaixo. Não me deu atenção quando fiz sinais para que parasse, de modo que a ultrapassei. Desviou-se, tentou me passar pela direita e perdeu o controle do carro. Patinou uns duzentos metros e se espatifou. Quando a retirei de dentro do automóvel estava morta.

Seu rosto estava úmido quando terminou de falar. O mais velho o sacudiu suavemente pelo ombro.

— Não se preocupe, garoto. Precisava fazer cumprir a lei.

— Você está absolutamente certo, perguntei, — De que não viajava no automóvel alguma outra pessoa?

— Só que tenha se esfumaçado... É curioso, adicionou em voz alta e nervosa, — Não havia fogo, mas as plantas de seus pés estavam queimadas. E

não pude encontrar seus sapatos. Estava descalça.

— Isso é curioso, disse. Extremadamente curioso. Albert Graves havia aberto passagem através da multidão.

— Devem ter algum outro carro.

— Então, por que teria que acontecer isto com o meu? Debrucei-me dentro do carro, debaixo do amassado e ensanguentado console, procurando o fio de cobre. Os extremos da ignição haviam sido reconectados com o fio de cobre que eu havia deixado ali de manhã. — Precisou voltar a fazer a conexão para ligar o motor.

— Isso parece mais um trabalho de homem, não é?

— Não necessariamente. Poderia ter aprendido com seu irmão. Todo ladrão de carro conhece o truque.

— Talvez decidiram se separar para fugir cada um para seu lado.

— Talvez, mas não entendi. Ela era suficientemente inteligente para saber que meu automóvel a delataria.

— Preciso preencher o relatório, disse o mais velho dos policiais. — Pode me conceder alguns minutos?

Quando eu respondia a última das perguntas, o xerife Spaner chegou num automóvel com rádio conduzido por um delegado. Os dois desceram e trotaram até nós. O pesado peito de Spaner balançava quase como o de uma mulher quando corria.

— Que aconteceu? Passeou seu olhar de mim a Graves com olhos úmidos e suspicazes.

Deixei-o falar com Graves. Quando ouviu o que aconteceu a Sampson e Betty Fraley, Spaner se voltou para mim.

— Você viu o que aconteceu com a sua intromissão, Archer? Adverti-lhe que trabalhasse sob a minha supervisão! Não estava com humor para escutar isso com tranquilidade.

— Supervisão, para o diabo! Se você tivesse chegado antes onde Sampson estava, ele agora se encontraria vivo.

— Você sabia aonde ele se encontrava e não me disse, latiu. — Me pagará por isso, Archer.

— Sim, já sei. Quando solicitar a renovação da licença. Já me disse isso

antes. Mas, o que dirá a Sacramento sobre sua própria incompetência? Ir ao hospital do distrito para uma internação justo quando o caso explode.

— Não estive no hospital desde ontem, disse. — Do que você está falando?

— Não recebeu minha mensagem sobre Sampson? Há um par de horas?

— Não houve nenhuma mensagem. Não é possível que tente escapulir dessa maneira.

Olhei para Graves. Seus olhos evitaram os meus. Contive-me. Pela autoestrada se aproximava uma ambulância com a sirene ululando; vinha de Santa Teresa.

— Perderam tempo, disse o policial.

— Sabiam que estava morta. Não é urgente.

— Para onde a levarão?

— Para a morgue de Santa Teresa, exceto se alguém a reclamar.

— Ninguém a reclamará. É um bom lugar para ela.

Alan Taggert e Eddie, seu amante e seu irmão, também já estavam lá.

* * *

Trinta e Um

GRAVES dirigia muito devagar, como se o espetáculo da batida tivesse lhe produzido algum efeito. Levamos quase uma hora para regressar a Santa Teresa. Durante esse tempo meditei sobre Albert Graves e em seguida sobre Miranda. Meus pensamentos eram uma pobre companhia. Olhou-me com curiosidade quando entramos na cidade.

— Eu não perderia a esperança, Lew. A polícia tem reais probabilidades de pegá-lo.

— O que quer dizer?

— Ao assassino, claro. O outro homem.

— Não estou certo de que tivesse outro homem. Suas mãos apertaram o volante. Pude ver como se sobressaíam os nós.

— Porém alguém matou Sampson.

— Sim, eu disse. — Alguém o matou.

Observei seus olhos quando se voltaram lentamente para os meus. Olhou-me com frieza durante um longo momento.

— Cuide da condução do carro, Graves.

Voltou novamente seu rosto para a estrada, mas não antes que eu captasse seu olhar envergonhado. Quando a autoestrada cruzou a rua principal de Santa Teresa, parou ante uma luz vermelha.

— Aonde vamos agora?

— Aonde quer ir?

— Não me importa onde.

— Iremos para a casa de Sampson, disse, — Quero falar com Mrs.

Sampson.

— Precisa fazer isso agora?

— Trabalho para ela. Devo-lhe um relatório.

A luz mudou. Nada mais dissemos até que chegamos ao caminho que levava à casa de Sampson. Sua massa escura estava iluminada por umas poucas luzes.

— Não quero ver Miranda se for possível evitar, disse. — Nos casamos nesta tarde.

— Não foi muito rápido?

— O que quer dizer com isso? Tinha pedido a licença há meses.

— Poderia ter esperado que seu pai retornasse para casa.

— Ela quis que fosse hoje, disse. — Nos casamos no registro civil.

— Provavelmente também passará ali a noite de núpcias. A cadeia fica no mesmo edifício, não é?

Não respondeu. Quando parou o automóvel junto da garagem, me inclinei para olhar dentro de seus olhos. Havia engolido a vergonha. Só restara uma resignação de jogador.

— É irônico, disse. — Esta é nossa noite de núpcias, a noite que estive esperando há anos. E agora não quero vê-la.

— Espera que eu o deixe aqui fora entregue a si mesmo?

— Por que não?

— Não posso confiar em você. Era a única coisa homem em que acreditei que poderia confiar... Não pude encontrar palavras para terminar a frase.

— Pode confiar em mim, Lew.

— De agora em diante sou Mr. Archer para você.

— Mr. Archer, então. Tenho um revólver no bolso. Porém não o usarei. Já tive suficiente violência. Entende isso? Estou muito doente por causa de tudo isso.

— Deve estar mesmo, disse, — Com dois assassinatos em seu estômago.

— Por que dois assassinatos, Lew?

— Mr. Archer, disse.

— Não tem por que adquirir esse ar de elevada moralidade. Não

planejei as coisas assim.

— Não muitos podem fazê-lo. Matou Taggert num momento culminante, e improvisou tudo daí para frente. Até que no final ficou descuidado. Poderia ter se dado conta de que eu iria saber de que não chamou o xerife nesta noite.

— Não pode provar que me pediu isso.

— Não preciso provar. É suficiente que eu saiba o que havia feito. Quis ficar a sós com Sampson durante uns momentos. Deveria finalizar o trabalho que os sócios de Taggert não haviam feito por você.

— Pensa seriamente que tive algo a ver com o sequestro?

— Sei bem que não. Porém o sequestro tinha algo a ver consigo. Eximia-lhe de ser um assassino ou proporcionar uma razão para matar Taggert.

— Matei Taggert de boa fé, disse. — Admito que não me entristeci por isso. Miranda gostava muito dele. Porém a razão pela qual o matei foi a sua salvação.

— Não acredito. Invadiu-me uma cólera fria. As estrelas pareciam cristais de neve no céu preto. Derramavam o frio sobre minha cabeça.

— Não planejei isso, disse. — Não tive tempo de planejá-lo. Taggert ia matá-lo com um tiro e eu dei um tiro nele. É tão simples como isso.

— Matar nunca é simples, não quando quem o faz é um homem com o seu cérebro. Está perdido, Graves. Não precisava ter matado. Respondeu-me com aspereza.

— Taggert merecia morrer. Recebeu o que lhe correspondia.

— Porém não no momento certo. Tenho me perguntado quanto escutou o que ele me disse. Deve ter escutado o suficiente para saber que ele era um dos sequestradores. Provavelmente, o suficiente para estar bem certo de que se Taggert morresse seus sócios matariam Sampson.

— Escutei muito pouco. Vi que iria matá-lo de um tiro, e eu o matei. A ironia voltou a sua voz. — Evidentemente cometi um erro.

— Cometeu vários. O primeiro foi matar Taggert... Isso foi o começo de tudo, não é verdade? Não era realmente Taggert a quem pretendia ver morto. Era o próprio Sampson. Nunca quis que Sampson voltasse vivo para casa, e pensou que se matasse Taggert conseguiria o seu propósito. Porém Taggert só tinha uma sócia sobrevivente, e estava escondida. Nem sequer sabia que Taggert havia morrido até que eu lhe disse e não tinha probabilidade de matar Sampson, ainda que, provavelmente, se a tivesse, não

hesitaria em matá-lo. Portanto, foi você quem matou Sampson.

A vergonha e algo que parecia insegurança apareceram novamente em seu rosto.

— Sou um realista, Archer. Você também é. Sampson não representa uma perda para ninguém.

Sua voz havia mudado, de repente ficara superficial e neutra. Tudo nele mudava e se defendia, tentava atitudes ou procurava alguma que o sustentasse.

— Considera o assassinato com muita mais leviandade do que costumava fazer, lhe disse. — Já enviou alguns homens para a câmera de gás por assassinato. Pensou que é lá, provavelmente, onde irá parar?

Tentou sorrir. O sorriso formou profundas linhas ao redor de sua boca e entre os olhos.

— Não tem prova alguma contra mim.

— Tenho a certeza moral e sua própria confissão implícita...

— Porém não a gravou. Nem sequer tem o suficiente para me levar ante o juiz.

— Essa não é a minha tarefa. Você conhece o terreno melhor que eu. Ainda não me explicou por que precisava matar Sampson.

Ficou silencioso durante um momento. Quando falou, a voz havia mudado novamente. Era cândida e, de alguma maneira, jovem, a voz do homem que havia conhecido há anos.

— É estranho que diga que eu precisava fazê-lo, Lew. Isso foi o que experimentei. Precisava matá-lo. Não resolvi até que encontrei Sampson só no vestiário. Nem sequer falei com ele. Vi o que podia fazer e, uma vez que o vi, matei-o, gostasse ou não.

— Parece-me que gostou.

— Sim, disse, — Gostei de matá-lo. Agora não posso suportar o pensamento.

— Não é muito superficial em relação consigo? Não sou um analista, mas sei que tinha outros motivos. Mais óbvios e não tão interessantes. Casou-se nesta tarde com uma jovem que era potencialmente muito rica. Se seu pai morresse ela seria definitivamente rica. Não me diga que não se deu conta de que você e sua noiva passaram a valer cinco milhões de dólares nestas últimas duas horas.

— Sei muito bem, disse. — Porém não são cinco milhões. Mrs. Sampson recebe a metade.

— Havia me esquecido dela. Por que não a matou também?

— Vai muito longe.

— Mais longe foi você com Sampson, por um miserável milhão. A metade da metade de seu dinheiro. Não estará se transformando num um ladrão, Graves? Ou planejava assassinar Mrs. Sampson e Miranda mais à frente?

— Sabe que isso não é verdade, disse com voz neutra. — O que acha que eu sou?

— Não me decidi ainda. É um homem que casou com uma jovem e matou o seu pai no mesmo dia para transformá-la em herdeira. Qual é o problema, Graves? Não a queria sem um dote de um milhão de dólares? Pensei que estava apaixonado por ela.

— Deixe-me. Sua voz estava atormentada. — Deixe Miranda fora disso.

— Não posso. Se não fosse por Miranda, teríamos algo mais para falar.

— Não, disse. — Não temos nada mais para falar.

Deixei-o sentado no carto, sorrindo com seu petrificado sorriso de jogador. Minhas costas ficaram descobertas quando cruzei o caminho de cascalho para a casa e ele tinha um revólver no bolso, mas não me virei. Acreditei nele quando disse que estava doente de violência. As luzes estavam acesas na cozinha, mas ninguém respondeu ao meu chamado. Dirigi-me ao elevador. Mrs. Kromberg estava no hall de cima quando desemboquei nele.

— Aonde vai?

— Preciso ver Mrs. Sampson.

— Não é possível. Esteve terrivelmente nervosa durante todo o dia. Tomou três drágeas de nembutal há uma hora.

— Isto é importante.

— Muito importante?

— O que ela esperava.

A compreensão relampagueou em seus olhos, mas era muito boa servidora para me perguntar algo.

— Verei se está adormecida. Foi até a fechada porta do quarto de Mrs. Sampson e a abriu silenciosamente. Um sussurro temeroso vindo do interior perguntou:

— Quem está ali?

— Kromberg. Mr. Archer disse que precisa vê-la. Disse que é muito importante.

— Muito bem, disse o sussurro. Uma luz acendeu. Mrs. Kromberg retrocedeu para me deixar entrar.

Mrs. Sampson se reclinou sobre seus cotovelos, piscando. Seu rosto bronzeado estava embotado e cheio de sono ou do desejo de sono. Os escuros bicos de seus seios, através do pijama de seda, pareciam tristes olhos. Fechei a porta atrás de mim.

— Seu marido morreu.

— Morreu, ela repetiu.

— Não parece surpresa.

— E deveria? Você não sabe os sonhos que tive. É terrível não poder acalmar a mente, ter pesadelos sem chegar a adormecer. As visões foram tão vívidas nesta noite... Vi seu rosto inchado pelo mar, tentando me devorar.

— Escutou o que disse, Mrs. Sampson? Seu esposo morreu. Foi assassinado há duas horas.

— Escutei. Eu sabia que sobreviveria a ele.

— É isso tudo o que significa a sua morte para você?

— Que outra coisa poderia significar? Sua voz era confusa e estava vazia de sentimentos, uma voz sibilante que vagava sem rumo no profundo canal entre o sono e a vigília. — Já enviuvei uma vez, e então senti muito. Quando mataram Bob chorei durante dias. Não tenho pena por seu pai. Queria que morresse.

— Seu desejo se cumpriu, então.

— Nem todo o meu desejo. Morreu muito rápido, ou não suficientemente rápido. Todo o mundo morreu muito rápido. Se Miranda

tivesse se casado com o outro, Ralph teria modificado o testamento e tudo seria para mim. Olhou para mim arteiramente. — Sei o que deve estar pensando, Archer. Que sou uma mulher má. Mas, não sou realmente má. Tenho tão pouco, não é verdade? Preciso cuidar do pouco que tenho.

— A metade de cinco milhões de dólares, disse.

— Não é o dinheiro. É o poder que ele dá a alguém. Preciso muito. Agora Miranda irá e me deixará, completamente só. Venha e sente junto a mim durante um minuto. Tenho temores tão terríveis antes de conciliar o sono! Você acha que terei de ver esse rosto todas as noites antes de adormecer?

— Não sei, Mrs. Sampson.

Deu-me pena, mas os outros sentimentos eram mais fortes. Dirigi-me à porta e a fechei em sua cara. Mrs. Kromberg ainda estava no hall.

— Escutei quando você disse que Mr. Sampson morreu.

— É verdade. Mrs. Sampson está muito embotada para poder falar. Você sabe onde Miranda se encontra?

— Em algum lugar lá em baixo, creio.

Encontrei-a no living, abraçada as pernas que estavam sobre uma banqueta junto ao fogo. As luzes estavam apagadas e através da grande janela central pude ver o escuro mar e o horizonte de prata. Elevou a vista quando entrei, mas não se levantou para me cumprimentar.

— É você, Archer?

— Sim. Tenho algo para lhe dizer.

— Encontrou-o? Uma tora que ardia no fogo iluminou seu rosto e pescoço como uma tinta rosa. Seus olhos eram grandes e profundos.

— Sim. Morreu.

— Sabia que estava morto. Estava morto desde o princípio, não é?

— Desejaria poder dizer que sim.

— O que quer dizer? Posterguei as explicações.

— Recuperei o dinheiro.

— O dinheiro?

— Isso. Joguei a bolsa a seus pés. — Os cem mil.

— Não me importa o dinheiro. Onde o encontrou?

— Escute, Miranda. Agora se encontra sozinha.

— Não totalmente, disse. — Casei-me com Albert nesta tarde.

— Já sei. Ele me contou. Porém você terá que sair desta casa e cuidar de você mesma. A primeira coisa que precisará fazer é guardar esse dinheiro. Custou-me muito trabalho recuperá-lo, e é possível que você precise de parte do mesmo.

— Onde o guardarei?

— No cofre do estúdio, até que possa depositá-lo num banco.

— Muito bem. Levantou-se com uma súbita decisão e se encaminhou para o estúdio. Seus braços estavam rígidos e seus ombros levantados como se estivessem resistindo a uma forte pressão para baixo.

Enquanto ela abria o cofre ouvi que um automóvel descia o caminho. Voltou-se para mim com um movimento de súplica.

— Quem era?

— Albert Graves. Trouxe-me até aqui.

— Por que ele não entrou também? Juntei todas minhas reservas de coragem e lhe disse:

— Ele matou seu pai, hoje. Sua boca se moveu sem alento e em seguida reforçou as palavras.

— Você está brincando, não é? Não poderia ter feito isso.

— Mas fez. Refugiei-me nos fatos. — Descobri nesta tarde o lugar onde seu pai estava. Telefonei a Graves de Los Angeles e lhe disse que se dirigisse para lá o quanto antes possível, com o xerife. Graves chegou ao lugar antes de mim e sem o xerife. Quando cheguei, não havia sinais dele. Havia estacionado o automóvel em algum lugar escondido e se encontrava ainda dentro do edifício com seu pai. Quando entrei, me golpeou pelas costas e eu desmaiei. Quando voltei a mim, fingiu que tinha chegado naquele momento. Seu pai já estava morto, mas o corpo ainda estava quente.

— Não posso acreditar que Albert tenha feito isso.

— Precisará acreditar.

— Como vai demonstrar isso?

— Deverá haver uma prova técnica. Não tive tempo, ainda, de procurá-la. Tocará à polícia provar o fato. Ela desabou num sofá de couro.

— Tantas pessoas morreram. Meu pai, Alan...

— Graves matou ambos.

— Porém matou Alan para salvá-lo. Você me disse...

— Foi uma morte complexa, disse, — Um homicídio justificável e algo mais. Não precisaria ter matado Taggert. É um bom atirador. Poderia tê-lo ferido. Porém queria que Taggert morresse. Tinha suas razões.

— Que razões possíveis?

— Penso que você conhece uma. Levantou o rosto para a luz. Pareceu-me que havia feito uma escolha entre uma quantidade de coisas diferentes e havia se definido pela ousadia.

— Sim, eu conheço. Eu estava apaixonada pelo Alan.

— Porém planejava se casar com Graves.

— Não havia resolvido isso até aquela noite. Iria me casar com alguém e ele parecia ser esse alguém. "Antes casar que se abraçar".

— Ele apostou você e ganhou. Porém a outra coisa que havia apostado não aconteceu. O cúmplice de Taggert não matou o seu pai. Portanto, o próprio Graves o matou. Passou a mão sobre os olhos e a testa. As veias azuis de sua testa eram jovens e delicadas.

— É horrível, disse, — Não posso entender por quê.

— Pelo dinheiro.

— Porém nunca havia se importado com o dinheiro. É uma das coisas que sempre gostei nele. Retirou a mão do rosto e pude ver que sorria amargamente. — Não fui muito inteligente em minhas admirações.

— É possível que tivesse uma época em que Graves não se preocupava com dinheiro. É possível que existam lugares onde tenha se comportado assim. Mas Santa Teresa não foi um deles. O dinheiro é o sangue desta cidade. Se alguém não o tem, só vive pela metade. Deve ter se exasperado ao trabalhar para milionários e manejar seu dinheiro sem ter nada que lhe pertencesse. De repente, viu a oportunidade de se transformar ele mesmo em milionário. Deu-se conta de que queria dinheiro mais do que a qualquer outra coisa no mundo.

— Você sabe o que quero neste momento? Disse. — Desejaria não ter dinheiro nem sexo. Ambas as coisas me fizeram muito mais mal do que bem.

— Você não pode culpar o dinheiro pelo que produz nas pessoas. O mal está nas pessoas, e o dinheiro é o pretexto que utilizam. Ficam loucos pelo dinheiro quando perdem os outros valores.

— Pergunto-me que aconteceu ao Albert Graves que conheci.

— Ninguém sabe. Ele mesmo não sabe. O que importa agora é o que lhe acontecerá.

— Você tem que contar à polícia?

— Contarei. Será mais fácil para mim se você estiver de acordo. Mais fácil para você, a longo prazo, também.

— Pede-me que divida a responsabilidade, mas realmente não se importa com o que penso. De qualquer maneira você lhes contará. Mas admite que não tem prova alguma. Moveu-se, inquieta, na cadeira.

— Ele não negará se for acusado. Você o conhece melhor que eu.

— Achava que o conhecia bem. Agora tenho incerteza a respeito de... Tudo.

— Por isso precisa me permitir agir. Você tem que resolver suas dúvidas, e não pode resolvê-las não fazendo nada. Tampouco pode continuar vivendo na incerteza.

— Não estou certa de que tenha que continuar vivendo.

— Não se faça de romântica, lhe disse com aspereza. — Condoer-se por si não é o caminho. Você teve muito má sorte com dois homens. Acredito que você é uma jovem suficientemente forte para suportá-lo. Já lhe disse que precisava enfrentar à vida. Você está liberada para você mesma.

Inclinou-se para mim. Seus seios penderam, vulneráveis e suaves, sua boca era macia.

— Não sei como começar. O que farei?

— Venha comigo.

— Com você? Quer que vá com você?

— Não tente se apoiar em mim, Miranda. Você é uma jovem encantadora, mas não é o meu ideal. Venha comigo e falaremos com o Promotor do Distrito. Deixaremos que ele decida.

— Muito bem. Iremos falar com Humphreys. Sempre foi íntimo de Albert.

Dirigiu caminho acima, com forte vento, até a meseta. Quando parou em frente ao bangalô de madeira vermelha de Humphreys, outro automóvel estava estacionado na calçada.

— Esse é o automóvel de Albert, disse. — Por favor, entre você. Não quero vê-lo.

Deixei-a no carro e subi os degraus até a varanda. Humphreys abriu a porta antes que eu pudesse bater. Seu rosto mais que nunca parecia uma caveira. Saiu à varanda e fechou a porta atrás de si.

— Graves está aqui, disse. — Apareceu há alguns minutos. Contou-me que assassinou Sampson.

— O que você fará?

— Chamei o xerife. Está a caminho. Percorreu com seus dedos seu cabelo ralo. Seus gestos, como sua voz, eram leves e distantes, como se a realidade tivesse ido para além de seu alcance. — Isto é algo trágico. Achava que Albert Graves era um bom homem.

— O crime a miúdo se dissemina assim, disse. — Como uma epidemia. Já terá visto isso alguma vez antes.

— Não num de meus amigos. Ficou silencioso durante um momento. — Bert falava, há um minuto, de Kierkegaarde. Citou algo sobre a inocência. A inocência é como estar na borda de um profundo abismo. É impossível olhar para o abismo sem perdê-la. Uma vez que se olhou, é culpado. Bert disse que ele olhou, que era culpado antes de assassinar Sampson.

— Está sendo superficial consigo, disse. — Não olhou para baixo; olhou para cima. Para as casas das colinas onde vive o grande dinheiro. Pensava engrandecer, mudar, com um quarto dos milhões de Sampson. Humphreys respondeu lentamente:

— Não sei. Nunca se preocupou muito com dinheiro. Ainda não se preocupa com ele, eu acredito. Porém algo aconteceu. Odiava Sampson, mas também o odiavam muitos outros. Sampson fazia com que todo aquele que trabalhasse para ele se sentisse como um tapete. Porém era algo mais profundo do que isso em Graves. Havia trabalhado duramente toda a vida e de repente se arruinou. Perdeu o significado para ele. Já não acreditava na justiça ou na virtude, nele ou no mundo. É por isso que deixou a promotoria, como você deve saber.

— Não sabia.

— Finalmente golpeou cegamente o mundo e matou um homem.

— Não cegamente. Muito arteiramente.

— Muito cegamente, disse Humphreys. — Nunca vi um homem num estado tal de miséria como o que Albert Graves se encontra agora.

Retornei para junto de Miranda.

— Graves está aqui. Você não estava de todo errada a respeito dele. Decidiu fazer o correto.

— Confessou?

— Foi muito honesto fanfarronar por aqui. Se ninguém tivesse suspeitado dele, poderia ignorar tudo. Porém ele sabia que eu sabia. Veio até Humphreys e lhe contou a história.

— Alegro-me de que o tenha feito. Renegou isto num instante depois com os sons que emitiu. Profundos e estremecedores soluços a abateram sobre o volante.

Retirei-a do assento e eu mesmo dirigi. Quando descíamos pela colina pude ver as luzes da cidade. Não pareciam totalmente reais. As estrelas e as luzes das casas tinham brilhos de fogo, chispas de fogo gelado suspensas da preta abóbada. O real em meu mundo era a jovem junto a mim, trêmula e desamparada.

Poderia ter posto meus braços ao redor dela e tê-la tomado. Estava tão perdida, tão vulnerável. Mas, se fizesse isso, teria me odiado em uma semana. Em seis meses eu poderia ter odiado Miranda. Deixei minhas mãos quietas e deixei que ela lambesse suas feridas. Usava meu ombro para chorar como teria usado o de qualquer outro. Seu choro se aquietava num ritmo lento, encaminhando-a para o sono.

O automóvel do xerife nos passou ao pé da colina, se dirigindo para a casa onde Graves esperava.

Fim



Estrada dos livros

Me dê um livro, que eu lhe dou um sonho